UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Isabelle Pereira Soares

Entre Redes e Memórias: Proposta de Requalificação Urbanística da Orla do Jaraguá-Maceió/AL

PAU DOS FERROS/RN
2025

Isabelle Pereira Soares

Entre Redes e Memórias: Proposta de Requalificação Urbanística da Orla do Jaraguá-Maceió/AL

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Antonio Carlos Leite Barbosa, Prof Dr.

PAU DOS FERROS/RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S676e Soares, Isabelle Pereira.
Entre redes e memórias: proposta de requalificação urbanística da Orla do Jaraguá-Maceió/AL / Isabelle Pereira Soares. - 2025.
146 f. : il.

Orientador: Antonio Carlos Leite Barbosa.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2025.

1. Comunidades tradicionais. 2. Desenho urbano. 3. Requalificação urbana. 4. Orla marítima. 5. Memória coletiva. I. Barbosa, Antonio Carlos Leite, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automáto em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Isabelle Pereira Soares

Entre Redes e Memórias: Proposta de Requalificação Urbanística da Orla do Jaraguá-Maceió/AL

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 05 / 07 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Antonio Carlos Leite Barbosa, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Athirson Pascoal Aquino Nascimento, Prof. (UFERSA)
Membro Examinador

Pedro Henrique de Araújo Silva, Arquiteto e Urbanista (Externo)
Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Em memória ao meu padrasto Ednaldo, aquele que sempre incentivou o meu crescimento no início de tudo e, hoje, expresso minha imensa gratidão por também ter feito parte dessa conquista.

Aos pescadores e marisqueiras do Jaraguá que dividiram comigo um pouco de sua luta, dando exemplo de resistência e coragem.

A minha família, em especial minha mãe Iolanda, minha irmã Yanne e meu pai José Demilson, por me apoiarem e lutarem incansavelmente para que eu pudesse realizar esse sonho.

A minha avó Jovelina Pereira, que me ensinou tudo que sei sobre força, amor e ternura.

AGRADECIMENTOS

Escrevo estes agradecimentos com lágrimas que escorrem continuamente, como um misto de sentimentos entre gratidão e apego, por todo o caminho percorrido até aqui. Primeiramente agradeço a Deus por ter me sustentado e protegido em meio a todas as adversidades, dificuldades e dúvidas que me fizeram duvidar do seu propósito.

O apoio e a resiliência da minha mãe, Iolanda, foram essenciais para acreditar que tudo iria dar certo, seu esforço sem medidas, sua preocupação, seu cuidado e suas orações pedindo que eu retornasse em segurança para casa certamente foram a minha força motriz nestes anos de graduação. A minha irmã, Yanne, não consigo expressar palavras suficientes que agradeçam por me guiar sempre pelo melhor caminho, encarar essa missão junto comigo e me abrir as portas do mundo, por ter sido uma base tão sólida em casa enquanto estive fora, obrigada. Ao meu pai, José Demilson, por me permitir sonhar fora da caixa e mesmo com medo, garantir que sempre daríamos um jeito. Aos meus tios e primos próximos, pela torcida, conselhos e bons presságios cada vez que nos víamos. A todos aqueles que de alguma forma partilharam desse ambicioso sonho.

Aos meus amigos de mais longa data, Deborah, Maria Luiza e Dalton, que me acompanham e incentivam em todas as etapas da vida, sendo o meu refúgio em todos os momentos. Ao grupo de amigos que construí no IFAL, pelo carinho, apoio e vivências compartilhas, bagagem essencial que carrego comigo e a qual iniciei o curso com a motivação e o brilho no olhar que aprendi a ter com vocês no ambiente de ensino federal.

Em especial a João Victor, um amigo e irmão de coração que a vida me presentou ainda no ensino médio, exemplo de garra nos estudos e meu porto seguro nos dias bons e ruins, suas chamadas de vídeo sem aviso sempre me levaram de volta pra casa e me lembraram do quão necessária, importante e válida seria essa luta. E que sempre estaria me esperando de braços abertos, com carinho e escuta ativa, não só durante o processo, mas também no final dele para comemorarmos juntos essa conquista.

Aos amigos que fiz através do curso, como carinhosamente nos referimos à 'gestão', sem a rede de apoio que criamos tenho certeza que a conclusão dessa etapa não teria sido possível. Obrigada por cada momento vivido, cada gargalhada, cada surto acadêmico, cada virada, cada fofoca, cada festa, cada viagem, cada mínimo momento de descontração com vocês será levado em meu peito com muito amor e apreço, como uma boa lembrança da família que me abraçou em Pau dos Ferros. Deixo meus agradecimentos mencionando cada um rapidamente.

À Ferdnando, meu confidente mais próximo, carne e unha, quem dividiu os anseios e as alegrias comigo dentro da faculdade, mas fora dela também. Expresso minha gratidão por me

ensinar que a amizade vai muito além do que eu imaginava, nunca ter me desamparado e ter feito da sua casa, família e amigos os meus também. Com ele aprendi que tudo merece ser celebrado e visto com grandeza, intensidade e com a urgência de quem sabe que o tempo não espera. Que viver é estar inteiro no agora, e mesmo quando não estivemos inteiros tínhamos um ao outro e isso bastava.

À Mirella, quem me acompanhou no pontapé de morar em uma cidade nova, desconhecida, e começar do zero. Seu cuidado, carinho e empenho foram combustível todos os dias que estivemos juntas. À Rodrigo, por dividir sua energia comigo, ser o acalento dos dias difíceis, o abraço que tira o peso e que recarrega o peito. Seu olhar atento e escuta ativa me salvaram muitas vezes. À Dayane, por se fazer lar e presença constante nestes dias, sinônimo de compreensão, seja em um silêncio compartilhado ou em um riso que explodia do nada.

À Vitória Régia, Isis Sofia e Geovana, por compartilharem de sua doçura, gentileza e imensidade no peito, me presenteando também com os aprendizados e conhecimentos nas disciplinas. À Diego e Erivan, por carregarem um coração cheio de bondade e generosidade, sendo a certeza de ter alguém para contar quando necessário. À Julio Cesar, Maria Cecília, Lívia e Melissa, pela amizade construída na caminhada e por serem alívio nos momentos de tensão, não há nada que eles não consigam extrair o lado positivo e transformar em brincadeira. À Lara Thereza, Eduarda e Valléria por serem o espírito que levanta o astral, traz ânimo e o fôlego necessário para fazer dar certo.

À Isadora, Germano, Alice, Sthan e Sâmia, por terem me acolhido carinhosamente nesta reta final e permitido compartilhar de momentos únicos com vocês. Obrigada por abrirem espaço na rotina e me deixar fazer partee, ainda que por um instante, da intimidade e da alegria de vocês.

Não menos importante, deixo meu respeito e gratidão aos mestres que tive a oportunidade de ser lecionada nesta universidade, são esses ensinamentos, que ultrapassam os livros e alcançam a vida, que seguirão comigo como alicerce e inspiração. Ao mestre Dr. Antonio Leite, meu professor e orientador, pela dedicação plural no exercício da função de Professor Arquiteto e Urbanista, dedicação essa que me atravessa com os conhecimentos dentro de sala de aula e fora dela. Antonio, cada orientação sua e cada palavra compartilhada foram fundamentais na construção do meu percurso até aqui, formou não apenas a minha base técnica e intelectual, mas também moldou minha sensibilidade crítica e humana.

RESUMO

A qualidade de vida urbana está intrinsecamente ligada à forma como os espaços públicos são planejados, utilizados e apropriados pela população. Em muitas cidades brasileiras, a precariedade desses espaços se manifesta na falta de infraestrutura adequada, na ausência de acessibilidade universal, na insegurança e na carência de equipamentos que incentivem o convívio social, o lazer e a mobilidade ativa. Tais fatores comprometem não apenas o bem-estar físico e mental dos cidadãos, mas também enfraquecem os vínculos afetivos com o território, gerando processos de degradação e esvaziamento urbano, realidade presente na Orla do bairro Jaraguá. Este sítio urbano encontra-se atualmente fragilizado pela descaracterização urbana, desvalorização do espaço público e ausência de infraestrutura adequada. Diante do exposto, a questão central da pesquisa é: como a concepção de um anteprojeto de requalificação urbana contribui na melhoria e modernização da infraestrutura e segurança pública disponível em favor dos usuários da Orla do Jaraguá? De maneira complementar, como utilizar o desenho urbano como elemento estratégico de rememoração de uma comunidade esquecida? Face a esse contexto, o objetivo desta pesquisa consiste em elaborar um anteprojeto de requalificação para a orla do Jaraguá, contemplando uma rememoração da área da antiga Vila dos Pescadores e a promoção da reestruturação urbana, fortalecendo a relação entre a comunidade e o uso espaço público. A metodologia adotada combina abordagens qualitativas e indutivas, com suporte em levantamento bibliográfico, estudos de caso, pesquisa de campo, entrevistas, aplicação de questionários e análise de elementos paisagísticos, arquitetônicos e urbanos. O embasamento teórico se apoia em autores como Jane Jacobs, Jan Gehl e Kevin Lynch, que reforçam a importância da vitalidade urbana, da escala humana e da leitura simbólica dos espaços na construção de cidades mais inclusivas e significativas. Conclui-se que a requalificação da orla do Jaraguá, quando orientada por princípios de memória, pertencimento e funcionalidade, pode reconfigurar a relação da cidade com seu território costeiro, promovendo integração social, valorização cultural e uso sustentável do espaço urbano.

Palavras-chave: comunidades tradicionais; desenho urbano; requalificação urbana; orla marítima; memória coletiva.

ABSTRACT

The quality of urban life is directly linked to how public spaces are planned, used, and appropriated by the population. In several brazilian cities, these spaces are precarious due to the lack of adequate infrastructure, lack of accessibility, insecurity, and scarcity of facilities that encourage social interaction, leisure, and active mobility. These factors compromise collective well-being and weaken emotional ties to the territory, generating urban degradation and emptying—a reality present in the Jaraguá neighborhood's waterfront, currently weakened by the loss of character, devaluation of public space, and lack of infrastructure. Therefore, the central question of this research is: how can a preliminary urban redevelopment project contribute to improving infrastructure and public safety on the Jaraguá waterfront? Furthermore, how can urban design be an instrument for commemorating a forgotten community? Thus, the objective of this work is to develop a preliminary project for the redevelopment of the Jaraguá waterfront, reviving the memory of the former Fishermen's Village and promoting urban restructuring, reinforcing the relationship between community and public space. The methodology combines qualitative and inductive approaches, supported by a literature review, case studies, field research, interviews, questionnaires, and analysis of landscape, architectural, and urban aspects. The theoretical basis draws on authors such as Jane Jacobs, Jan Gehl, and Kevin Lynch, who emphasize urban vitality, the human scale, and the symbolic meanings of space in building more inclusive cities. The conclusion is that waterfront redevelopment, guided by principles of memory, belonging, and functionality, can strengthen the city's relationship with its coastal territory, promoting social integration, cultural appreciation, and sustainable use of urban space.

Key-words: traditional communities; urban design; urban redevelopment; waterfront; collective memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Delimitação espacial da área de intervenção, trecho do Bairro Jaraguá, Maceió/AL... 26
Figura 2 – Embarcações atracadas no Porto do Jaraguá, Maceió/AL. ... 36
Figura 3 – Enredos de luta pela permanência e continuidade da memória da ... 37
Figura 4 – Zoneamento dos trechos do Parque Urbano da Orla do Guaíba. ... 41
Figura 5 – Apresentação conceitual do Projeto de Implantação - Trecho 01. ... 42
Figura 6 – Panorama de integração do contexto urbano e traçado orgânico da proposta. ... 42
Figura 7 – Aspectos relevantes - infraestrutura de áreas comuns, passeios e mobiliários. ... 43
Figura 8 – Aspectos relevantes - infraestrutura paisagística. ... 44
Figura 9 – Aspectos relevantes - Projeto Luminotécnico. ... 44
Figura 10 – Macro estruturação urbana - Mapeamento dos Caminhos do Mar. ... 46
Figura 11 – Aspectos relevantes da acessibilidade no Parque da Orla de Balneário Camboriú. ... 46
Figura 12 – Infraestrutura de equipamentos e mobiliários urbanos do Parque Orla de Balneário Camboriú. ... 47
Figura 13 – Aspectos relevantes da iluminação no Parque da Orla de Balneário Camboriú. ... 48
Figura 14 – Aspectos relevantes do paisagismo no Parque da Orla de Balneário Camboriú. ... 48
Figura 15 – Zoneamento dos trechos do Parque Orla Piratininga. ... 50
Figura 16 – Aspectos relevantes do projeto viário do Parque Orla Piratininga. ... 50
Figura 17 – Infraestrutura de mobiliário urbano implantado no Parque Orla Piratininga. ... 51
Figura 18 – Aspectos relevantes do projeto luminotécnico do Parque Orla Piratininga. ... 52
Figura 19 – Praça 01: Infraestrutura de contemplação e estímulo sensorial. ... 52
Figura 20 – Aspectos relevantes do paisagismo no Parque Orla Piratininga. ... 53
Figura 21 – Ocupação espacial da Vila de Pescadores/Jaraguá. ... 57
Figura 22 – Espécies vegetais mais recorrentes no perímetro urbano de estudo. ... 65
Figura 23 – Módulo de referência (M.R.). ... 92
Figura 24 – Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de rodas. ... 92
Figura 25 – Módulo padrão de sanitário acessível. ... 93
Figura 26 – Áreas de aproximação para uso do lavatório. ... 93
Figura 27 – Módulo padrão de sanitário acessível. ... 94
Figura 28 – Moodboard projetual ... 95
Figura 29 – Levantamento topográfico da área de intervenção. ... 97
Figura 30 – Levantamento físico da área (agenciamento). ... 98
Figura 31 – Implantação da Intervenção Urbana ... 99

Figura 32 – Detalhamento estrutural do píer. 100
Figura 33 – Planta de paisagismo e paginação de piso. 101
Figura 34 – Detalhamento: Quiosque para alimentação. 102
Figura 35 – Detalhamento: Posto Policial. 103
Figura 36 – Detalhamento: Banheiros Coletivos. 104

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do município de Maceió/AL, Brasil. 25
Mapa 2 – Nolli: Cheios e Vazios. 59
Mapa 3 – Uso e Ocupação do Solo. 60
Mapa 4 – Gabarito das edificações. 62
Mapa 5 – Infraestrutura do Sistema Viário. 63
Mapa 6 – Cobertura vegetal 64
Mapa 7 – Zona Bioclimática 08. 66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo da infraestrutura urbana ofertada pelos estudos correlatos. 55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Parâmetros Urbanísticos conforme a legislação de Maceió/AL. 90
Tabela 2 – Dimensões de vagas de estacionamento e faixas de acesso. 91
Tabela 3 – Programa de necessidades e pré-dimensionamento. 96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Bel	Bacharel
Dr	Doutor
Esp	Especialista
GE	Gestão do Conhecimento
GI	Gestão da Informação
IES	Intituição de Ensino Superior
IBGE	Instituo Brasileiro de Geografia e Estatística
Me	Mestre
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PG&C	Perspectivas em Gestão & Conhecimento
POP	Parque Orla Piratininga
SBGC	Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento
UI	Unidade de Informação
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
ZEP	Zona Especial de Proteção

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18

2 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS 23

2.1 Definição do método 23

2.2 Fontes de pesquisa 24

2.3 Recorte espacial 24

2.4 Procedimentos Metodológicos 27

2.5 Elaboração e aplicação de questionários e entrevistas 28

2.6 Estudos de caso 29

2.7 Concepção da proposta de Requalificação Urbanística 29

3 ARTICULAÇÃO DOS SABERES 30

3.1 Requalificação Urbana e Arquitetônica: Conceitos e Aplicações 30

3.2 Parques Urbanos: espaços públicos coletivos e promoção da qualidade de vida 32

3.3 Preservação da memória coletiva de comunidades tradicionais 34

3. 4 Identidade: desenho urbano como força do lugar 38

4 ESTUDOS CORRELATOS 40

4.1 Parque Urbano da Orla do Guaíba 40

4.2 Parque da Orla Balneário Camboriú 45

4.3 Parque Orla Piratininga 49

4.4 Análise comparativa dos referenciais projetuais 54

5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO 56

5.1 O sítio urbano e sua preexistência tradicional da Vila dos Pescadores 56

5.2 Diagnóstico de morfologia urbana 58

5.2.1 Cheios e vazios 58

5.2.2 Uso e Ocupação do solo 59

5.2.3 Gabarito das edificações 61

5.2.4 Sistema Viário 62

5.2.5 Cobertura Vegetal 64

5.3 Condicionantes físicas e climáticas 65

5.4 Análise do espaço público: subutilização e potencialidades 71
6 PROPOSTA DO ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA 89
6.1 Condicionantes legais e diretrizes projetuais 89
6.2 Partido arquitetônico e urbanístico 95
6.3 Programa de necessidades 96
6.4 O projeto: produtos técnicos e humanizados 97
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 105
REFERÊNCIAS 106
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS 109
APÊNDICE B – CADERNO DE MAPAS 110

1 INTRODUÇÃO

A dinâmica de produção das cidades está diretamente vinculada ao estabelecimento de condições favoráveis para o crescimento populacional e o desenvolvimento de atividades comerciais e econômicas. Consequentemente, ao passo em que os avanços decorrentes do processo de globalização e urbanização impulsionam o aumento da densidade demográfica, os sítios urbanos passam por profundas transformações em sua estrutura física, fenômenos estes que vão desde a expansão de seus limites territoriais até a formação de novos centros e subcentros, que originam, por vezes, espaços socialmente segregados.

Nesse contexto, face ao crescimento desordenado das metrópoles, emergem contrastes sociais que facultam aos seus habitantes situações de exclusão que, associadas à falta ou ineficiência de políticas urbanas, resultam na desigualdade de acesso a bens e serviços, comprometendo a função social da cidade e sua relação com meio ambiente natural [1]. Ainda neste tocante, a cidade possui funções sociais distintas, à título de exemplo a função urbanística de proporcionar lazer para sua população e a função de gestão, à medida que garante sustentabilidade urbana, preservação do patrimônio cultural e natural e planejamento territorial, econômico e social. [2]

No que concerne a promoção da qualidade de vida diretamente ligada ao planejamento adequado de espaços públicos, inúmeros são os benefícios trazidos na condição da melhoria de habitabilidade do ambiente urbano, dentre os quais possibilitam-se a interação por meio de práticas sociais, encontros ao ar livre e manifestações da vida urbana e comunitária, sobretudo no que diz respeito a convenções culturais que fortalecem o senso de pertencimento e bem-estar da comunidade. Além disso, esses ambientes contribuem para a sustentabilidade urbana, favorecendo a mobilidade ativa e o contato com a natureza.

Os espaços públicos coletivos têm como diretriz central na sua formulação aspectos comuns à noção de lugar, considerando as potencialidades imagéticas de sua percepção e sendo capazes de rememorar a identidade cultural originária. Guiada por esse caminho de fundamentação, Carlos (1999, p. 28) formula o significado de lugar como:

> o lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. Aí o homem se reconhece por que aí vive [...].

[1] SANTOS, L. P.; CHAVES, Sammya. V. V.; VIEIRA, V. C. B. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades: uma análise do plano diretor de ordenamento territorial de Teresina (pdot). Revista Equador, v. 10, p. 103-123, 2021.
[2] GARCIAS, Carlos Mello; BERNARDI, Jorge Luiz. As funções sociais da cidade. In: Revista Direitos fundamentais & Democracia (UniBrasil), v. 4, p. 01-15, 2008.

Destarte, o atributo qualitativo do espaço público atribui-se as condições de sociabilidade e de qualidade de vida oferecidas a seus usuários, uma vez que indicam que tais ambientes desempenham papel relevante nas cidades, ao passo em que são os principais constituintes das paisagens urbanas e representam locais de interação social, recreação e passagem dos usuários, conferindo determinado valor histórico, cultural, social e ambiental. [3]

No âmbito das discussões que envolvem os espaços coletivos abertos, é comum fazer-se o uso do instrumento metodológico de requalificação urbana, termo que é recorrentemente utilizado em operações de natureza urbanística, arquitetônica e de intervenção no espaço público[4]. A requalificação urbana busca ressaltar as propriedades de determinado espaço da preexistência urbana e pode ser assimilada como processo na transformação da cidade e valorização dos aspectos humanos e naturais, considerados cruciais para a construção e a percepção do lugar, bem como para a consolidação da dinamização social e econômica[5].

O espaço público quando concebido como um verdadeiro lugar é, portanto, um elemento fundamental tanto para a sociabilidade urbana quanto para a transformação social, para qualidade ambiental e para o lazer. Em contrapartida, quando as políticas de gerenciamento não consideram estes critérios, subjugando a necessidade e o interesse coletivo, ficam evidentes reflexos negativos na distribuição e manutenção das estruturas públicas de lazer, assim com o favorecimento exclusivo das áreas e camadas sociais da urbe.

Essa adversidade é um fenômeno característico do processo de gentrificação e "turistificação" espacial que ocorre no Bairro do Jaraguá, localizado na faixa litorânea da capital Maceió, em Alagoas. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE (2022) a cidade contava com cerca de 957.916 habitantes, dos quais apenas uma pequena parcela de 1.502 pessoas é residente no bairro supracitado. Logo, o Jaraguá figura como terceiro bairro menos populoso da capital alagoana, ficando consideravelmente atrás de bairros de igual potencial turístico como Pajuçara (3.542 habitantes) e Ponta Verde (28.591 habitantes). O bairro do Jaraguá, tradicionalmente de raízes portuárias, é um lugar rico em função do seu patrimônio arquitetônico

[3] Karenina Cardoso; FALCAO, Ana Luiza S.; LOPES, Wilza Gomes Reis; SANTIAGO, Denise Rodrigues; SAMPAIO, Ingred, M. R. Importância dos planos urbanísticos e espaços livres para a sustentabilidade urbana: estudo na Cidade de Teresina, Piauí. RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT , v. 9, p. 1-33, 2020.
[4] LEITE, Rogério Proença; FORTUNA, Carlos. Plural de Cidade: novos léxicos urbanos. São Paulo: Almedina, 2009. Paulo Peixoto. p. 41
[5] SILVA, A. M. R. Requalificação urbana: o exemplo da intervenção Polis em Leiria. 2011. 174 p. Dissertação (Mestrado em Geografia: Ordenamento do Território e Desenvolvimento) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.

e histórico, cujo o bem foi tombado pelo Estado por volta de 1984, como testemunho histórico e cultural da paisagem do bairro para o Estado de Alagoas[6].

De acordo com as constatações tecidas por Fortes (2018), existem, incrustadas em sua própria historicidade, evidências que reforçam a participação do Jaraguá como peça chave no processo de gênese urbana da Maceió portuária. Parafraseando a autora "foi a atividade comercial articulada à construção náutica capaz não só de transformar o espaço marítimo do ancoradouro, mas também de impulsionar o desenvolvimento do povoado de Massayó nos setecentos." (Fortes, 2018, p. 5)

Os historiadores são unânimes apenas na sustentação de que não há uma certeza absoluta sobre a conjectura de origem da cidade[7]. Fatores como a posição estratégica, com localização privilegiada na malha do tecido urbano, e a existência dos atrativos naturais do porto, que facilitavam a ancoragem e a prática das atividades de pesca artesanal, intensificam as hipóteses de que foi o comércio marítimo do Jaraguá a principal força motriz para o desenvolvimento da urbe.

Em uma linguagem mais clara, entende-se que em função de atividades comerciais e econômicas de cunho portuário deu-se, gradativamente, a concentração de vida urbana na cidade, composta sobretudo pelo fluxo de comerciantes, trabalhadores do porto e pescadores, estes últimos que foram responsáveis pelo engendramento de uma comunidade tradicional ali instalada, detentora de uma identidade cultural particular tecida sob as tradições de um saber-fazer incomensurável e extremamente valioso.

Por volta da década de 1990 o bairro do Jaraguá foi submetido às primeiras investidas de um grande projeto de revitalização, fragmentado em cerca de 09 subprojetos, que tinham entre as ações de melhoramento e de recuperação de praças e prédios históricos, o incremento ao turismo na região e aprimoramento das condições de vida da população local[8]. Todavia, anos mais tarde observa-se que tais condutas culminaram em um processo de expropriação urbana guiado por um reordenamento socioeconômico, resultando na retirada da comunidade local do território para dar local a um novo espaço público, a Praça Arquiteto Alex Barbosa.

Face as mudanças ocorridas na dinâmica local do bairro, o local ainda enfrenta uma soma de problemáticas infraestruturais que afetam negativamente a experiência comum de seus usuários, como por exemplo, a baixa oferta de equipamentos destinados ao público infantil e de um

---

[6] Decreto nº 6.061 de 19 de novembro de 1984.

[7] Para Barros (2018, p. 86) estabelece-se uma dupla narrativa de origem, uma reivindicando o surgimento e certamente também o pertencimento a um Nordeste rural, monocultural e escravista do engenho de cana-de-açúcar, o engenho *Massayó,* e outra inscrevendo-se em um Nordeste marítimo e em suas práticas, com feições mais urbanas e atividades predominantemente comerciais.

[8] PROJETO de revitalização do bairro de Jaraguá. Disponível em: <http://www.gw3-al.com.br/>. Acesso em 07 dez. 2024.

mobiliário urbano adequado (mesas, bancos e pontos de apoio), elementos estes que condicionam espaços convidativos e locais de permanência para a comunidade. Ademais, a existência de passeios pouco sinalizados e danificados no trecho da orla do Jaraguá apontam para uma fragilidade na mobilidade urbana, torna evidente a ausência da valorização do espaço público e demanda inclusive, a melhoria na qualidade da segurança pública do ambiente e da vida urbana.

Nota-se ainda que a Orla do Jaraguá, em Maceió/AL, embora seja uma área de relevância histórica, apresenta-se atualmente como um espaço subutilizado, que desempenha papel de um local de passagem para os seus bairros litorâneos vizinhos. Essa dinâmica reflete o estado de abandono e a falta de atratividade do bairro histórico, onde a precariedade da infraestrutura, somada à carência de atividades e serviços que promovem a apropriação do espaço pela comunidade, evidenciam a necessidade de intervenções por parte do poder público e reconhecimento da sociedade.

Desta forma, surgem então os questionamentos que norteiam a pesquisa: **como a concepção de um anteprojeto de requalificação urbana contribui na melhoria e modernização da infraestrutura e segurança pública disponível em favor dos usuários da Orla do Jaraguá? De maneira complementar, como utilizar o desenho urbano como elemento estratégico de rememoração de uma comunidade esquecida?**

Diante do exposto, a justificativa para o tema surge da necessidade do resgate a vitalidade urbana e fomento à valorização do espaço público e do convívio social por parte da população local e do coletivo visitante da capital alagoana. Para tanto, o projeto se configura um indutor de reestruturação do espaço urbano, ao passo em que assegura a acessibilidade universal e a promoção de espaços acolhedores que incentivem a permanência e a realização de atividades recreativas. Trata-se aqui, não somente de um cenário a ser contemplado, mas essencialmente de uma proposta que transforme a paisagem urbana como símbolo de uma comunidade tradicional. Tais intenções aspiram o estímulo da dinamização social, cultural e paisagística da área de intervenção, reconectando o povo alagoano à fonte primordial de sua identidade.

O objetivo central desta pesquisa consiste em **elaborar** um anteprojeto de requalificação para a orla do Jaraguá, contemplando uma rememoração da área da antiga Vila dos Pescadores, e promoção da reestruturação urbana por meio soluções que incentivem a mobilidade urbana alternativa, no fortalecimento da relação entre a comunidade e o uso espaço público.

Para alcançar essa meta, traçam-se os seguintes objetivos específicos: 1) **Compreender** as nuances que envolvem o processo de formação e a história da área de intervenção, bem como o protagonismo da comunidade tradicional de pescadores no desenvolvimento do bairro portuário do Jaraguá; 2) **Desenvolver** propostas de design urbano moderno que criem espaços acolhedores

e multifuncionais, bem como o favorecimento do convívio social, a realização de atividades recreativas e a permanência dos usuários; 3) **Potencializar** a melhoria física do ambiente urbano, por meio de intervenções de requalificação de áreas subutilizadas circunscritas no perímetro de intervenção; 4) **Incorporar** estratégias de desenho urbano que valorizem e resgatem a identidade cultural e as tradições imateriais dos pescadores, significando-os como símbolos da paisagem urbana no espaço adjacente à área do porto; 5) **Analisar** as condicionantes físicas e legais do espaço urbano, no atendimento às necessidades de demanda da comunidade local, considerando seus interesses, expectativas e aspirações.

A composição geral da proposta engloba cerca de sete capítulos, onde inicialmente são abordados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho, desde a aferição de dados através de fontes teóricas e empíricas até o detalhamento dos levantamentos realizados *in loco,* bem como suas análises. Em seguida, a segunda seção busca a contextualização dos principais assuntos e conceitos que auxiliaram a articulação dos saberes, onde se agrupam contribuições de diversos autores que exploram as questões centrais envolvidas. O terceiro capítulo concentra o debate na apresentação de três estudos correlatos que tangem à projetos de natureza urbana, por meio de uma análise comparativa entre eles, pretende-se agregar valor ao trabalho.

Na sequência, o quarto item trata da caracterização da área de estudo e sua análise acerca do contexto histórico de formação e desenvolvimento do sítio urbano de implantação da proposta, composto ainda diagnósticos referentes à morfologia urbana e a dimensão social do local. Neste percurso, o quinto capítulo se encarrega da apresentação dos produtos gráficos do anteprojeto de requalificação urbana propriamente dito, devidamente protegidos e apoiados pelas condicionantes e diretrizes projetuais norteadoras. Por fim, o estudo culmina com as considerações finais, a listagem das referências bibliográficas empregadas, assim como os anexos e apêndices relativos ao desenvolvimento desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

Neste capítulo, são expostos os procedimentos metodológicos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, desempenhando um papel fundamental na busca pelos objetivos propostos. A análise inicia-se com a definição dos métodos, seguindo pela descrição das fontes teóricas, empíricas e históricas que embasaram o estudo. Por conseguinte, realizou-se a delimitação espacial da área de estudo, bem como sua contextualização relacionada ao lugar em que está inserida.

Em se tratando do objeto de estudo, foram realizados concomitantemente os levantamentos de campo *in loco* (englobando levantamentos físicos e topográficos, levantamento da paisagem urbana, levantamento fotográfico, diagnóstico e análise da morfologia urbana), bem como o mapeamento das condicionantes bioclimáticas locais e legais. Ainda como percurso metodológico, a pesquisa de campo prevê a elaboração e aplicação de questionários e entrevistas, seguida por uma etapa complementar que diz respeito à realização da análise de estudos de caso de projetos de referência. Por fim, minucia-se os procedimentos para a elaboração da proposta de intervenção, observando a organização e a síntese das informações obtidas.

2.1 Definição do método

Considerando o âmbito da pesquisa direcionada à arquitetura e ao planejamento urbano e regional, o processo metodológico como um todo validou-se dos métodos dedutivo e indutivo como fios condutores, definindo a pesquisa como mista de caráter qualitativo. Nesse sentido, as autoras Eva Maria Lakatos e Marina Marconi (2010) pontuam que o método indutivo é composto por três etapas fundamentais, sendo elas: a observação dos fenômenos, a descoberta da relação entre eles e a generalização de suas relações.

Para elas, o argumento indutivo parte da observação de fatos ou fenômenos específicos, seguido do agrupamento dos dados coletados levando em consideração as similaridades e a relação constante entre eles e, por fim, chegando a uma classificação, proveniente da generalização dos comportamentos observados. (Lakatos; Marconi, 2010)

Em contraste, o método dedutivo inicia-se a partir de um processo lógico oposto, baseando-se em princípios e teorias gerais para chegar a conclusões específicas. (Lakatos; Marconi, 2010). Sendo assim, tais características resultam na abordagem qualitativa, cujo cerne da investigação científica reside na descrição, interpretação e explicação da realidade. Segundo Philipp Mayring (2002) a análise qualitativa ampara-se em quatro técnicas de levantamento de dados: a)

dados verbais por meio de entrevista centrada num problema, b) entrevista narrativa, c) grupo de discussão e d) dados visuais por meio da observação participante. O conjunto destas abordagens foram responsáveis por embasar e estruturar o desenvolvimento da pesquisa.

2.2 Fontes de pesquisa

O arcabouço documental da pesquisa é validado por uma análise e revisão bibliográfica em fontes de dados históricos primários como documentos históricos, legislação municipal e nacional, além de valer-se igualmente de elementos cartográficos fundamentais. Como fontes de dados secundários, recorre-se ao aporte técnico-teórico de monografias, dissertações de mestrado e teses doutorado, assim como produções literárias, que tratam de assuntos relevantes e pertinentes ao tema central do objeto de estudo. Ademais, a coleta de dados e aferição de informações conta com o apoio de atividades empíricas, por meio de técnicas de observação participante, realizando entrevistas e questionários *in loco*, e colhendo os relatos da população local.

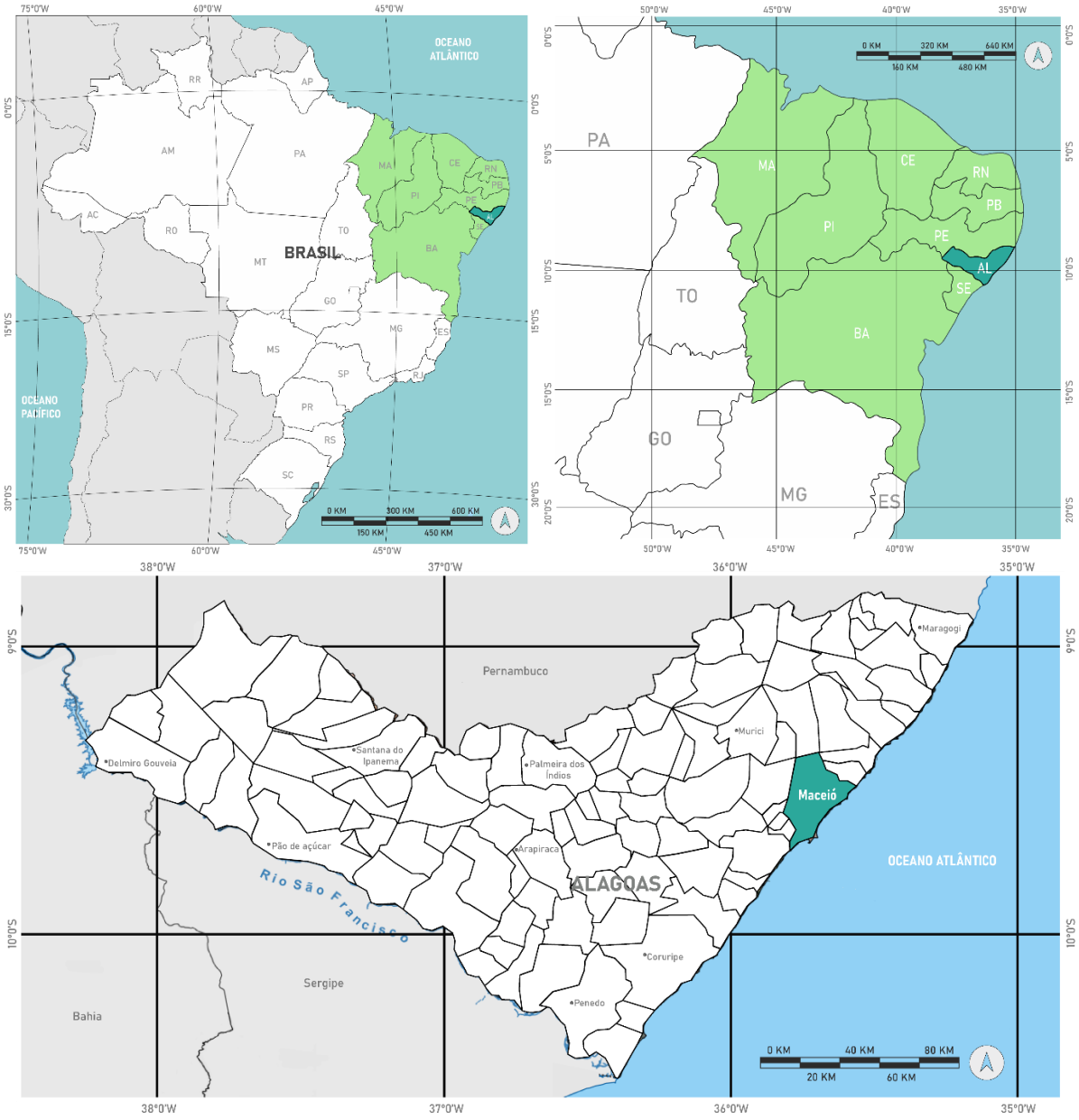
Na articulação dos saberes, auxiliaram no entendimento acerca do planejamento urbano e dinâmicas socioespaciais os autores Jacobs (2011), Gehl (2013), Lynch (1960), Del Rio (1990) e Lamas (2004). Por conseguinte, Macedo e Sakata (2010) contribuíram na formação e uso dos espaços públicos coletivos, bem como da requalificação urbana e arquitetônica destes. Outrossim, as discussões levantadas por Halbwachs (1990) embasaram o debate sobre a relação da memória coletiva como veículo de formação e consolidação da identidade de um grupo e/ou sociedade, cujos ideais são complementados por Gonçalves (2002) no que tange às intenções contraditórias e por vezes destrutivas de projetos de requalificação que desconsideram a construção da memória e identidade coletiva. Por fim, Pereira (2005) e Fortes (2018), auxiliaram no tocante ao conhecimento da história, formação e desenvolvimento do Bairro do Jaraguá como parte vital na evolução da cidade de Maceió/Alagoas.

2.3 Recorte espacial

O sítio urbano da área de estudo está inserido no município de Maceió, capital do estado de Alagoas, localizado na porção Nordeste do país (ver Mapa 1). A cidade pertence à mesorregião do Leste Alagoano e integra, juntamente com outros doze municípios, a Região Metropolitana de Maceió. A urbe possui uma densidade demográfica de aproximadamente 1.880,77 hab/km²,

concentrando uma população total de 957.916 habitantes distribuídos em uma extensão territorial de 509, 295 km² (IBGE, 2022).

Mapa 1 – Localização do município de Maceió/AL, Brasil.



Fonte: Adaptado do D-maps.com e base da Secretária Municipal de Planejamento de Maceió (2025).

O recorte espacial da área de estudo engloba o espaço da orla do Bairro Jaraguá, localizado na faixa litorânea da capital Maceió/AL, mais especificamente logrado entre a Av. da Paz e a Av. Industrial Cícero Toledo, que conectam diversos bairros da malha urbana. O trecho de intervenção abrange uma área de aproximadamente 17.000 m² circunscritos em 1,65 km de extensão e concentra importantes edificações e equipamentos públicos em seu entorno imediato, como o

Memorial à República, a Associação Comercial de Maceió, a Capitania dos Portos do Estado de Alagoas, a Delegacia da Receita Federal e a Câmara Municipal de Maceió (ver Figura 1).

O polígono que abrange esta área é definido pelas seguintes coordenadas geográficas: A (lat. 9º40'12.00"S e long. 35º43'48.98"O), B (lat. 9º40'12.12"S e long. 35º43'48.98"O), C (lat. 9º40'16.26"S e long. 35º43'38.83"O), D (lat. 9º40'19.52"S e long. 35º43'35.04"O), E (lat. 9º40'21.80"S e long. 35º43'31.68"O), F (lat. 9º40'21.81"S e long. 35º43'30.03"O), G (lat. 9º40'20.86"S e long. 35º43'26.71"O), H (lat. 9º40'23.93"S e long. 35º43'28.52"O), I (lat. 9º40'21.74"S e long. 35º43'32.18"O), J (lat. 9º40'19.52"S e long. 35º43'35.04"O), K (lat. 9º40'17.02"S e long. 35º43'38.40"O), L (lat. 9º40'16.42"S e long. 35º43'40.03"O), M (lat. 9º40'15.32"S e long. 35º43'42.86"O) e N (lat. 9º40'13.09"S e long. 35º43'46.48"O).

Figura 1 – Delimitação espacial da área de intervenção, trecho do Bairro Jaraguá, Maceió/AL.



Fonte: Adaptado do Google Earth Pro (2025).

2.4 Procedimentos Metodológicos

Inicialmente, para descriminar-se as informações da área estudada, serão realizados o levantamento físico e topográfico (adotando um espaçamento padrão de 1,0 metro entre suas curvas de níveis e seguindo o padrão de formato UTM), procedendo-se com a vetorização de acordo com a base cartográfica disponível no Google Earth e/ou software QGis, auxiliados pela utilização do software Autocad 2023, situando devidamente a demarcação da área de intervenção com suas coordenadas georreferenciadas. O levantamento de campo incorporou a medição dos acessos e passeios, bem como de elementos chave ao longo da extensão do trecho trabalhado, dispondo de uma trena manual com o alcance de trinta metros (30 m) de comprimento.

Para o levantamento da paisagem urbana do entorno foi designado um raio de aproximadamente quinhentos metros (500 m) de distância do ponto central do calçadão, a fim de prosseguir com a elaboração dos mapas de diagnóstico urbano, caracterizando a área de acordo com cheios e vazios, uso e ocupação do solo, gabarito das edificações, sistema viário e cobertura vegetal, imprescindíveis para o entendimento da morfologia e infraestrutura urbana do local de estudo.

O levantamento fotográfico foi produzido mediante o uso de aparelho smartphone, adotando-se uma altura média ao nível dos olhos de um metro e sessenta centímetros (1,60 m), no intuito de aferir as principais potencialidades e limitações da área de estudo, dentre elas condicionantes espaciais como qualidade de piso e passeios, presença de mobiliários, lixeiras e iluminação pública, mobilidade urbana e trânsito, assim como critérios de habitabilidade e o uso do espaço público. Para tanto, o procedimento ocorreu entre os dias 14 e 19 de fevereiro de 2025, registrando-se as fotografias no período diurno, tanto pela manhã (entre as 08:00 e 12:00 horas) quanto ao entardecer (entre as 15:30 e 18:30 horas). A escolha dos horários foi definida em virtude de observar a dinâmica de uso e ocupação do espaço nos seus diferentes turnos do dia, incluindo atividades e fluxos desempenhados durante o final de semana (sábado e domingo das 15:00 ás 18:00 horas).

A obtenção de dados climáticos foi realizada mediante consulta no banco de dados da estação meteorológica e consulta por meio do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia), valendo-se também da ferramenta Projetando Edificações Energeticamente Eficientes (ProjetEEE). Nesse sentido, foi feita a caracterização da área de estudo com relação a temperatura, clima, umidade relativa do ar, precipitação pluviométrica, radiação solar e direção dos ventos. As condicionantes legais, por sua vez, foram definidas atendendo à prescrição estabelecida em normativas e legislações locais e nacionais que regem o âmbito do projeto de requalificação urbana,

à saber: o Plano Diretor do Município de Maceió, o Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió, assim como a ABNT NBR ‑ 9050/2020, normativa regulamentadora da acessibilidade universal a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos.

2.5 Elaboração e aplicação de questionários e entrevistas

Visando garantir a compreensão dos fenômenos e particularidades do sítio analisado, a pesquisa de campo dispôs da observação participante como fio condutor, ao passo em que se planejou a aplicação de questionários e entrevistas direcionadas e semiestruturadas. Com o foco em realizar um apanhado histórico acerca da identidade do lugar, foram aplicadas cerca de seis (06) entrevistas conversadas (gravadas no dia 20 de fevereiro de 2025 durante todo o período diurno), cujo público-alvo deteve-se em moradores e pescadores mais antigos do bairro, tidos como elementos-chave que ainda possuem a memória viva.

Para tanto, o fundamento das perguntas (Apêndice A) intencionou abranger questões relacionadas ao período de vivência no bairro, relações antropológicas de pertencimento, perfil socioeconômico e fontes de renda, o processo de retirada da comunidade do espaço e possíveis atritos gerados logo após este evento, principais mudanças que afetaram positivamente e/ou negativamente a forma de vida do grupo, dentre outros questionamentos pertinentes nesta vertente.

Já para auxiliar no entendimento da relação dos usuários com o lugar, foram direcionados questionários para aferir a opinião pública da comunidade de forma presencial nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2025, contando com um universo de amostragem de cerca de trinta e quatro (34) respostas, evidenciando questões objetivas de múltipla escolha relativas à acessibilidade, infraestrutura, arborização, segurança, iluminação, limpeza e qualidade do espaço público coletivo, bem como a frequência e a finalidade de utilização destes espaços, possíveis melhorias e necessidades.

Após a aplicação do questionário, os índices resultantes da pesquisa foram convertidos em modelos de gráficos com o auxílio do software Microsoft Excel e, posteriormente, submetidos a tratamento estético dentro do aplicativo Canva. A tabulação e análise dos dados obtidos (verificar item 5.5 do capítulo de caracterização da área de estudo) foi feita de forma cautelosa e atenciosa, preconizando estabelecer quais agentes deveriam ser aspectos norteadores para o desenvolvimento do anteprojeto de requalificação urbana.

2.6 Estudos de caso

O processo de busca e construção de repertório projetual sinaliza a necessidade de realizar estudos correlatos para a composição de bases referenciais essenciais na elaboração do anteprojeto, paralelamente as suas análises. Nessa perspectiva, a pesquisa para a seleção dos projetos de referência englobou fontes de repositórios, sites de concursos e portais institucionais, obedecendo como critérios de seleção projetos com características similares, no âmbito da requalificação urbana de espaços públicos como parques urbanos e orlas/calçadões.

Ainda neste âmbito, foram selecionados três (03) projetos nacionais, visto a intenção de obter-se uma maior proximidade com a espacialidade do sítio estudado, observando e preterindo por suas contribuições para a proposta conceitual (conceito e partido arquitetônico) e técnica e suas soluções projetuais no que diz respeito a valorização da paisagem natural, programa de necessidades, escolha de materiais utilizados, mobiliários e equipamentos urbanos, dentre outros.

2.7 Concepção da proposta de Requalificação Urbanística

Após seguir o percurso metodológico citado anteriormente, perpassando pelas etapas de levantamentos, estudos de correlato e aferição de condicionantes locais e legais, iniciou-se a produção do anteprojeto de requalificação urbana propriamente dito. Notadamente, em primeiro plano, foi elaborada a identidade visual da proposta juntamente com a definição do partido arquitetônico e urbanístico da mesma.

Nesta conjuntura, deu-se continuidade com a formulação das diretrizes projetuais e o desenvolvimento das estratégias de design urbano aplicáveis, observando atentamente as exigências determinadas pela legislação urbana e normativas vigentes. Por conseguinte, foi realizado a setorização e o zoneamento da proposta, bem como o estabelecimento do programa de necessidades, que delineou o concebimento dos produtos técnicos e humanizados referentes ao Anteprojeto de Requalificação Urbanística.

3 ARTICULAÇÃO DOS SABERES

O atual capítulo está concentrado em conceituar a articulação teórica do trabalho por meio de uma análise aprofundada de temáticas correlacionadas, como: a requalificação urbana e arquitetônica, os espaços públicos coletivos de parques urbanos e sua estrita relação com a promoção da qualidade de vida, preservação da memória coletiva de comunidades tradicionais, o planejamento e desenho urbano pautados em diretrizes projetuais da paisagem natural/cultural.

3.1 Requalificação Urbana e Arquitetônica: Conceitos e Aplicações

A fim de se tecer uma compreensão crítica e multifacetada sobre o fenômeno da chamada requalificação urbana e arquitetônica, cabe apresentar uma discussão teórica acerca das diferentes perspectivas que envolvem e delimitam o seu processo, perpassando por questões sociais, econômicas e culturais. Apesar da utilização do termo "requalificação urbana" ser considerado relativamente recente e, por vezes, precedido pelos termos de reabilitação, revitalização e recuperação nos vocabulários de intervenção urbanística, foi, como aponta Paula Marques Braga (2008), incisivamente a partir do final de 1980 que os projetos de recuperação e preservação associados a processos de requalificação e reestruturação urbana passaram a ser uma constante.

Em um panorama geral, admite-se que "a Requalificação Urbana visa a melhoria da qualidade de ambiente e de vida nas cidades, e envolve a articulação e integração de diversas componentes como, por exemplo, a habitação, a cultura, a coesão social e a mobilidade" (Carvalho, 2008, p. 332). Face a crescente degradação das estruturas existentes no espaço urbano, a Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (2008) institui que a melhoria do desempenho funcional do tecido urbano juntamente a sua valorização ambiental devem constituir os objetivos primordiais de um projeto de intervenção de requalificação urbana, levando-se em consideração ainda que:

> Requalificação urbana é um processo social e político de intervenção no território que visa essencialmente (re)criar qualidade de vida urbana, através de uma maior equidade nas formas de produção (urbana), de um acentuado equilíbrio no uso e ocupação dos espaços e na própria capacidade criativa e de inovação dos agentes envolvidos nesses processos (Moreira, 2007 apud Silva, 2011, p.47).

Reforçando esta corrente de pensamento, a autora Jacobs (2011) destaca que a requalificação deve priorizar a preservação do tecido social, a criação de ambientes seguros e vibrantes, além de promover múltiplas funções dentro de uma mesma área para garantir a interação

entre as pessoas. Em sua obra "Morte e Vida de Grandes Cidades", ao discorrer sobre um aspecto chave, a manutenção da civilidade nas ruas e nos espaços públicos, identifica que um distrito urbano vivo sempre deve ter tanto usuários como meros espectadores transitando ininterruptamente, pois

> (...) A segurança das ruas é mais eficaz, mais informal e envolve menos traços de hostilidade e desconfiança exatamente quando as pessoas as utilizam e usufruem espontaneamente e estão menos conscientes, de maneira geral, de que estão policiando. (Jacobs, 2011, p. 34)

A vertente integra a implementação de um planejamento urbano humanista, amplamente difundido por Gehl (2013, p. 215), no sentido de que este planejamento acomode os usuários dos espaços públicos, incentivando a participação na vida urbana independentemente do nível de desenvolvimento econômico que o país apresente. No que diz respeito a aplicação do conceito de requalificação urbana mediado pelos autores, cabe fazermos uma ressalva em relação aos desdobramentos do Projeto de Revitalização do bairro do Jaraguá-Maceió/AL, sítio urbano da área de estudo, cujo o objetivo principal era incrementar o turismo na região e aprimorar as condições de vida da população local, propondo:

> [...] a transformação da área urbana do bairro de Jaraguá provendo-a de todas as condições para o desenvolvimento de atividades de lazer, comércio, turismo, cultura, exposições, entre outras, à comunidade de Maceió e aos seus turistas (Projeto de Revitalização do Bairro de Jaraguá, 2003).

Todavia, anos mais tarde observa-se que tais condutas culminaram em um processo de expropriação urbana guiado por um reordenamento socioeconômico, transformando o espaço em mercadoria e, consequentemente, provocando a evasão gradativa de famílias. Atualmente, é possível constatar a reminiscência de um pequeno número de residências contrastando com muitos galpões abandonados, edificações comerciais e bancos. O bairro assume uma nova marca no imaginário coletivo: um ambiente pontuado por vestígios de ruínas e espaços edificados sem vida.

Nessa acepção, em contrapartida ao que ocorreu no bairro do Jaraguá, Jacobs (2011) defende que a renovação das áreas urbanas deve ser baseada nas pessoas que vivem nelas e não em um modelo rígido de desenvolvimento urbano e arquitetônico. Em outras palavras significa dizer que a dimensão humana deve ser o agente de primordial relevância na formulação de intervenções urbanas e que a vida nas ruas não pode ser ignorada. Um exímio planejamento urbano é aquele que adentra nas preexistências que fazem parte do contexto socioespacial, reservando a devida importância ao patrimônio – seja ele material ou imaterial – ali existente, bem como a memória coletiva da comunidade.

Mediante a problemática, Juan Orrego (2012) nos alerta para os riscos provenientes da má conduta na manipulação de projetos de requalificação urbana, para ele tais negligências podem incentivar a formação de "não-lugares" destituídos de identidade. Não obstante, a requalificação urbana pode, muitas vezes, proporcionar para a localidade a mutilação da memória e da identidade da cidade, uma vez que, modifica completamente seus componentes produzidos por gerações no decorrer da história, introduzindo aspectos que não condizem com a comunidade local apenas com o intuito de atrair visitantes. (Orrego, 2012)

Essa realidade não é muito distante e se demonstra presente no atual espaço da Praça Arquiteto Alex Barbosa (antiga área de moradia da comunidade local de pescadores), onde foi construído um espaço público que não faz nenhuma referência ao assentamento anterior da Vila de Pescadores. A infraestrutura da praça conta com passeios, acessos, áreas de paisagismo e a instalação da estrutura da Capelinha do Jaraguá, esta última sendo responsável por atrair o maior contingente de pessoas, que passam diariamente no final da tarde para comtemplar a vista do Pôr do Sol, consagrado como um dos cartões postais da cidade.

Logo, a permanência no espaço é limitada e curta, pois a sensação de vitalidade se dá porque muitas pessoas frequentam o local por pouco tempo, quando o desejável seria ter-se permanências mais longas por um tempo maior. No combate à essas adversidades, considera-se que de todos os princípios e métodos disponíveis para reforçar a vida nas cidades, o mais simples e o mais eficaz é convidar as pessoas a passar mais tempo no espaço público. (Jacobs, 2011, p. 232)

3.2 Parques Urbanos: espaços públicos coletivos e promoção da qualidade de vida

Nas esferas que regem o urbanismo, sabe-se que o conceito de espaço público coletivo está intimamente ligado à sua apropriação pela sociedade. De igual modo, o Parque Urbano surge como um produto da cidade da era industrial, popularizando-se a partir do século XIX, como uma resposta ao modelo de organização predominante, enfatizando a "necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social: o lazer, o tempo do ócio e para contrapor-se ao ambiente urbano". (Macedo e Sakata, 2010, p. 07)

Em completude, Macedo e Sakata (2010) estabelecem o conceito máximo de parque urbano como:

> [...] todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno. (Macedo e Sakata, 2010, p. 14)

O arquiteto paisagista Frederick Law Olmsted defendia o pressuposto de que um ambiente urbano povoado com mais espaços abertos e oferta de áreas recreativas voltadas a comunidade proporcionaria um estilo de vida mais agradável. Para este autor, a população das cidades necessita de espaços públicos destinados ao uso comum, onde possam encontrar um cenário tranquilo que atue como um contraponto ao ritmo acelerado da vida cotidiana. Esses espaços funcionam como refúgios que ajudam a aliviar o estresse e as exigências do trabalho, promovendo bem-estar e equilíbrio para os indivíduos. Destarte, sobre a função de acolhimento desempenhada pelos espaços públicos coletivos e sua capacidade de promoção da qualidade de vida, Olmsted certifica ainda que:

> Duas classes de melhorias deveriam ser planejadas com este propósito: uma dirigida para assegurar o ar puro e saudável, para atuar através dos pulmões; a outra para assegurar uma antítese de objetos visuais àqueles das ruas e casas que pudessem agir como terapia, através de impressões na mente e de sugestões para a imaginação. Olmsted (apud Macedo e Sakata, 2010)

A evolução do Parque Urbano no alvorecer dos últimos séculos tem acompanhado as mudanças urbanísticas das cidades, revelando-se como um marco importante dos valores sociais e culturais das populações urbanas. Conforme destacado por Mehta (2014), ao explorar o valor social do espaço público, percebemos que este se refere às qualidades históricas, culturais, físicas, estéticas, naturais e/ou econômicas de um determinado lugar, e está intrinsecamente ligado as conexões estabelecidas entre uma comunidade e esses espaços, os quais devem ser acessíveis ao público, uma vez que são considerados propriedade coletiva.

Ao longo dos anos, as praias urbanas ganharam destaque e assumiram um notório protagonismo dentre os espaços públicos coletivos, fator este que corroborou para sua inserção como um dos padrões considerados como parques urbanos brasileiros, nutrindo alguns de seus usos, configuração morfológica e distribuição de equipamentos.

Em se tratando das tipologias de espaços públicos coletivos em ascensão, Macedo e Sakata (2010) evidenciam que já no século XX a orla oceânica se consolida como um importante espaço urbano voltado para o lazer, tornando-se um destino privilegiado para as famílias de maior poder aquisitivo. Inicialmente frequentada para atividades recreativas, essa área passou, no decurso do tempo, a ser cada vez mais valorizada como local de residência permanente. Sendo assim, "a importância da orla como espaço de lazer encontra respaldo do poder público, que, percebendo a sua relevância social, trata de arrumar e calçar sua vizinhança. Esses espaços são tratados como grandes áreas ajardinadas e as calçadas são bem pavimentadas". (Macedo e Sakata, 2010, p. 32)

O espaço público coletivo não apenas serve como um lugar de interação e convivência, mas também é um símbolo da identidade da cidade ou de determinado espaço urbano. Para Gehl (2013) o espaço público desempenha uma função social crucial do desenvolvimento das cidades, ele deve ser encarado como um local de vitalidade, onde as pessoas se encontram e interagem, onde ocorre o comércio e a circulação, sempre em constante conexão com suas atividades cotidianas.

Partindo do princípio de que os parques urbanos enquanto agentes promotores da qualidade de vida pública são e/ou podem ser palcos e cenários para o lazer, o argumento apresentado por Jacobs (2011) corrobora na urgência da pauta de que espaços urbanos devem ser inclusivos e projetados para atender diferentes públicos. No contexto dos parques urbanos, essa premissa se traduz na oferta de espaços satisfatoriamente acessíveis, infraestrutura adequada, como bancos, ciclovias, playgrounds, estruturas de sombreamento, áreas para esportes, descanso e entre outros. A diversidade de usos dentro de um parque contribui para seu dinamismo e permanência ao longo do dia, tornando-o um local seguro e vibrante.

3.3 Preservação da memória coletiva de comunidades tradicionais

As comunidades tradicionais, sejam elas de pescadores, quilombolas, ribeirinhas, ciganos e entre outras, são frutos representativos da memória de uma coletividade e cultura singular, que buscam sobretudo serem reconhecidas pelo seu modo de vida e de reprodução social e econômica, assim como sua forma de organização territorial. Tais comunidades se utilizam de territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, valendo-se de conhecimentos, práticas e costumes transmitidos tradicionalmente de geração em geração.

Estudos recentes da pesquisadora Juliene Lemos Saback (2023) apontam que o processo de construção do senso de pertencimento de uma comunidade pode estar diretamente relacionado às práticas culturais e às memórias que são preservadas ao longo de gerações. Desse modo, as comunidades tradicionais constroem o senso de coletividade e delineiam seus territórios e suas territorialidades, cujos quais podem ser entendidos segundo Marcos Aurélio Saquet (2015) a partir da premissa de que os territórios são reflexos das construções sociais que se modificam no espaço-tempo e produzem suas territorialidades.

Adentrando nos campos do saber que constituem a memória, constata-se a memória coletiva, de acordo com Maurice Halbwachs (1990), se distingue da história, podendo ser considerada "uma corrente de pensamento contínua, possuindo do passado somente aquilo que

ainda está vivo ou é capaz de permanecer na consciência do grupo que a mantém". (Halbwachs, 1990, p. 81).

Portanto, refere-se ao ideal de que a memória coletiva é um atributo socialmente construído, edificado sob os pilares de uma construção compartilhada do passado, que orienta a identidade e a coesão social. Sob essa ótica, Gonçalves (2002) argumenta que a memória coletiva não é fixa, mas sim um campo de disputa, onde diferentes grupos buscam legitimar suas narrativas e identidades. Esse contexto possibilita o desenvolvimento do senso de pertencimento, de identidade com a comunidade. Conforme descrito no caderno temático "*Educação patrimonial: educação, memórias e identidades*" do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a "identidade é o sentimento de um indivíduo ou grupo em pertencer a uma determinada região, prática social, ideia ou sistema de valores" (IPHAN, 2013, p. 7).

A título de exemplo, podemos trazer ao centro do debate, a existência de uma comunidade tradicional de pescadores atuando no perímetro da área de análise a que compete o presente estudo. Trata-se da Vila dos Pescadores do bairro do Jaraguá, apontado por diversos historiadores como berço da cidade de Maceió/AL, cuja expansão se deu pela força do comércio dos pescados e pela relevância portuária do bairro como ancoradouro natural, tese esta reforçada por Pereira (2005):

> A pesca era a atividade mais antiga do bairro, na verdade o que deu origem ao lugar. Muitos atribuem o crescimento do local ao desenvolvimento comercial, mas há quem sustente que a origem do bairro está totalmente vinculada à presença da vila dos pescadores. (Pereira ,2005, p. 84).

Substancialmente, Thomaz Espindola (1871) afirma que o Jaraguá como veículo de entrada e saída de pessoas e mercadorias possibilitou a fixação de edificações importantes como casarões, sobrados, armazéns (trapiches), praças e recintos religiosos, situadas no coração da cidade à época, que proporcionaram as condições necessárias para a concentração de estabelecimentos comerciais, residenciais e de serviços essenciais, levando a cidade a tornar-se a capital do Estado em 1839.

Para além da consolidada relação com o meio físico, observa-se igualmente na Vila de Pescadores a riqueza do saber-fazer tradicional. A cadeia de atores e atividades que configuram a pesca envolve não apenas o pescador em si, mas também outras figuras ativas da prática pesqueira, como por exemplo, os tecedores de redes de pesca, os construtores e mecânicos de barcos, canoas e jangadas, os atravessadores para a comercialização final do produto, além das marisqueiras – geralmente um trabalho unicamente feminino – responsáveis pela limpeza e manuseio dos frutos do mar, dentre outros profissionais que possam estar inseridos nesta cadeia. Cavalcante (2017) considera esse encadeamento como pedra fundamental à comunidade e, ainda:

> Tais dados indicam a importância da manutenção da comunidade de pescadores tradicionais naquela localidade. A identidade de sua moradia com seu local de trabalho ultrapassa a atividade econômica da cadeia produtiva, pois o território significa o elo do agrupamento social com sua cultura, tradição, usos e costumes. Por isso, a importância em se proteger os territórios tradicionais. (Cavalcante, 2017, p. 29)

Neste enquadramento, Lynch (1960) afirma que é imprescindível admitir a realidade de que "todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e sua imagem está impregnada de memórias e significações." (Lynch, 1960, p. 11) Essa percepção é fundamental para compreender como os espaços urbanos não são apenas estruturas físicas, mas também territórios carregados de experiências, histórias e significados para os indivíduos que os habitam. Dessa forma, a relação entre o cidadão e a cidade transcende o aspecto funcional, envolvendo uma conexão emocional e cultural, que reflete a construção de identidade coletiva e o pertencimento a um determinado local.

Para Lynch (1960), a cidade é um reflexo dessas relações, sendo constituída por uma imagem mental formada pelas memórias e vivências que cada pessoa tem do espaço vivido. Abaixo, como ilustra a Figura 2, é possível notar parte do cenário que abrange as atividades ligadas à pesca, bem como a espacialização do território da comunidade de pescadores.

Figura 2 – Embarcações atracadas no Porto do Jaraguá, Maceió/AL.



Fonte: Beto Macário/UOL (2014).

No que diz respeito a abordagem da memória coletiva que perpassa o âmbito do senso comum e adentra na esfera institucional, as contribuições de Gonçalves (2002) enfatizam que a memória coletiva está diretamente ligada às políticas de patrimônio e às escolhas sobre o que deve ser lembrado ou esquecido.

O autor aponta ainda que a preservação de determinados elementos do passado não ocorre de maneira neutra e equilibrada, mas é guiada por interesses políticos, econômicos e sociais. Assim, monumentos, edifícios históricos e espaços urbanos podem se tornar símbolos de identidade e pertencimento, ao mesmo tempo que podem excluir certas narrativas e grupos sociais. Nessa perspectiva, Gonçalves, Simão e Paiva destacam que:

> Novos usos do espaço são impostos à sociedade civil pela iniciativa privada em consonância com a iniciativa pública, entretanto, mesmo que essa dinâmica espacial ocorra, muitos agentes populares tomam pra si, formas de resistências às atuações governamentais e mercadológicas, e reivindicam seu espaço (Gonçalves; Simão e Paiva, 2017, p.3).

Embora o bairro do Jaraguá seja, nos dias atuais, institucionalizado como Zona Especial de Preservação Cultural, o espaço que abrigava a antiga Vila dos Pescadores veio a sofrer com investidas por parte do poder público, tais ações culminaram na retirada definitiva da comunidade local de seu território originário, em meados do ano de 2015. A Figura 3 adiante exemplifica algumas das manifestações sociais realizadas por uma parcela de moradores que resistiram ao processo de expulsão, onde nota-se a presença dos residentes em meio a uma faixa que repudia a evacuação da comunidade.

Figura 3 – Enredos de luta pela permanência e continuidade da memória da Vila de Pescadores do Jaraguá, Maceió/AL.



Fonte: Pedro Mesquita/G1 (2015).

Certamente, o processo de retirada dos moradores da comunidade acabou por comprometer o vínculo afetivo com o local, podendo inclusive, ter afetado "os costumes

tradicionais e os laços culturais e de pertencimento daquela comunidade" (Marchioni, 2016, p. 30). Além disso, é importante destacar que o patrimônio cultural se manifesta essencialmente nas práticas cotidianas, as quais também devem ser reconhecidas, valorizadas e preservadas por sua significância social. Segundo Lynch (1960), uma estrutura física bem definida e integrada não apenas contribui para a formação de uma imagem clara do ambiente, mas também desempenha uma função social ao fornecer a matéria-prima para a criação de símbolos e memórias coletivas, facilitando a comunicação entre diferentes grupos.

Assim, a valorização do patrimônio não se limita ao resgate de espaços físicos, mas se estende à reafirmação da identidade e coesão social de uma comunidade, pois "a salvaguarda e valorização do património é garantia de uma paisagem mais equilibrada e atractiva, reforçando a sua identidade, e pode construir um recurso importante na afirmação do território" (Fernandes e Carvalho, 1998 apud Fernandes e Carvalho, 2003, p. 198).

3. 4 Identidade: desenho urbano como força do lugar

Em harmonia ao pensamento de Kevin Lynch (1960) as linhas que tecem caminhos para o desenho urbano partem do pressuposto de que o planejamento urbano tem o poder de transformar espaços públicos de meros locais de passagem em lugares de encontro e convívio, capazes de refletir a identidade e cultura de uma comunidade. A retórica é verdadeira quando se argumenta que o desenho urbano contribui diretamente para a criação de um senso de pertencimento, isto porque, quando os elementos do espaço urbano são projetados de maneira a refletir a história e as necessidades de seus habitantes, eles se tornam mais do que simples estruturas físicas, transformam-se em verdadeiros símbolos de identidade, resistência e continuidade cultural.

Somadas a estas proposições, Del Rio (1990) afirma ainda que o Desenho Urbano funciona como uma dimensão que deve permear constantemente durante a execução do planejamento, o cuidado com qualidade físico-espacial do ambiente deve funcionar como uma diretriz projetual. Concomitante a isso, integrar o patrimônio cultural no exercício de projeto, bem como adotar a paisagem natural como diretriz projetual, são maneiras de dignificar e enaltecer quaisquer intervenções de cunho arquitetônico, urbano e/ou paisagístico.

Ainda na esfera projetual, Cuthbert (2021) debate que é não é possível separar o projeto urbano das suas funções sociais, as quais estão interligadas a outros processos, particularmente aos de planejamento urbano. Segundo o autor, para que seja desenvolvido o conhecimento acerca de um projeto urbano corajoso, humano e relevante é necessário um olhar voltado para a condição humana de forma aprofundada.

Na visão de Gehl (2013) para que seja alcançado um ideal de cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, torna-se fundamental que o planejamento urbanístico comtemple a criação e/ou melhoria de zonas para pedestres, capazes de convidar os seus moradores a caminhar e/ou a pedalar, promovendo a circulação pessoas nas áreas envolventes da cidade, e consequentemente o contato direto entre as pessoas da comunidade. Para ele, isso pode ser alcançado por meio da implementação de projetos que privilegiam a calçada, o mobiliário urbano adequado, a arborização e a acessibilidade universal.

Assim, os espaços públicos coletivos, como ruas, praças e parques urbanos tornam-se locais de rememoração e de interação social, onde a história e a vivência coletiva são preservadas e constantemente atualizadas. Em ocasiões onde o ambiente é produzido por seus atores sociais de maneira sensível "os espaços urbanos revelam, na sua natureza artificial, a marca que identifica um modo de vida, de habitar, de trabalhar, uma forma de recreação e de deslocação que deixa, no desenho da cidade e em cada época, o retalho da sua utopia!" (Sociedade Leiriapolis, 2007, p. 21).

Portanto, o desenho urbano atua como uma força do lugar ao promover uma conexão entre os moradores e os espaços que habitam, criando um ambiente no qual a identidade local pode ser vivenciada, celebrada e perpetuada. Essa relação é essencial para o fortalecimento da coesão social e para a valorização do patrimônio, que são elementos fundamentais para a construção de uma cidade com identidade própria e uma relação afetiva com seus habitantes.

O conceito de "lugar" é essencial para entender como o desenho urbano pode se tornar um agente de transformação e fortalecimento da identidade. Esse processo de identificação é um componente crucial da experiência urbana, pois transforma o espaço em um ambiente significativo, capaz de proporcionar um sentido de continuidade e de estabilidade cultural. Destarte, o projeto de espaços urbanos que priorizam as interações sociais e a qualidade de vida dos cidadãos revela uma percepção mais profunda do que significa viver em um lugar: o ambiente construído deve ser mais do que funcional, deve ser um reflexo da cultura e da identidade dos seus habitantes.

4 ESTUDOS CORRELATOS

Este capítulo se encarrega de apresentar os estudos correlatos que foram escolhidos como referenciais projetuais na condição de contribuição para a elaboração do anteprojeto, acompanhados de suas respectivas análises e aplicações no contexto de projetos de natureza de requalificação urbana. O processo teve início por uma refinada busca em bancos de dados como sites, repositórios acadêmicos, portais institucionais e concursos de projetos urbanísticos a fim de filtrar e selecionar os projetos. Neste percurso, buscou-se por elementos e características projetuais que estivessem alinhados às intenções da proposta, remetendo a intervenções que potencializem a função social da cidade e sua relação com meio ambiente natural e as estratégias de desenho urbano.

Visto isso, foram adotados critérios como: referenciais projetuais inseridos em território nacional, valorização da paisagem natural e sustentabilidade urbana, presença de corpos d'água, uso de materiais naturais, mobiliários e equipamentos urbanos capazes de condicionar espaços convidativos e locais de permanência para os usuários. Destarte, o primeiro estudo posto trata-se do Parque Urbano da Orla do Guaíba, situado na cidade de Porto Alegre – RS, seguido da proposta de Reurbanização do Parque da Orla de Balneário Camboriú - SC, e por último, o Parque Orla Piratininga na cidade de Niterói - RJ.

4.1 Parque Urbano da Orla do Guaíba

Inaugurado em 2018, com a assinatura do escritório Jaime Lerner Arquitetos Associados, o Parque Urbano da Orla do Guaíba faz parte das iniciativas de requalificação urbana contempladas pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre – RS. Em virtude de problemáticas relacionados à segurança, ao abandono e à deterioração da área, a prefeitura da cidade mobilizou-se para recuperar o maior patrimônio natural da cidade: a Orla do Guaíba.

A intervenção possuí um caráter linear e abrange uma área de 56,7 ha, percorrendo cerca de 1,5 km ao longo da margem do Lago Guaíba. O parque compreende ao todo sete trechos (ver Figura 4) redistribuídos de acordo com suas particularidades e vocações distintas. Nessa perspectiva, cada trecho apresenta um programa de necessidades que integra a valorização do meio natural e dos elementos construídos em seu entorno, visando estabelecer conexões e sinergia com os atrativos e usos existentes, como é o caso do Centro Cultural do Gasômetro, do Cais Mauá e do Centro Cívico, que ganharam uma nova visibilidade.

Figura 4 – Zoneamento dos trechos do Parque Urbano da Orla do Guaíba.



Fonte: Natureza Urbana (2025).

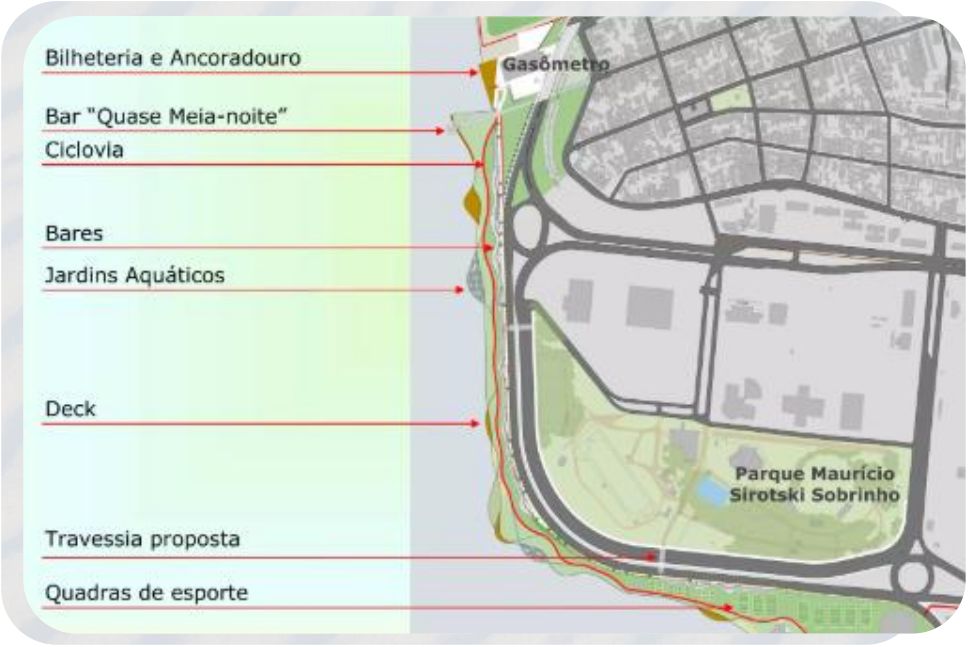
O idealizador do projeto, Jaime Lerner, considera que as qualidades arquitetônicas da proposta estão atreladas a forma sensível como ele se insere na paisagem urbana, tirando partido da topografia para acomodar a sua infraestrutura e gerar novos eixos espaciais que se abrem em direção à contemplação do entorno natural.

É possível notar a aplicação desta diretriz por toda a extensão do parque, especialmente na intervenção do trecho 01 (consultar Figura 5), concebido com o objetivo de criar uma área voltada ao lazer e à apreciação. O espaço incorpora equipamentos e mobiliários como arquibancadas, mirantes, decks, ciclovia, passarelas, além de um restaurante sobre a água com vista panorâmica e quatro unidades comerciais destinadas ao setor de alimentação e bebidas. Do ponto de vista da estratégia de ocupação do parque, as lojas e o restaurante tendem a constituir âncoras de ativação constante, garantindo a vitalidade necessária para a consolidação de um ambiente seguro que venha a ser intensamente utilizado pela população e visitantes externos[9].

Assim, o Parque Urbano da Orla do Guaíba se apresenta como um agente na reestruturação do espaço público da cidade, que promove a regeneração urbana e ambiental de uma área degradada e intensifica a sensação de pertencimento da comunidade, recuperando os laços dos habitantes com o lago.

[9] PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, Rio Grande do Sul, 2019. Anexo V - Memorial descritivo da área de concessão. Disponível em: <https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/ppp/usu_doc/8_-_anexo_v_-_memorial_descritivo_da_area.pdf >. Acesso em 15 abr. 2025.

Figura 5 – Apresentação conceitual do Projeto de Implantação - Trecho 01.



Fonte: Jaime Lerner (2014).

A despeito do caráter linear do parque, a estratégia de desenho dispõe da utilização de formas orgânicas que dialogam com o movimento contínuo das águas e a fluidez da paisagem. A Figura 6 demonstra que essa técnica busca minimizar as barreiras físicas e visuais, através da instalação de estruturas leves e acessíveis nos espaços de permanência. Além disso, as curvas exploradas na plasticidade dos decks, passarelas e arquibancadas conformam percursos suaves que se adaptam ao relevo existente e promovem uma ocupação sutil do solo.

Figura 6 – Panorama de integração do contexto urbano e traçado orgânico da proposta.



Fonte: Adaptado de Arthur Cordeiro (2025).

Essa abordagem confere leveza à intervenção e reforça a integração visual com o lago, garantindo ampla permeabilidade visual e continuidade entre os espaços construídos e o cenário natural. Do ponto de vista crítico, o projeto coloca em evidencia a valorização da experiência sensorial dos usuários, uma vez que o conjunto edificado adota uma escala consciente na hierarquia construtiva e proporciona uma leitura sintética no uso de materiais como o concreto, vidro, madeira e aço em seus acabamentos naturais. A junção desses elementos se manifesta nos espaços da Figura 7 a seguir:

Figura 7 – Aspectos relevantes: infraestrutura de áreas comuns, passeios e mobiliários.



Fonte: Adaptado de Arthur Cordeiro (2025).

Se tratando do paisagismo, a conduta projetual adotada revela o compromisso ecológico para com o habitat ribeirinho, uma vez que prioriza a reintrodução e o manejo de espécies nativas, respeitando as características naturais de cada faixa do terreno. A vegetação remanescente é cuidadosamente preservada, e os elementos construídos são implantados respeitando a dinâmica física do local, sem interromper sua continuidade – ver Figura 8. Ademias, a dimensão cênica da lagoa orienta o partido paisagístico, com sua face voltada para o oeste favorecendo a vista do pôr do sol e qualificando os espaços de permanência como pontos de contemplação integrados à paisagem natural. Assim, o parque atua como uma infraestrutura verde ativa, promovendo educação ambiental e reforçando a relação entre cidade e natureza.

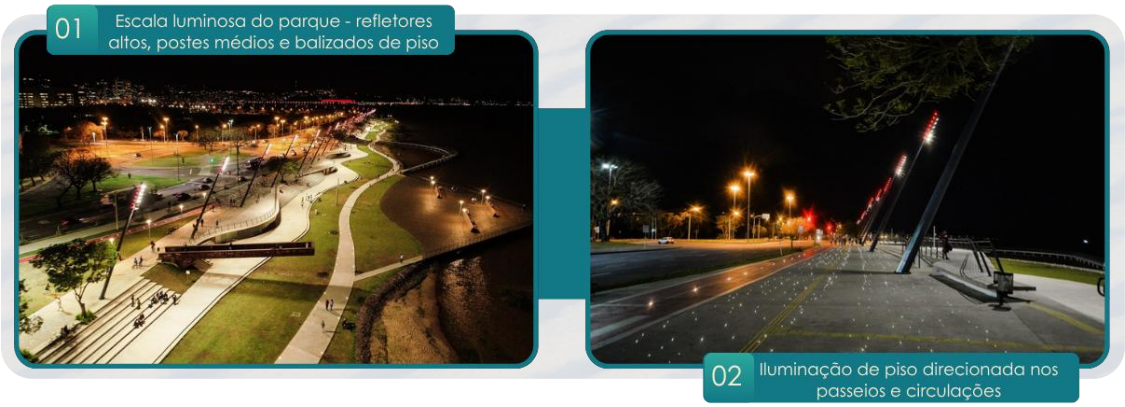
Figura 8 – Aspectos relevantes - infraestrutura paisagística.



Fonte: Adaptado de Arthur Cordeiro (2025).

Por sua vez, o projeto luminotécnico do comtempla uma abordagem multiescala, qualificando o ambiente urbano, sobretudo no período noturno. Em escala macro, refletores de grande porte são posicionados ao longo do parque com inclinação voltada para dentro dos espaços, proporcionando iluminação ampla nas áreas de convivência. Na escala intermediária, postes de aproximadamente 6 metros de altura são inseridos entre os passeios e setores mais abrigados da orla, garantindo iluminação de tarefa em zonas com menor visibilidade e reforçando assim a sensação de segurança. Já na escala micro, pequenas luminárias embutidas no piso acompanham os caminhos e contornos do calçadão, criando uma atmosfera sutil que remete a um céu estrelado, favorecendo a ambientação e a orientação do pedestre sem comprometer a paisagem noturna.

Figura 9 – Aspectos relevantes - Projeto Luminotécnico.



Fonte: Adaptado de Arthur Cordeiro (2025).

Em síntese, o Parque da Orla do Guaíba expressa sua relevância ao articular soluções paisagísticas, ecológicas, sensoriais e funcionais que geram efeitos positivos na promoção da qualidade de vida dos seus usuários. O projeto valoriza o entorno natural, promovendo a coesão entre os elementos construídos e a paisagem ribeirinha, com destaque para a reintrodução de espécies nativas e estratégias que favorecem a regeneração ambiental. Portanto, as diretrizes adotadas no Guaíba servem de base conceitual e metodológica para a requalificação da Orla do Jaraguá, especialmente no que se refere à ativação dos espaços de permanência, ao respeito à paisagem natural e ao fortalecimento do vínculo afetivo da população com o território.

4.2 Parque da Orla Balneário Camboriú

O projeto de Reurbanização do Parque da Orla de Balneário Camboriú surge como uma iniciativa do governo da cidade de Santa Catarina para revitalizar a área e mitigar conflitos como a degradação da vegetação nativa e a consequente descaracterização do ambiente natural, dificuldade de acesso à praia, bem como situações de insegurança pública, ao mesmo passo em que objetiva impulsionar o potencial turístico e econômico da região.

A proposta de urbanização, que possui curadoria do escritório Indio da Costa A.U.D.T, visa transformar a orla em um grande parque linear multifuncional à beira-mar, integrando o Pontal Norte e a Barra Sul ao longo de 18 trechos distintos de obra, que juntos abrangem uma área de mais de 600 mil m², dos quais 250.000 m² comportam a infraestrutura do parque e cerca de 350.000 m² são destinados à sua incorporação na faixa de areia. A rede viária, os espaços para recreação e atividades físicas, as faixas de mobilidade, o mobiliário e os equipamentos urbanos, assim como as estruturas de lazer convergem ao ideal de qualificar e valorizar o meio ambiente, a história e cultura da cidade para consolidar a identidade dos moradores de Balneário Camboriú.

O epicentro de destaque do projeto se concentra na macro estruturação urbana promovida através da revitalização dos espaços de circulação e da implementação de ações conjuntas, como por exemplo, a integração dos "caminhos do mar", que são ruas que partem do interior dos bairros da cidade e se conectam pelo o sentido transversal à praia. Na Figura 10 a seguir é possível observar como o mapeamento destas vias pedonais atuam como elemento de orientação para o deslocamento dos pedestres ao utilizar uma paginação de piso contínua, criando espaços de caminhabilidade que dispõem de calçadas compartilhadas e interligam os territórios a partir de estratégias de desenho urbano inclusivo.

Figura 10 – Macro estruturação urbana - Mapeamento dos Caminhos do Mar.



Fonte: Adaptado de Projeto Orla BC (2025).

As diretrizes de acessibilidade universal são amplamente contempladas na reurbanização do parque, que conta com mecanismos como faixas de travessia elevadas, rampas acessíveis e decks de acesso à praia instalados a cada 150 metros (ver Figura 11). O calçadão se alarga para acomodar um novo ordenamento de fluxos: faixa de serviço com jardim drenante (l - 2,50 m), corredor de micromobilidade de usos (l – 3,00 m), pista de corrida (l – 2,50 m), circulação e passeio de pedestres (l – 10,00 m), faixa vegetal de restinga (l – 10,00 m). Dessa forma, as soluções projetuais adotadas asseguram que a intervenção na Orla de Balneário Camboriú promova inclusão e se consolide como um espaço democrático, acessível e acolhedor para todos os públicos.

Figura 11 – Aspectos relevantes da acessibilidade no Parque da Orla de Balneário Camboriú.



Fonte: Adaptado de Projeto Orla BC (2025).

Por conseguinte, o parque quebra a lógica de um calçadão monótono, atravessando organicamente a praia, dispondo de uma infraestrutura de equipamentos de lazer e mobiliários urbanos como playgrounds infantis, dog parks, academias ao ar livre, bicicletários, canchas de bocha, postos de segurança e salva vidas, espaços de permanência com bancos modulares, mesas e cadeiras, bem como quiosques de grande, médio e pequeno porte, cujas implantações constam nas imagens do projeto reunidas na Figura 12 abaixo:

Figura 12 – Infraestrutura de equipamentos e mobiliários urbanos do Parque Orla de Balneário Camboriú.



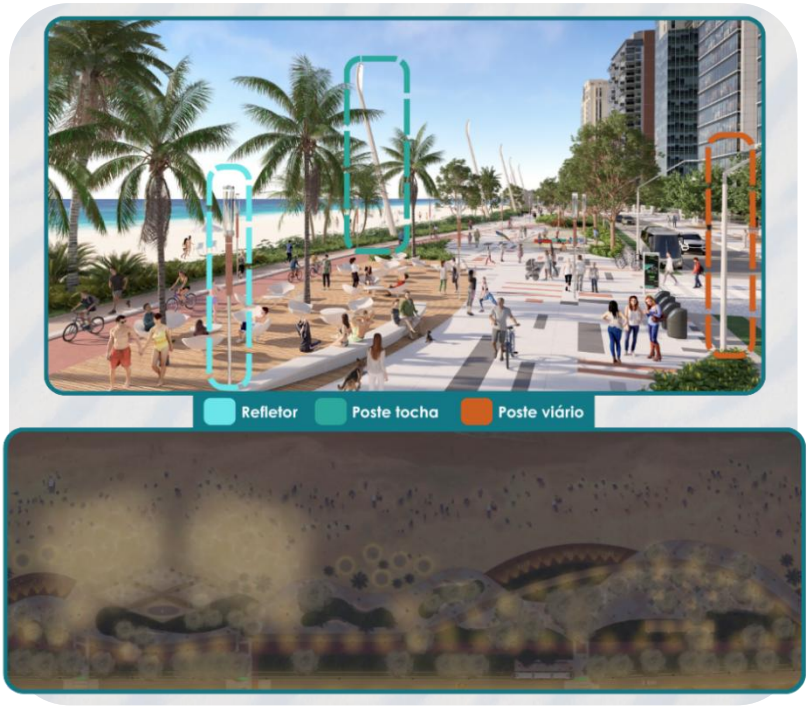
Fonte: Adaptado de Projeto Orla BC (2025).

A iluminação é pensada de forma integrada ao paisagismo e possui um apelo a linguagem visual, tanto por sua densa distribuição quanto pela estética monumental no design dos postes e luminárias. A figura 13 indica os três níveis presentes no projeto, refletores em LED de grande porte posicionados diretamente na faixa de areia (luz direta para banhistas no período noturno), postes tocha dispostos ao longo do calçadão (iluminação ampla nas áreas de convivência) e postes viários no intermédio entre os espaços de circulação e as vias (confere visibilidade e segurança ao tráfego viário).

Desse modo, a proposta busca criar ambiências convidativas e cenográficas, utilizando recursos luminotécnicos que proporcionam uma atmosfera de acolhimento e segurança ao usuário, principalmente no período noturno, quando assume o protagonismo na ativação do espaço público. A combinação de diferentes escalas de luz – direta, difusa e pontual – contribui para a

orientação espacial e qualificação da paisagem urbana, ampliando o tempo de permanência e promovendo maior diversidade de usos e apropriações sociais.

Figura 13 – Aspectos relevantes da iluminação no Parque da Orla de Balneário Camboriú.



Fonte: Adaptado de Projeto Orla BC (2025).

Com relação ao paisagismo, a responsabilidade ecológica se destaca como diretriz projetual fundamental, integrando o manejo de espécies existentes, a recomposição da vegetação de restinga e o plantio de novos gêneros arbustivos, conforme demonstrado na Figura 14.

Figura 14 – Aspectos relevantes do paisagismo no Parque da Orla de Balneário Camboriú.



Fonte: Adaptado de Projeto Orla BC (2025).

O plano de arborização reúne ações para redistribuir uma árvore a cada cem metros quadrados (1/100 m²) de área revitalizada em média, o manejo inclui espécies como palmeiras, massas arbustivas, uma diversidade de sombreiros, mudas de vegetação nativa e arbustos, que juntas transformam o ambiente em um refúgio verde e sustentável, contribuindo para melhorar a qualidade do ar e promover o bem-estar dos usuários do Parque da Orla de Balneário Camboriú.

A reurbanização do Parque da Orla de Balneário Camboriú articula soluções projetuais que respondem simultaneamente às demandas ambientais, sociais e turísticas da cidade. A capacidade de qualificar a interface entre cidade e mar por meio de estratégias paisagísticas, de acessibilidade e de macro estruturação dos espaços públicos contribui para a regeneração da vegetação nativa, valorização do território e ampliação das possibilidades de uso e permanência dos espaços coletivos. Assim, a intervenção citada consolida-se como um modelo de requalificação contemporânea em frentes litorâneas urbanas, oferecendo diretrizes aplicáveis a outras realidades costeiras — como a da Orla do Jaraguá — que buscam conciliar preservação ambiental, reativação urbana e valorização do patrimônio paisagístico.

4.3 Parque Orla Piratininga

O Parque Orla Piratininga Alfredo Sirkis (POP) é um parque público idealizado pela Prefeitura de Niterói às margens da Lagoa de Piratininga, região oceânica da cidade. Segmentado em 09 trechos, o parque comporta uma área de aproximadamente seiscentos e oitenta e cinco mil metros quadrados (685.000 m²), percorrendo cerca de 10,6 km que margeiam o corpo d'água da lagoa e abrangem as ilhas do Modesto, Pontal e do Tibau, conforme o plano de implantação apontado na Figura 16.

A iniciativa faz parte de um conjunto de medidas para revitalizar a Orla da Lagoa de Piratininga e restabelecer o equilíbrio do sistema lagunar. A gestão de cunho urbanístico e paisagístico ficam a cargo da Embyá em parceria com a Phytorestore, enquanto que a KAAN Arquitetos assume a intenção arquitetônica da proposta. Entregue a população em setembro de 2024, o espaço valoriza a convivência harmoniosa com a natureza, potencializando o sentimento de pertencimento ao ambiente, no intuito de aproximar cada vez mais os usuários do meio natural mesmo que em um contexto urbano.

Para isso, o espaço foi equipado com uma variedade de estruturas voltadas ao lazer, mobilidade e educação ambiental. Entre os equipamentos e mobiliários, destacam-se os 10,6 km de ciclovias, 17 áreas de convivência distribuídas entre praças e espaços de uso coletivo, 03 mirantes, 06 píeres destinados à pesca e 04 voltados à contemplação da fauna e flora locais. Além

disso, o espaço conta com pista de skate, quadras esportivas e um Centro EcoCultural. Como parte da estratégia ecológica do projeto, foram integrados 35.290 m² de jardins filtrantes, que auxiliam na drenagem sustentável e na requalificação ambiental da orla.

Figura 15 – Zoneamento dos trechos do Parque Orla Piratininga.



Fonte: Prefeitura de Niterói – Pró Sustentável (2025).

O projeto viário foi concebido com foco na priorização da escala humana, promovendo a caminhabilidade e o uso seguro da bicicleta ao longo de toda a margem (consultar Figura 16), criando espaços para veículos leves circularem em velocidade baixa somente quando necessário, assegurando que a função principal seja voltada à conectividade entre os trechos do parque, a apreciação da paisagem e a à fluidez do percurso.

Figura 16 – Aspectos relevantes do projeto viário do Parque Orla Piratininga.



Fonte: Adaptado de Prefeitura de Niterói – Pró Sustentável (2025).

No que se refere ao mobiliário urbano (ilustrado na Figura 17), o espaço é equipado com bancos modulares em madeira e concreto, além de decks de contemplação e passarelas que avançam sobre o leito da lagoa, permitindo maior aproximação com a paisagem natural. Em completude a infraestrutura, o parque conta com estruturas de apoio à pesca artesanal, como áreas para armazenamento de embarcações e equipamentos, além de espaços infantis destinados à recreação, reforçando o caráter inclusivo e multifuncional da intervenção.

Figura 17 – Infraestrutura de mobiliário urbano implantado no Parque Orla Piratininga.



Fonte: Adaptado de Prefeitura de Niterói – Pró Sustentável (2025).

Observa-se que a implantação da iluminação é distribuída de maneira limitada em alguns trechos, no entanto, a medida respeita a vegetação existente e busca minimizar a poluição luminosa, favorecendo uma integração sensível entre o ambiente natural e o espaço construído – a exemplo do setor esportivo da Ilha do Tibau visível na Figura 18. Porém, o cuidado para não cometer exageros fez com que se gerassem núcleos de fragilidades nas áreas de transição do parque.

De forma geral, o sistema de iluminação carece de um tratamento cênico e sensorial mais elaborado, restringindo-se atualmente a soluções convencionais que não exploram o potencial do parque como paisagem noturna qualificada. Não obstante, embora o projeto paisagístico e ecológico do parque seja expressivo, o tratamento dado à iluminação ainda se mostra pontual, funcionalista e subdimensionado diante da escala e da complexidade do espaço urbano da área de intervenção.

Figura 18 – Aspectos relevantes do projeto luminotécnico do Parque Orla Piratininga.



Fonte: Adaptado de Prefeitura de Niterói – Pró Sustentável (2025).

Adentrando no elo projetual mais forte da proposta em Piratininga, o projeto paisagístico, nota-se que o programa funcional de cada praça foi desenvolvido de forma variada, respeitando as especificidades de uso e promovendo a organização espacial das atividades. O principal eixo de acesso ao parque conta com uma área de estimulação multissensorial, delimitada pela Praça 1, materializando-se com a presença de um jardim sensorial com percurso contínuo, acessível e orientado, conforme ilustra a Figura 19.

Figura 19 – Praça 01: Infraestrutura de contemplação e estímulo sensorial.



Fonte: Adaptado de Prefeitura de Niterói – Pró Sustentável (2025).

Pensada sob a ótica do paisagismo ecológico, a estratégia projetual também contempla técnicas de recomposição vegetal, manejo da vegetação existente e enriquecimento de biodiversidade com espécies nativas do bioma Mata Atlântica e de ecossistemas associados. Devido à raridade da vegetação nativa preservada na lagoa e a necessidade de manutenção e prolongamento da beleza cênica local, é imprescindível proteger a área para que não haja fragmentação, mantendo

a conexão entre as manchas de ecossistemas. Para isso, foram integradas ao projeto soluções de infraestrutura verde (consultar Figura 20), como bacias de sedimentação, jardins filtrantes, jardins de chuva, biovaletas e vertedouros, que atuam no controle do escoamento superficial, na retenção de sedimentos e na melhoria da qualidade da água, reforçando o compromisso com a regeneração ambiental da área de intervenção.

Figura 20 – Aspectos relevantes do paisagismo no Parque Orla Piratininga.



Fonte: Adaptado de Prefeitura de Niterói – Pró Sustentável (2025).

O Parque Orla Piratininga Alfredo Sirkisb, o POP, representa uma iniciativa urbana de grande escala que alia infraestrutura verde, lazer e mobilidade à recuperação ambiental de uma área detentora de recursos hídricos a seu dispor. Ressalta-se a integração do traçado viário ao desenho do parque como um elemento de suporte à mobilidade ativa e dinâmica. Contudo, nota-se uma fragilidade no tratamento luminotécnico do parque, que acaba por comprometer a ambiência noturna em alguns trechos, principalmente nas áreas de transição.

Destarte, a aplicação de soluções sustentáveis como jardins filtrantes, a setorização de usos (incluindo o desenho do piso que auxilia na configuração dos ambientes, criando setores reclusos e delimitados) e a criação de percursos sensoriais, oferecem diretrizes aplicáveis para a proposta de intervenção na Orla do Jaraguá, especialmente no que diz respeito à integração entre cultura local, meio ambiente e mobilidade urbana.

4.4 Análise comparativa dos referenciais projetuais

A partir da análise dos estudos de referência previamente apresentados – a saber, Parque Orla do Guaíba, Parque da Orla de Balneário Camboriú e o Parque Orla Piratininga – é possível identificar os principais atributos positivos de cada projeto analisado. De maneira geral, foram valorizadas as estratégias projetuais voltadas ao conforto térmico em regiões de clima tropical quente, além da aplicação de materiais locais, acessíveis e adequados às condições do ambiente, que exigem pouca manutenção.

Também se destacaram aspectos relacionados à valorização cultural da comunidade com o território, incentivando a interação social e a permanência nos espaços. Foram levados em conta critérios de acessibilidade e diversidade de usos, observáveis na implantação de equipamentos de lazer, mobiliário urbano, soluções que favorecem a caminhabilidade nos passeios, além da integração com a paisagem e elementos naturais preexistentes, contribuindo para a criação de ambientes propícios à contemplação.

Desse modo, pode-se observar no quadro comparativo (ver Quadro 01) a seguir a disponibilidade de infraestrutura urbana ofertada por cada um dos estudos correlatos, onde de cerca dos vinte e três pontos levantados, o Parque da Orla Balneário Camboriú desponta como o projeto mais completo em termos de diversidade de espaços facultados no seu programa de necessidades em favor dos usuários.

A análise comparativa entre os estudos correlatos revelou uma série de elementos comuns que contribuíram significativamente para a formulação do programa de necessidades da proposta de requalificação da orla do Jaraguá. Dispositivos como ciclovias, bicicletários, academias ao ar livre, decks de convivência, áreas de alimentação e esportivas, espaços de apoio à atividade pesqueira tradicional, além de mobiliário urbano (como bancos, lixeiras e postes de iluminação), acessibilidade universal, corpos d'água integrados ao paisagismo e o manejo de espécies nativas foram recorrentes em ambas as referências analisadas. Todos esses elementos, com exceção do museu cultural, foram incorporados à proposta, evidenciando uma absorção coerente com a realidade local.

Adicionalmente, foram integradas ao projeto infraestruturas estratégicas não necessariamente presentes em todos os estudos de correlatos, mas que se mostraram pertinentes diante das demandas específicas do contexto urbano e social da área de intervenção. Entre elas, destacam-se o posto de segurança, o píer de uso múltiplo, sanitários públicos, espaços destinados a cães (dog parks) e áreas de estacionamento. A inserção desses equipamentos reforça o compromisso do projeto com a funcionalidade, segurança, inclusão e permanência qualificada dos

usuários, dialogando com as boas práticas projetuais identificadas nos estudos analisados e adaptando-as às singularidades do bairro Jaraguá.

Quadro 1 – Comparativo da infraestrutura urbana ofertada pelos estudos correlatos.

INFRAESTRUTURA DISPONÍVEL	GUAÍBA	BALNEÁRIO	POP
Playground Infantil	✗	✓	✓
Ciclovia	✓	✓	✓
Pista de corrida	✗	✓	✗
Bicicletário	✓	✓	✓
Academia ao ar livre	✓	✓	✓
Decks de convivência	✓	✓	✗
Ponte/píer	✓	✗	✓
Área de alimentação	✓	✓	✓
Mirantes de contemplação	✓	✗	✓
Área esportiva	✓	✓	✓
Sanitários públicos	✓	✗	✓
Posto de segurança	✗	✓	✗
Dog parks/Pet place	✗	✓	✗
Apoio a atividade pesqueira	✓	✓	✓
Mobiliário Urbano (bancos, lixeiras, postes de iluminação)	✓	✓	✓
Estacionamento	✗	✓	✓
Canchas de bocha	✗	✓	✗
Jardins filtrantes	✗	✓	✓
Manejo de espécies nativas	✓	✓	✓
Museu Cultural	✓	✓	✓
Acessibilidade	✓	✓	✓
Presença de corpos d'água	✓	✓	✓
Pista de skate	✓	✗	✗

Fonte: Autoria própria (2025).

Visto isso, os projetos destacam-se pela diversificação de usos e a preservação da paisagem, desempenharam um papel fundamental na construção da proposta para a orla do Jaraguá, orientando escolhas projetuais pautadas na sustentabilidade, na inclusão e no respeito à identidade local e paisagística da região.

5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Este capítulo propõe a análise e a compreensão da morfologia e infraestrutura urbana da área de estudo, percorrendo os aspectos macro do bairro e se aprofundando nas particularidades do local de intervenção, bem como seu entorno imediato. Para tanto, o primeiro momento apresenta a delimitação espacial do objeto de estudo, bem como sua contextualização histórica relacionada ao lugar em que está inserida.

O diagnóstico morfológico da paisagem urbana foi amparado por levantamentos preliminares e levantamentos de campo, reunindo informações fotográficas e parâmetros urbanísticos, os quais possibilitaram caracterizar a localidade de acordo com o adensamento urbano, cobertura vegetal, traçado e fluxo do sistema viário, dentre outros fatores. A abordagem se estende ainda para um mapeamento completo das principais condicionantes bioclimáticas da área de intervenção, culminando na análise dos questionários aplicados, apresentando os resultados acerca da relação dos usuários com o lugar através de gráficos e discussões pertinentes.

5.1 O sítio urbano e sua preexistência tradicional da Vila dos Pescadores

O bairro do Jaraguá, em Maceió-AL constitui-se como o lócus fundador da cidade, marcado por sua geografia privilegiada junto à lagoa Mundaú e por uma trajetória urbana desembocada no porto natural de Jaraguá. Este sítio urbano foi historicamente ocupado por populações tradicionais, que desenvolveram na pesca artesanal a principal base de sustento e identidade cultural. O topônimo "Jaraguá" deriva tem herança indígena no tupi *yara-guá*, que significa enseada das canoas.

A partir dos séculos XIX e XX, o loteamento informal em torno do porto, conforme ilustra a Figura 21 converteu-se nos primeiros núcleos residenciais populares, onde pescadores e marisqueiros estabeleceram moradia precária próxima ao cais. As habitações rudimentares, frequentemente em pau-a-pique, eram multiuso: serviam como oficinas de trabalho (preparo do pescado), espaços de convívio social, lazer e convivência comunitária, confluindo intimamente trabalho e vida doméstica.

A deterioração progressiva do bairro, sobretudo a partir da década de 1990, intensificou processos de favelização e despreparo infraestrutural, em decorrência da chegada de populações externas à cultura pescadora, que, associada à precariedade urbana, contribuiu para a marginalização da Vila Paralelamente, projetos de revitalização para o centro histórico e a orla começaram a ganhar corpo, impulsionados pelos governos municipais desde meados dos anos 1990.

Figura 21 – Ocupação espacial da Vila de Pescadores/Jaraguá.



Fonte: Fábio Lins/Cultura e Viagem (2014).

O conflito culminou na desocupação da Vila dos Pescadores, formalizada em 2015, quando cerca de 400 famílias foram realocadas para conjunto habitacional no bairro do Sobral, com promessas de melhorias habitacionais e a construção de um Centro Pesqueiro em substituição à ocupação tradicional. Embora prometido como melhoria habitacional e urbanística, o deslocamento desconfigurou a territorialidade histórica: perdeu-se o vínculo físico com a orla e muitos saberes tradicionais foram fragilizados, ainda que os pescadores tenham buscado preservar a memória por meio da arte, da educação e do diálogo passado de geração em geração.

Nesse contexto, a Vila dos Pescadores emerge como elemento central para a compreensão da formação urbana de Maceió, representando tanto a identidade tradicional que alimentou os primeiros assentamentos quanto a tensão entre usos comunitários e projetos institucionais de valorização imobiliária. A preexistência da Vila sinaliza a necessidade de leituras projetuais sensíveis à história local e ao patrimônio imaterial.

Portanto, o sítio urbano do Jaraguá guarda em sua tessitura material e imaterial os elementos de constituição da cidade. A Vila dos Pescadores, sua preexistência tradicional, merece ser compreendida não como obstáculo à modernização, mas como matriz cultural que fundamenta uma proposta realmente integrada, culturalmente sustentável e socialmente justa de requalificação urbana.

5.2 Diagnóstico de morfologia urbana

Para Lamas (2004), a morfologia urbana corresponde ao estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, ou elementos morfológicos, e sua produção e transformação no tempo. Outrossim, significa dizer que é um campo de estudo que examina a estrutura física dos espaços urbanos, revelando os processos históricos, sociais e econômicos que moldaram determinada paisagem urbana. Adotando a mesma linha de pensamento, Del Rio (1990) e Panerai (2006) ressaltam que a importância de análise da morfologia urbana está em compreender a lógica da formação, evolução e transformação dos elementos urbanos, e de suas relações internas, orientando assim o planejamento e gestão do espaço urbano, buscando permitir a identificação de formas mais apropriadas de intervenção nos espaços públicos.

Sendo assim, este tópico visa a compreensão da estrutura morfológica do sítio de intervenção, respaldada pelos levantamentos *in loco*, análises empíricas e observação participante. Para o levantamento da paisagem urbana do entorno foi designado um raio de aproximadamente quatrocentos metros (500 m) de distância do ponto central do calçadão da orla, a fim de prosseguir com a elaboração dos mapas temáticos, caracterizando a área de acordo com cheios e vazios, uso e ocupação do solo, gabarito das edificações, sistema viário e cobertura vegetal.

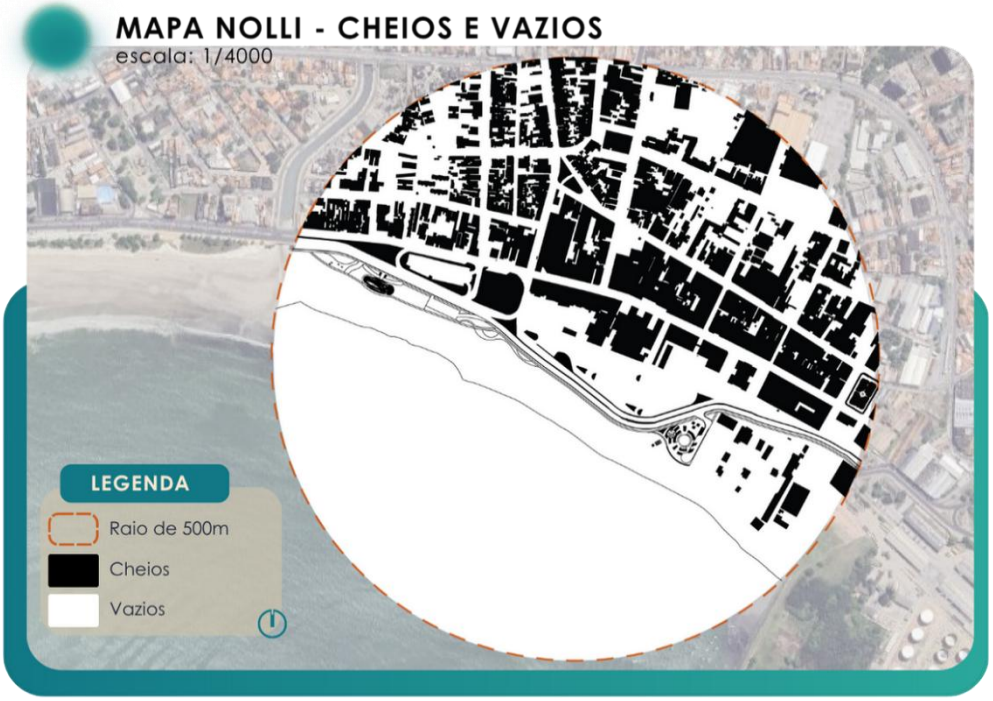
5.2.1 Cheios e vazios

A produção do Mapa Nolli, que engloba a análise dos espaços edificados (cheios) e não edificados (vazios) é uma ferramenta chave na compreensão da estrutura e organização do tecido urbano. Neste enfoque, voltando o olhar para as imediações do Bairro Jaraguá, e sabendo que essa área faz parte da macrozona de adensamento controlado[10], percebe-se uma grande disparidade na relação dos cheios e vazios urbanos.

Isto porque, se tratando da infraestrutura construída, a área de entorno imediato apresenta uma ocupação expressiva em relação aos poucos vazios existentes, caracterizando-se como uma zona de elevado índice de adensamento urbano (ver Mapa 2), em função da consolidação de suas raízes históricas e valorização da atividade comercial na região. Ainda é possível notar uma distribuição consistente dos espaços construídos compostos por edificações, vias e praças em detrimento de espaços livres esporádicos.

[10] Lei Municipal nº 5.486, Art. 127, § 2º.

Mapa 2 – Nolli: Cheios e Vazios.



Fonte: Autoria própria (2025).

Apesar de apresentar uma malha urbana já bem consolidada, a área de estudo é passível de melhorias a partir da requalificação dos espaços vazios e subutilizados, nos quais podem ser implantados equipamentos públicos e áreas de lazer, contribuindo para suprir deficiências em infraestrutura básica e promover a interação social e a dinamização dos espaços urbanos.

5.2.2 Uso e Ocupação do solo

A análise de uso e ocupação do solo corresponde a identificação das relações socioeconômicas que se desdobram no espaço urbano, demonstra o reflexo das políticas públicas e ambientais condicionadas por agentes produtores do espaço e como estas ações atuam em conjunto na materialização de tipologias urbanas específicas.

Por se tratar de um bairro antigo, o perímetro conta com uma tipologia de uso difusa e plural, considerando-se para fins de análise categorias como: uso residencial, uso comercial, uso institucional, prestação de serviços, uso religioso, saúde, uso educacional, praças e sem uso/abandono. Em virtude disso, o mapa abaixo (Mapa 3) indica uma predominância de usos comerciais situados a nordeste da área, contrastando com as edificações residenciais ao norte.

Tal assiduidade comercial deve-se à concentração das atividades portuárias e a influência do Polo Comercial de Jaraguá, cujo fluxo rotativo gira em torno dos bares, restaurantes, museus e

centros de convenções instalados na extensão da Rua Sá e Albuquerque. Nota-se também uma concentração de equipamentos institucionais, sobretudo aqueles pertencentes ao poder público e a gestão do município. Outrossim, a área dispõe de espaços públicos coletivos como a Praça Marcílio Dias, a Praça Raiol, a Praça Arquiteto Alex Barbosa e a Praça Dois Leões.

Mapa 3 – Uso e Ocupação do Solo.



Fonte: Autoria própria (2025).

Entretanto, merece especial atenção o fato de que a leitura da ocupação atual revela uma fragmentação funcional no uso do solo, consequência direta das transformações urbanas ao longo das décadas. O processo de gentrificação produziu efeitos ambíguos sobre o patrimônio edificado, onde diversos edifícios históricos passaram a ser negligenciados e/ou mantidos em desuso, criando bolsões de abandono em meio a zonas parcialmente revitalizadas, gerando assim agravantes que comprometem a continuidade espacial e enfraquecem a relação entre o território e seus usuários.

Em um contexto onde se observam os impactos negativos do processo de gentrificação, que desestimula a permanência de antigos moradores e culmina no deslocamento pequenos comerciantes que faziam parte da dinâmica local, o próprio patrimônio se torna vulnerável: não apenas à deterioração física, mas ao esvaziamento cultural e à perda de vínculos afetivos com a população local.

Destarte, o diagnóstico do uso e ocupação do solo da área estudada, gera, impreterivelmente, uma demanda de soluções que valorizem a função social dos espaços construídos no anteprojeto de requalificação. Tais ações se traduzem nas decisões projetuais adotadas, como por exemplo, a proposta de implementação de um centro náutico e de um espaço estruturado para a comercialização do pescado e a instalação de mobiliários urbanos estratégicos, como quiosques, pontos de apoio (banheiros públicos), áreas sombreadas, sinalização interpretativa e placas informativas.

Essas medidas dão suporte à economia local, favorecem a apropriação do lugar e estimulam o pertencimento por parte dos usuários, de modo que o espaço urbano passe a cumprir sua função social plena: servindo à coletividade, promovendo inclusão, acessibilidade e vitalidade urbana, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade local e a memória coletiva do bairro, agregando valor simbólico e funcional à paisagem urbana.

5.2.3 Gabarito das edificações

O diagnóstico acerca do gabarito das edificações permite identificar a altura de uma edificação do nível do solo até o ponto mais alto da sua cobertura. Isto posto, sabendo que o tecido estudado compõe a trama de um Setor de Preservação[11], nota-se que o planejamento urbano mantém controlado o perfil de elevação dos espaços construídos, uma vez que o gabarito regra o adensamento e a volumetria das edificações de maneira a se evitar interferências negativas no entorno e paisagem urbana que impliquem a descaracterização arquitetônica do conjunto.

Logo, mediante análise do mapa a seguir (Mapa 4), o padrão de verticalização segue uma distribuição equilibrada entre as edificações térreas e edificações de até 02 pavimentos, devido à alta influência do padrão construtivo da arquitetura colonial preservada no bairro. Além disso, observa-se que a maioria das edificações térreas são ocupadas pela função habitacional e, em alguns casos, pelo uso comercial, enquanto que os prédios de múltiplos pavimentos destinam-se a abrigar imóveis institucionais e de prestação de serviços. Por outro lado, a Associação Comercial e o Centro de Convenções de Maceió despontam como edificações mais altas no nível de 03 à 04 pavimentos. Esse padrão proporciona um uso mais dinâmico do espaço urbano e contribui para o desenvolvimento econômico da região.

[11] Instituído pela Lei Municipal nº 5.593 – Código de Urbanismo e Edificações do município – como Zona Especial de Preservação Cultural 1 (ZEP-1 Jaraguá), a qual constitui-se pelo sítio histórico de Jaraguá, tendo sua preservação direcionada à vocação comercial, de moradia, de lazer, de cultura e de turismo.

Mapa 4 – Gabarito das edificações.



Fonte: Autoria própria (2025).

Diante da tendência moderada no crescimento vertical do bairro Jaraguá e levando-se em consideração a preservação da paisagem natural característica da planície costeira, o partido arquitetônico do anteprojeto propõe edificações limitadas ao pavimento térreo, adotando como diretriz projetual o gabarito reduzido não apenas por uma questão estética, mas sobretudo para garantir a permeabilidade visual e valorizar o caráter paisagístico da proposta.

5.2.4 Sistema Viário

Segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura e Transporte (1992) a rede viária urbana pode ser dividida em quatro sistemas específicos: arterial principal, arterial secundário, coletoras e locais. Em paralelo, o autor Mascaró (2005) evidencia considerações importantes acerca da classificação do sistema viário, em que as vias arteriais são compreendidas como um eixo estruturante da morfologia urbana, conectando diferentes partes da cidade e promovendo fluxo contínuo de veículos e pessoas.

Ainda na concepção apresentada pelo autor, as vias coletoras exercem a função de interligar o tráfego gerado nas ruas locais às vias arteriais, atuando como elementos de transição e organização do fluxo interno em zonas residenciais, comerciais e industriais. Complementarmente,

o sistema viário local é composto por ruas que têm como finalidade principal assegurar o acesso direto às propriedades particulares, desempenhando um papel mais restrito e de menor intensidade no conjunto da malha urbana.

Aplicando estes conceitos no diagnóstico urbano da área – ver Mapa 5 –, averiguou-se que as vias limítrofes do bairro do Jaraguá compõem um polígono de vias arteriais que dão acesso a ele (Av. Industrial Cícero Toledo e Av. da Paz), por isso grande parte de suas vias de entroncamento são coletoras, responsáveis por fazer essa conexão entre elas. Há também a presença de vias locais de menor fluxo próximas as regiões residenciais do bairro e de duas ruas para pedestres (becos sem circulação de carros), à saber: Rua Santa Leopoldina e Rua Rocha Cavalcante.

Mapa 5 – Infraestrutura do Sistema Viário.



Fonte: Autoria própria (2025).

A inserção da área de intervenção em um trecho urbano tangenciado por 02 importantes vias arteriais – a Avenida da Paz e a Avenida Industrial Cícero Toledo – exige soluções projetuais que promovam transições seguras entre as bordas viárias e os espaços de permanência, como por exemplo, a organização funcional e o alargamento dos acessos de calçadões, estacionamentos e ciclovias, inclusão de dispositivos de sinalização e travessias qualificadas.

5.2.5 Cobertura Vegetal

As áreas verdes correspondem a um conjunto massivo do espaço urbano livre que concentra coberturas vegetais nativas ou introduzidas, estas áreas podem contribuir para a redução de ruídos, retenção de partículas de poeira suspensas no ar e ainda oferecer sombreamento pela arborização, agregando valor estético à paisagem urbana e favorecendo a permanência, uma vez que podem se configurar como locais de recreação e lazer.

De modo geral, a formação vegetal do município de Maceió possui representantes da vegetação xerófila do bioma Caatinga, bem como espécies remanescentes da Mata Atlântica, com destaque para formações herbáceas e arbustivas, além de áreas úmidas como manguezais e restingas nas áreas litorâneas. O Mapa 6 a seguir ilustra o mapa de vegetação existente no entorno imediato da proposta de requalificação, onde se destaca que em razão do adensamento já bem consolidado, nota-se a escassez de vazios urbanos e de áreas verdes mais densas.

Mapa 6 – Cobertura vegetal.



Fonte: Autoria própria (2025).

No entanto, como pode ser observado no mapa, existem alguns locais de concentrações pontuais de espécies vegetais específicas por área de maior ocorrência. Nesse sentido, foram identificados exemplares de pequeno, médio e grande porte, dos quais os mais recorrentes – ver

Figura 22 – são o Coqueiro (*Cocos Nucifera*) presentes em maiores quantidades que os demais, a Amendoeira da praia (*Terminalia Catappa*), a Árvore do céu (*Ailanthus Altissima*), a Longana (*Dimocarpus Longan*), a Palmeira Imperial (*Roystonea Oleracea*) e a Falsa Seringueira (*Ficus Elastica*).

Figura 22 – Espécies vegetais mais recorrentes no perímetro urbano de estudo.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Em virtude da atual configuração dos espaços verdes, a proposta de intervenção assume o compromisso de maximizar a cobertura vegetal da área, valendo-se do manejo da vegetação nativa existente e do plantio de novas espécies que se adaptem ao ambiente costeiro, qualificando o potencial paisagístico da área ao mesmo passo em que contribui para o aumento da permeabilidade do solo e para o controle microclimático da região.

5.3 Condicionantes físicas e climáticas

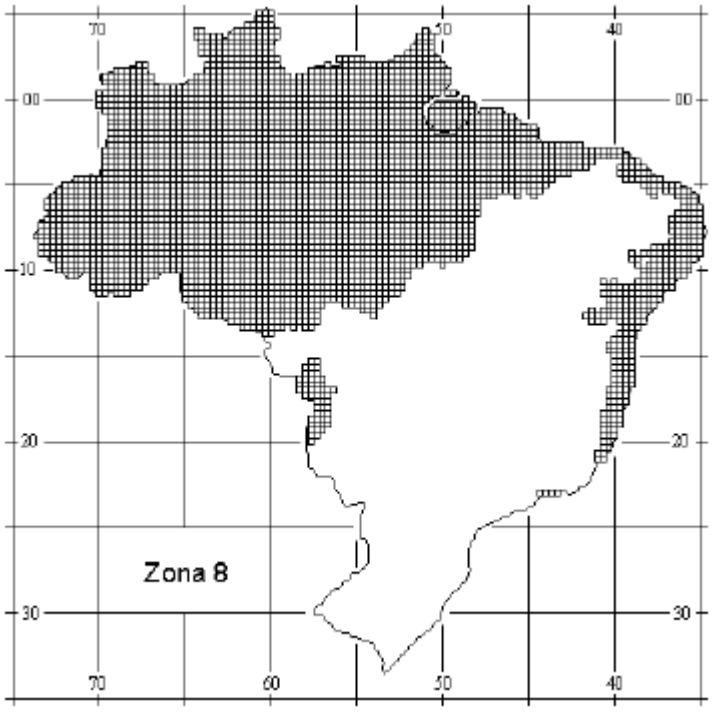
Se tratando da análise climática, sabe-se que o clima urbano sofre influência direta de diversos fatores relacionados à dinâmica das cidades, tais como: o aumento de superfícies impermeáveis – como o asfalto e o concreto – e a diminuição de áreas verdes, a intensidade das atividades humanas e o fluxo de veículos em circulação, dentre outros condicionantes que podem provocar alterações significativas no microclima urbano no que se refere à elevação da temperatura, diminuição da umidade relativa do ar e mudanças na velocidade e direção dos ventos.

No que diz respeito ao impacto do processo de urbanização e verticalização das cidades no microclima local, Costa e Filho (2017) destacam que a atividade turística e a especulação imobiliária nas áreas litorâneas brasileiras impulsionam novos empreendimentos e o padrão dos novos edifícios altera, de maneira acelerada, o perfil dessas regiões, comprometendo assim a passagem da ventilação natural.

Nesse contexto, o planejamento da paisagem urbana torna-se um agente modulador na composição do clima e sensação térmica no espaço urbano, podendo interferir de forma positiva e/ou negativa sobre o conforto ambiental da área em questão. Isto posto, a caracterização bioclimática da área de estudo foi realizada mediante consulta no banco de dados da estação meteorológica e consulta por meio do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia), valendo-se também da ferramenta Projetando Edificações Energeticamente Eficientes (ProjetEEE).

Portanto, o estudo bioclimático estende-se além da definição dos parâmetros de temperatura, clima, umidade relativa do ar, precipitação pluviométrica, radiação solar e direção dos ventos, englobando as diretrizes gerais da zona bioclimática a qual se insere a área de intervenção. De acordo com a NBR 15220-3 (ABNT, 2005), Maceió insere-se na Zona Bioclimática 8 (ver Mapa 7), mais especificamente, entre a latitude 9°57'37" Sul e longitude 35°44'7" Oeste.

Mapa 7 – Zona Bioclimática 08.



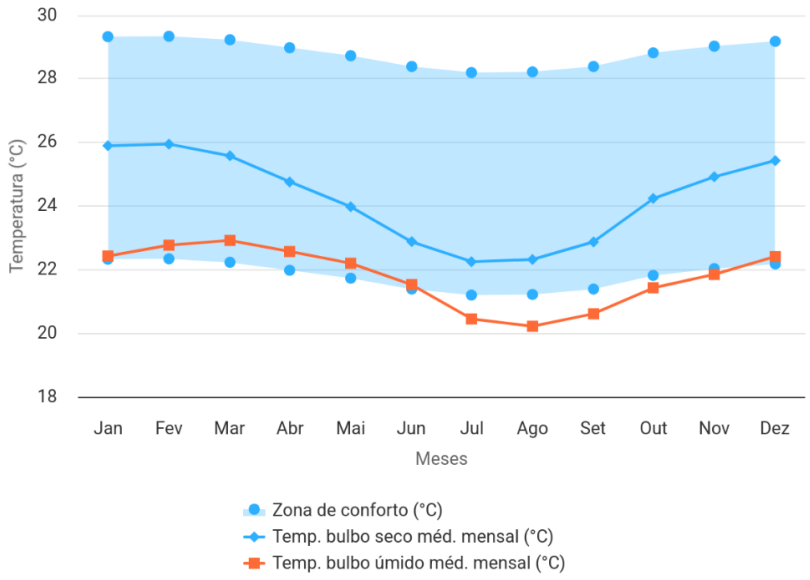
Fonte: NBR 15220-3 (ABNT, 2005).

As recomendações específicas para essa zona devem adotar a ventilação cruzada permanente como estratégia de condicionamento térmico passivo, sombreamento total das aberturas e o Uso de elementos vazados e superfícies refletivas. O clima de Maceió caracteriza-se como quente e úmido, notando-se pequenas variações térmicas diárias, sazonais e anuais. Conta com duas estações bem definidas: o verão, com temperaturas mais elevadas e baixa pluviosidade; e o inverno, apresentando temperaturas amenas e alta pluviosidade.

O Gráfico 1 a seguir apresenta as temperaturas médias mensais e zona de conforto indicada para o uso da ventilação natural. Durante o período anual, as temperaturas admissíveis na zona de conforto registraram 21,2 ºC mínimos e 29,33 ºC máximos. Nota-se que os índices do bulbo seco[12] anual se encontram dentro da zona confortável, onde as temperaturas mais elevadas ocorrem durante os meses de Janeiro, Fevereiro e Março (25,95 ºC e 25,58 ºC), decaindo gradualmente até a menor temperatura média no mês de Julho (22,25 ºC) e voltando a ascender entre Agosto e Dezembro (onde alcança 25,44 ºC).

Consoante a isso, o bulbo úmido[13] apresenta-se dentro da zona de conforto no primeiro semestre do ano (Dezembro à Junho), por outro lado, observa-se que no segundo semestre (entre Julho e Novembro) as temperaturas decaem consideravelmente fora da zona estabelecida, atingindo 20,22 ºC no mês de Agosto, caracterizando-o assim como o mês mais ameno no panorama geral das temperaturas médias anuais observadas para a cidade estudada.

Gráfico 1 – Temperaturas médias mensais para a cidade de Maceió - AL.

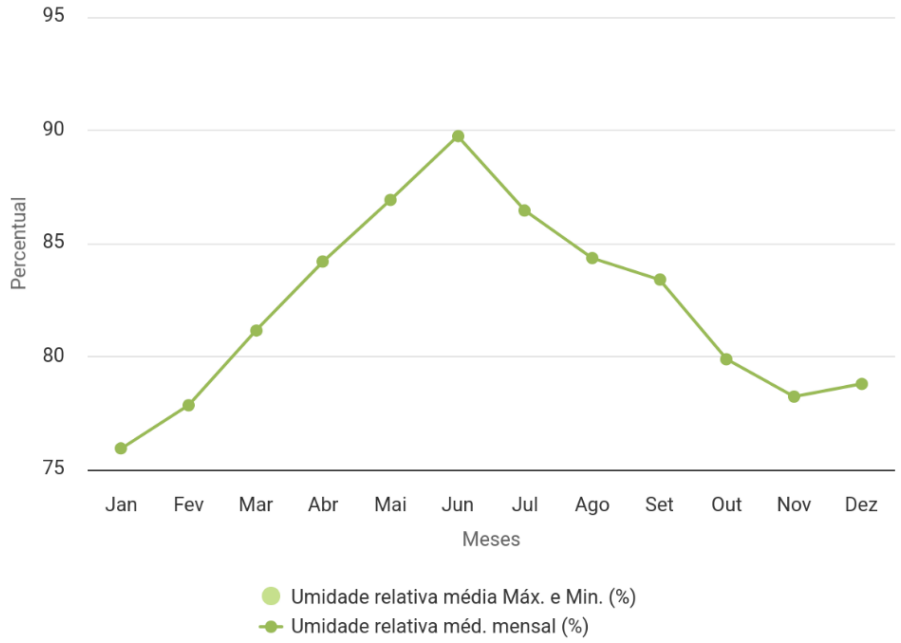


Fonte: ProjetEEE (2025).

[12] A temperatura de bulbo seco é medida por um termômetro comum, representando a temperatura real do ar.
[13] A temperatura de bulbo úmido é obtida por meio de um termômetro cujo sensor está envolvido por um tecido umedecido. À medida que a água evapora, ocorre a retirada de calor do bulbo, o que provoca uma redução na temperatura registrada, resultando em um valor inferior ao da temperatura ambiente.

No que diz respeito à variação de sensação térmica, o Gráfico 2 adiante evidencia a variação da umidade relativa média mensal ao longo do ano. Nota-se que os valores se mantêm elevados durante todo o período, com médias acima de 75%, provocando de modo geral uma alta umidade relativa do ar na cidade de Maceió. Essa característica se dá pela influência da proximidade de grandes massas d'água provindas do Oceano Atlântico, do Complexo Estuarino Mundaú-Manguaba e da vegetação de encosta, o que confirma o caráter quente e úmido do clima tropical litorâneo predominante na região.

Gráfico 2 – Umidade relativa do ar para a cidade de Maceió - AL.



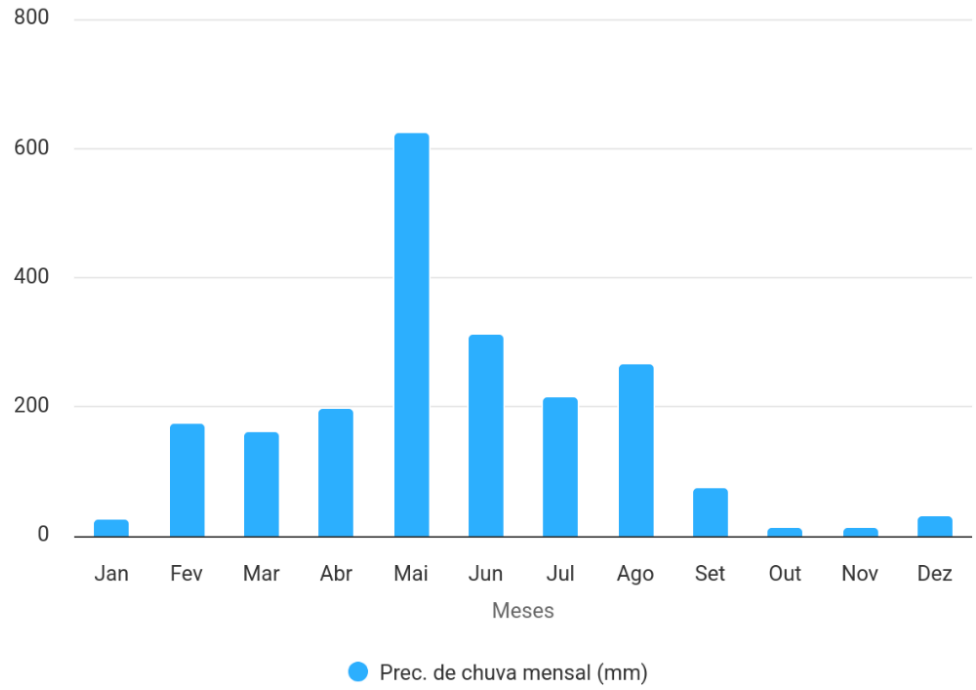
Fonte: ProjetEEE (2025).

Observa-se uma elevação gradual da umidade relativa entre os meses de Janeiro a Junho, atingindo seu pico em junho, com valores próximos a 90%. Esse comportamento contribui para o aumento da umidade atmosférica, influenciando diretamente o conforto térmico urbano, que tende a ser prejudicado devido à dificuldade de evaporação do suor corporal em ambientes com umidade excessiva. A partir de Julho, os índices começam a declinar, com uma redução gradual até Novembro, mês em que se registra o valor mais baixo do ano, em torno de 78%. A partir de Dezembro, observa-se um leve aumento, indicando o retorno do ciclo úmido.

No tocante ao regime de chuvas, a precipitação pluviométrica média mensal (Gráfico 3) possibilita identificar uma estação chuvosa bem definida e uma estação seca prolongada para a respectiva área. A partir da leitura dos dados, observa-se que os maiores volumes de chuva ocorrem entre os meses de Abril a Agosto, com destaque para Maio, que apresenta um pico expressivo,

ultrapassando os 600 mm de precipitação, configurando-se como o mês mais chuvoso do ano. Já nos meses de Outubro a Janeiro, os índices são notavelmente baixos, com precipitações médias inferiores a 40 mm, sendo o mês de Outubro o mais escasso de chuvas, registrando apenas 13 mm, característica comumente observada na estação seca.

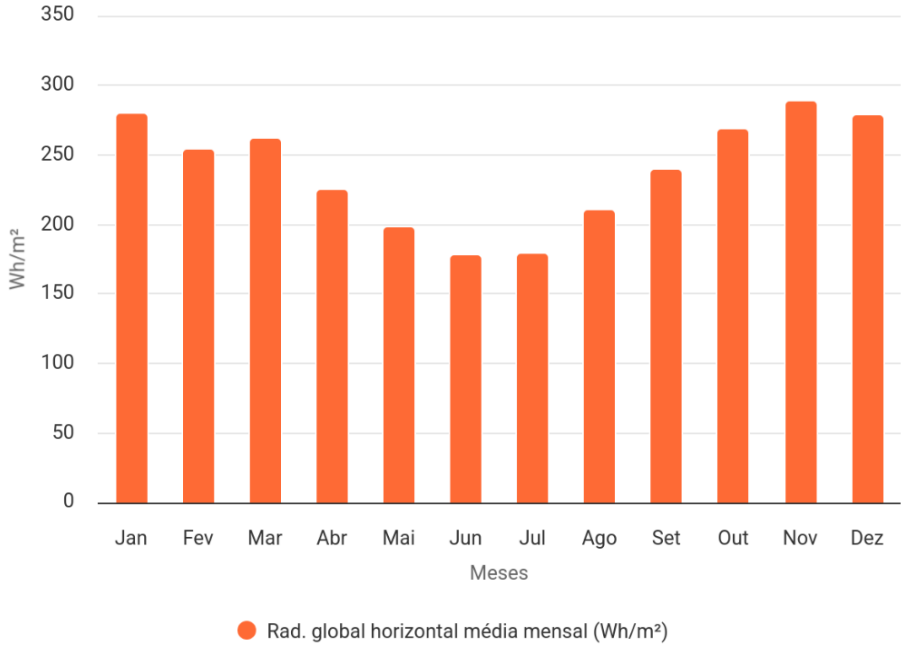
Gráfico 3 – Precipitação pluviométrica para a cidade de Maceió - AL.



Fonte: ProjetEEE (2025).

Devido a sua localização de baixa latitude no Meridiano de Greenwich, a cidade de Maceió recebe forte incidência de radiação solar, cujos índices médios podem ser constatados no Gráfico 4. De acordo com os dados, percebe-se que há uma variação gradual nos índices médios, onde a menor incidência ocorre nos meses de Maio, Junho (menor valor registrado com 178,21 Wh/m²) e Julho, devido a coincidir com o período de chuvas mais acentuado. Os níveis vão aumentando a medida em que se aproxima os períodos mais secos do ano, entre Setembro e Janeiro, com destaque para o mês de Novembro que lidera com aproximadamente 289,07 Wh/m² de radiação solar média.

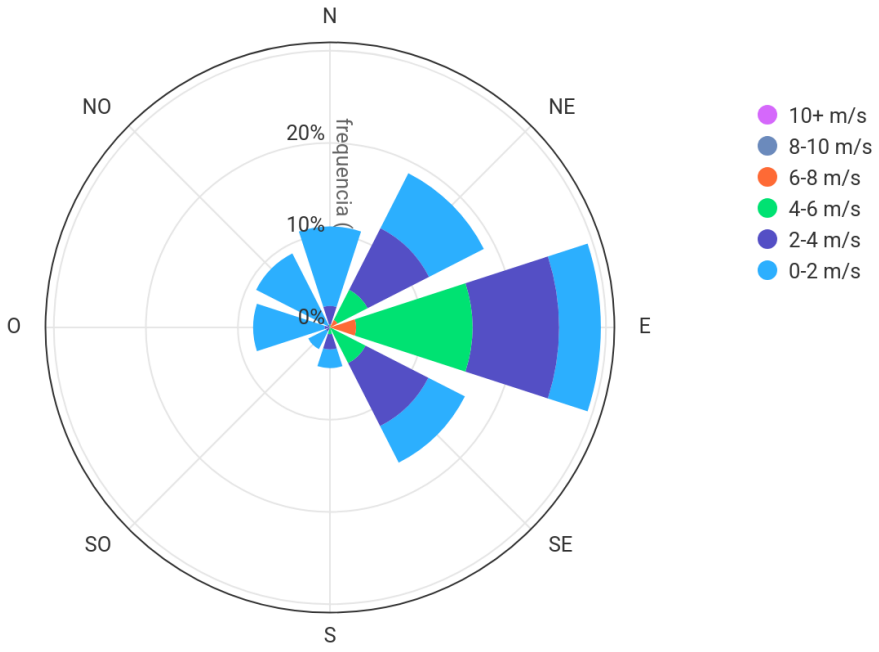
Gráfico 4 – Radiação Solar para a cidade de Maceió - AL.



Fonte: ProjetEEE (2025).

No intuito de orientar as decisões projetuais relacionadas ao conforto térmico e a ventilação natural, o estudo da rosa dos ventos (ver Gráfico 5) nos permite compreender as estatísticas como velocidade, direção e frequência destes, modo a evitar bloqueios e interferências no seu percurso e garantir um deslocamento natural do ar.

Gráfico 5 – Rosa dos ventos da cidade de Maceió - AL.



Fonte: ProjetEEE (2025).

O regime de escoamento do ar apresenta uma predominância de ventos mais frequentes oriundos do quadrante Leste (E) e Nordeste (NE), com destaque para maior frequência dos ventos provenientes do setor Leste (mais de 20%) em função dos ventos à Nordeste (cerca de mais de 10%), onde o domínio se justifica pela influência dos ventos alísios típicos da zona costeira nordestina. Há uma variação de velocidade nos quadrantes mencionados, de 0-2 m/s a 4-6 m/s, podendo alcançar até no máximo 6-8 m/s.

5.4 Análise do espaço público: subutilização e potencialidades

O bairro histórico de Jaraguá constitui-se como um dos núcleos urbanos mais emblemáticos da capital alagoana. Detentor de um expressivo valor cultural e arquitetônico, o Jaraguá abriga importantes marcos históricos que compõem a identidade coletiva da cidade. No entanto, o trecho da intervenção proposta, que compõe o patrimônio natural paisagístico e cultural da área, apresenta-se atualmente como um espaço subutilizado, sendo mais um local de passagem para os seus bairros litorâneos vizinhos.

Sob a ótica do urbanismo, a conservação da infraestrutura urbana exerce influência direta na forma como os indivíduos percebem, utilizam e se apropriam do espaço, pois, segundo Kevin Lynch (1960), a legibilidade e a imagem da cidade estão atreladas à qualidade dos seus elementos estruturais. Assim, espaços bem preservados tendem a reforçar o senso de identidade e pertencimento, enquanto deficiências físicas evidenciam fragilidades urbanas que comprometem a funcionalidade, o conforto e o valor simbólico do ambiente construído.

Nesse sentido, a área de estudo dispõe de espaços coletivos existentes que podem interferir e contribuir no modo de percepção e vivência espacial do lugar. A título de exemplo, têm-se o Coreto de Jaraguá, que representa um espaço de sociabilidade e memória, apesar de atualmente apresentar sinais de desgaste físico e pouco uso pela comunidade. Vale citar também o Memorial da República, que se destaca pela imponência arquitetônica e pelo valor histórico, cujo qual esqueleto está relativamente bem conservado, embora careça de ações de dinamização cultural e acessibilidade.

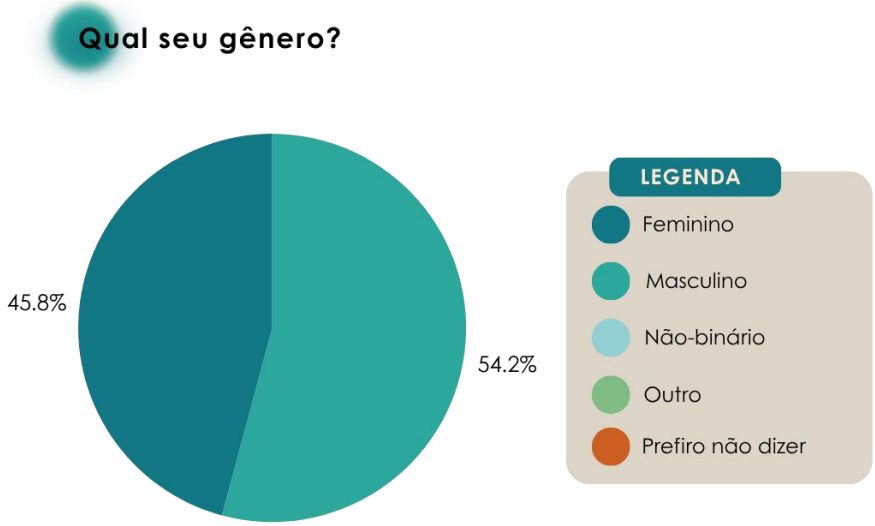
A escultura "O Boi", por sua vez, é um marco visual e artístico que celebra as manifestações populares da cultura nordestina, compondo uma narrativa visual marcante para o espaço urbano citadino. Contudo, sua inserção em meio a um ambiente desarticulado e com baixa manutenção compromete sua visibilidade e apropriação pela população, concentrando por vezes um número expressivo de usuários de drogas e/ou comportamentos de risco. Por outro lado, a

Capelinha de Jaraguá, símbolo religioso e atrativo turístico em potencial, encontra-se em condições razoáveis de preservação e demanda por ações de qualificação paisagística.

Diante da dicotomia entre a subutilização e as potencialidades do espaço público, foram direcionados questionários para auxiliar no entendimento da relação dos usuários com o lugar e aferir com maior precisão a opinião pública da comunidade sobre questões relativas à acessibilidade, infraestrutura, arborização, segurança, iluminação, limpeza e qualidade do espaço público coletivo. Essa ferramenta de avaliação destinou-se a satisfazer as expectativas e necessidades apontadas no desenvolvimento projetual da requalificação urbana proposta.

Contando com um universo de amostragem de cerca de trinta e quatro (34) respostas, o gráfico 6 adiante trata da identificação de gênero dos participantes da pesquisa direcionada, onde é possível notar que a população correspondente foi bem equilibrada entre homens e mulheres, se sobressaindo ligeiramente o público masculino.

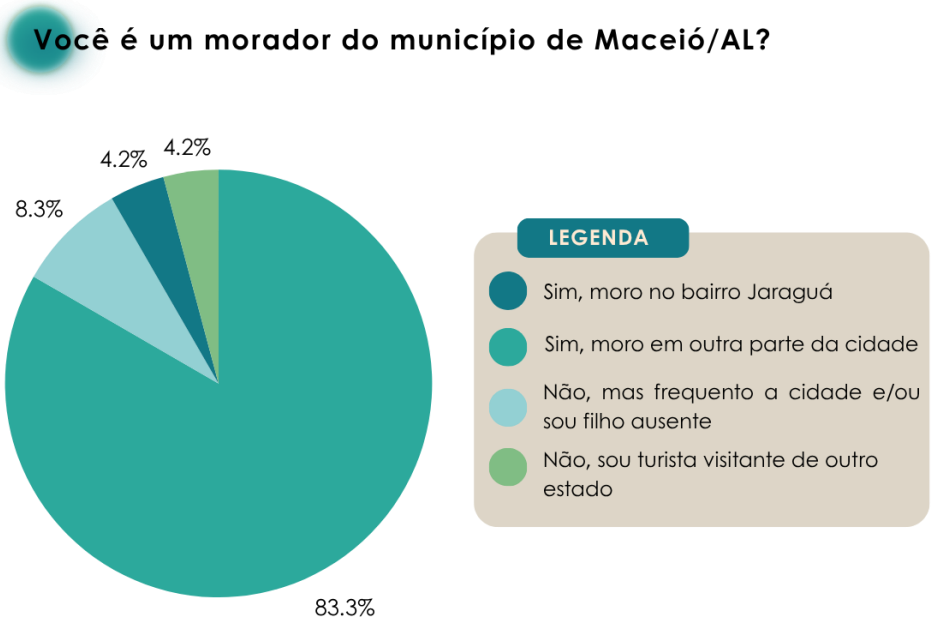
Gráfico 6 – Identidade de gênero do universo de pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

O Gráfico 7 faz alusão ao local de residência dos participantes, onde verificou-se que apenas 4,2% do público que utiliza o espaço da Orla reside no próprio bairro da área de estudo, tendo a maior expressividade de usuários composta por pessoas que moram na cidade de Maceió, porém em outros bairros (83,3%). Esse resultado evidencia uma fragilidade no pertencimento e apropriação do local por parte dos moradores nativos, ao mesmo tempo em que ressalta o potencial de convergência para atrair o público externo.

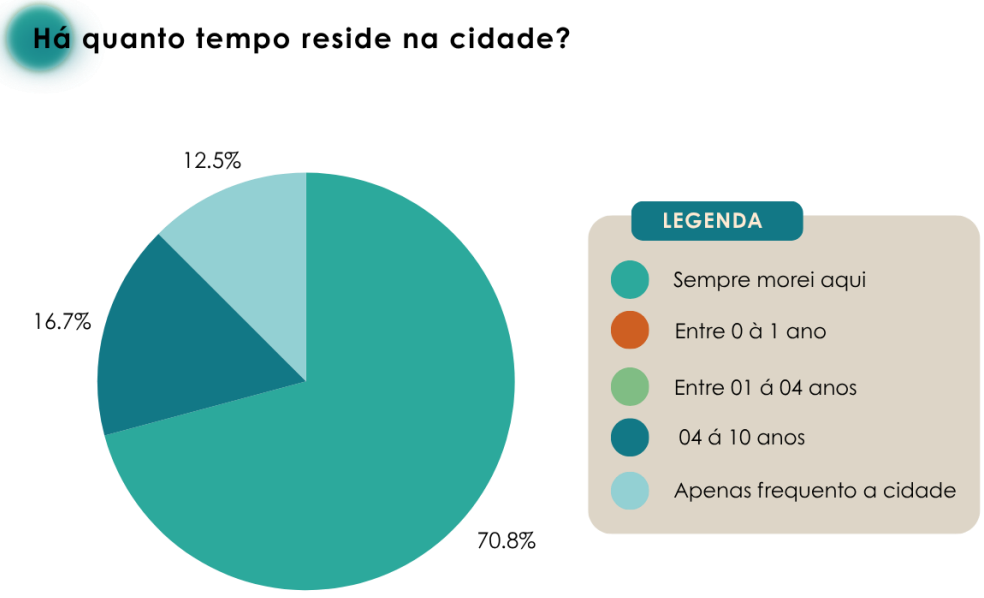
Gráfico 07 – Local de residência do universo de pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

O gráfico 8 a seguir diz respeito ao nível de familiaridade e conhecimento dos indivíduos para com a cidade e seus espaços, ele investiga o período de tempo que as pessoas residem no município de Maceió, onde percebe-se que a grande maioria ou é filho natural da cidade (cerca de 70,8%) ou reside entre 04 á 10 anos (16,7%), registrando também a presença de visitantes que não moram na cidade (12,5%).

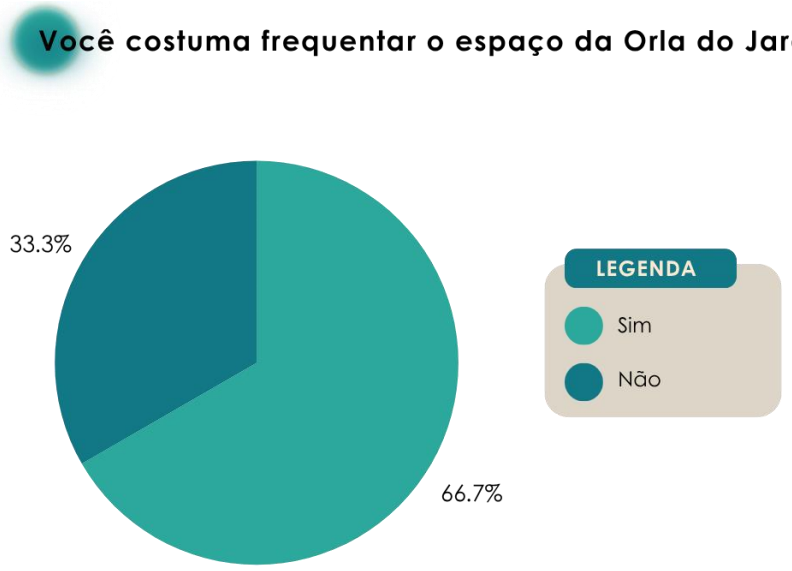
Gráfico 08 – Nível de familiaridade territorial do universo de pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

O gráfico 9 busca compreender a relação de uso do espaço por parte dos correspondentes, se existe um vínculo de permanência definido no local ou se sua presença se trata apenas de um movimento pendular passageiro. De acordo com os índices obtidos cerca de 66,7% da população costuma frequentar a Orla do Jaraguá e outros 33.3% estavam ali somente de passagem.

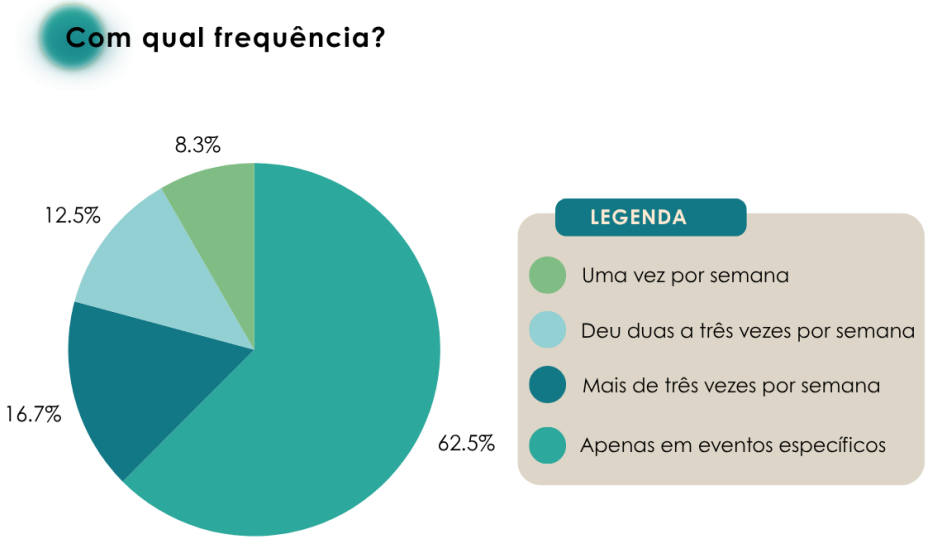
Gráfico 09 – Reconhecimento da área por parte do universo de pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

Em relação à frequência de deslocamento dos indivíduos para o espaço da orla, o Gráfico 10 abaixo aponta que a maioria das pessoas costumam ir até o local apenas em eventos específicos (62,5%), seguidos por idas regulares mais de três vezes na semana (16,7%) e em menores porcentagens com menos frequência. Apesar da maioria numérica não frequentar recorrentemente, cerca de 29,3% do universo de pesquisa comparece com assiduidade de pelo menos duas ou três vezes por semana, indicando algum tipo de vínculo para com o uso do espaço.

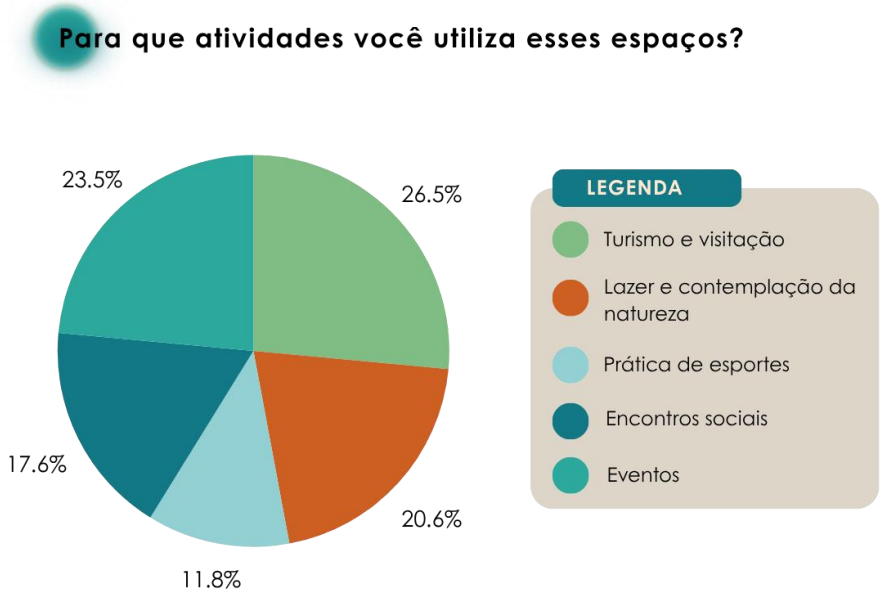
Gráfico 10 – Frequência de uso espacial do universo de pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

No que se refere as atividades responsáveis por atrair o público-alvo até a Orla, os resultados expressados no Gráfico 11 revelam que o uso do espaço é diversificado, liderando a atividade de turismo e visitação (26,5%), em seguida vem a participação em eventos (23,5%), logo depois o lazer e a contemplação da natureza (20,6%), os encontros sociais (17,6%) e por último a prática de esportes (11,8%). Novamente destaca-se o potencial turístico da área, enquanto que a prática de esportes é defasada pela precariedade e/ou insuficiência de infraestrutura urbana adequada para essas atividades. Tal desconformidade sinaliza um ponto de atenção nas demandas projetuais futuras.

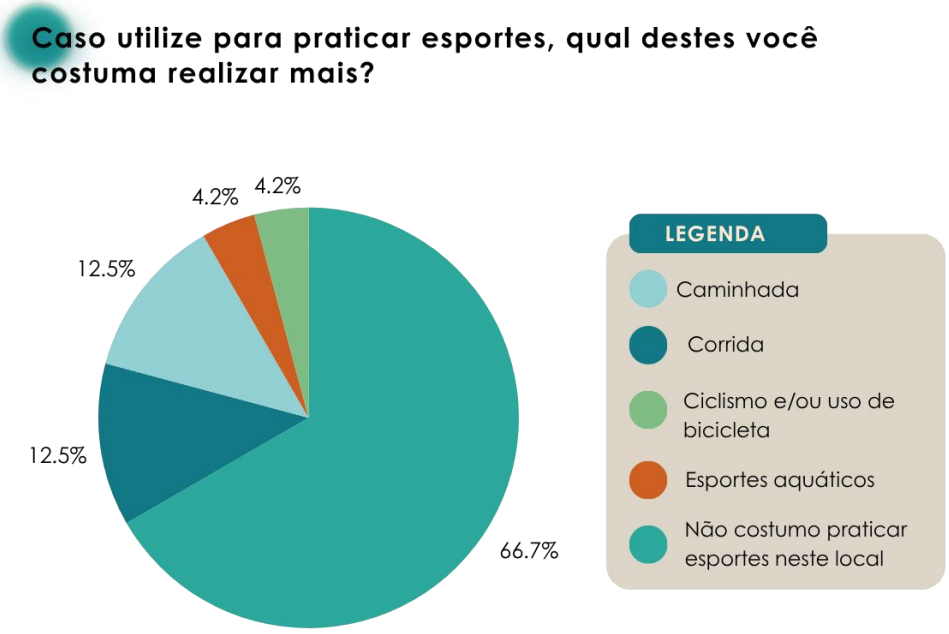
Gráfico 11 – Apropriação do espaço por parte do universo de pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

Ainda com relação à prática esportiva, o Gráfico 12 na sequência ilustra qual tipo de esporte é mais comum na área, demonstrando uma equivalência entre a corrida e a caminhada, ambas com cerca de 12,5% de pessoas praticantes, e em menor grau ocorrem atividades que envolvem o uso da bicicleta (4,2%) e esportes aquáticos (4,2%). O baixo percentual destes dois últimos esportes citados pode estar atrelado a inexistência de estruturas de apoio e subsídio naútico, bem como a presença de irregularidades em alguns trechos da ciclovia atual, dificultando assim uma maior adesão a tais experiências esportivas.

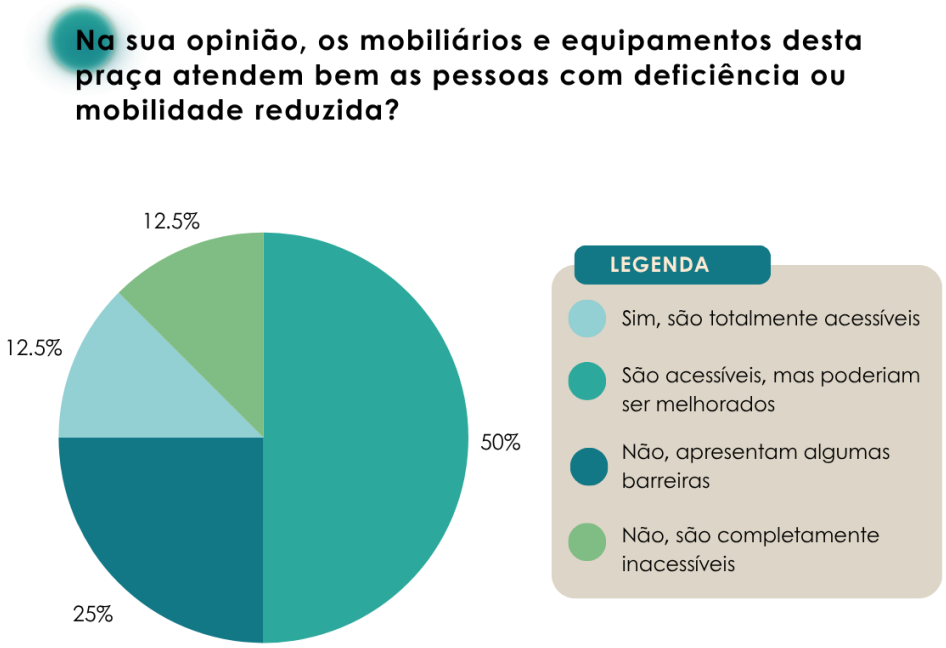
Gráfico 12 – Esporte mais frequente praticado pelo universo de pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

O Gráfico 13 adiante retrata especificamente a opinião dos participantes com relação a acessibilidade dos espaços da Praça Arquiteto Alex Barbosa. Mediante sua análise, nota-se que os equipamentos e mobiliários proporcionam parcialmente acessibilidade aos usuários (50%), sendo ainda passíveis de melhorias. Cerca de 37,5% das pessoas expressaram que não há um atendimento satisfatório das condições de acessibilidade a todos os públicos.

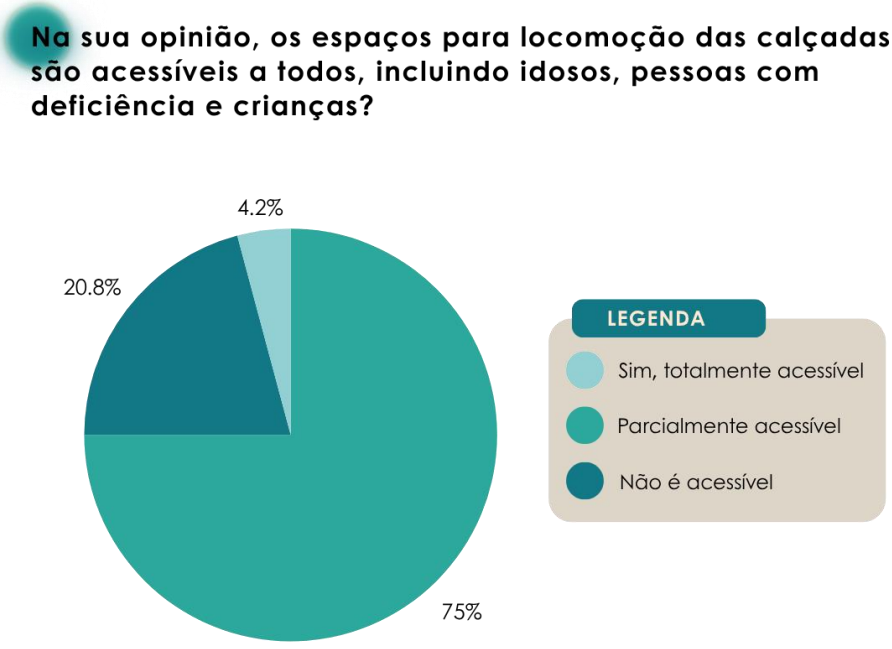
Gráfico 13 – Fator de acessibilidade dos mobiliários urbanos existentes.



Fonte: Autoria própria (2025).

Já o próximo parecer (Gráfico 14), indica os níveis de satisfação acerca da acessibilidade geral nos passeios e espaços de circulação, onde se verifica que a grande maioria (75%) define as áreas de calçadas como parcialmente acessíveis, enquanto que 20,8% discordam proferindo que não é acessível, enquanto que uma pequena parcela de 4,2% os contraria afirmando que as calçadas são totalmente acessíveis.

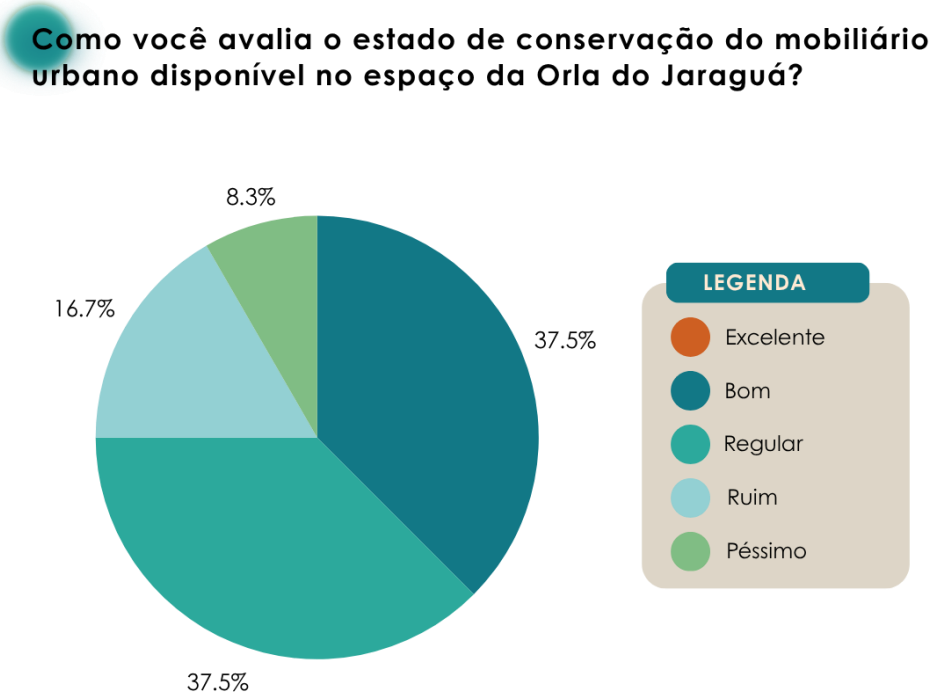
Gráfico 14 – Fator de acessibilidade das circulações e passeios existentes.



Fonte: Autoria própria (2025).

Voltando a discorrer sobre o mobiliário urbano presente em toda a extensão da orla, o Gráfico 15 aponta a classificação do seu estado de conservação e preservação, em que varia em uma escala gradativa de excelente a péssimo, notando-se que nenhum usuário votou em excelente. Por outro lado, cerca de 8,3% do percentual categoriza como péssimo, 16,7% como ruim e a maioria se manteve otimista, opinando entre regular bom.

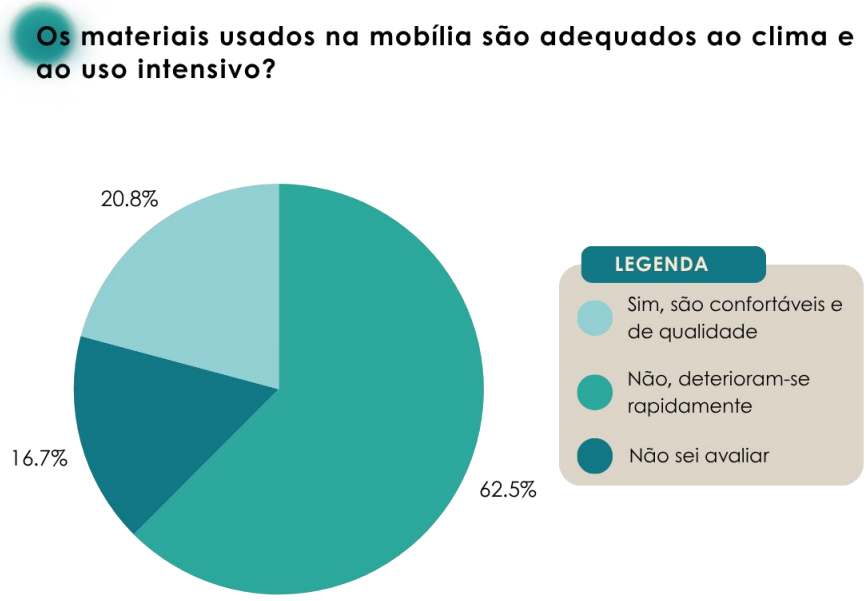
Gráfico 15 – Fator de conservação do mobiliário urbano existente.



Fonte: Autoria própria (2025).

O Gráfico 16 a seguir revela a sensação de conforto físico proporcionada pelos mobiliários da orla, com relação direta aos seus materiais de acabamento cerca de 62,5 % dos usuários consideram que não são adequados ao clima e deterioram-se rapidamente e outros 20,8% discordam afirmando que além de estarem em concordância são confortáveis e de qualidade. Um percentual de 16,7% dos correspondentes se manteve neutro em não saber avaliar a questão.

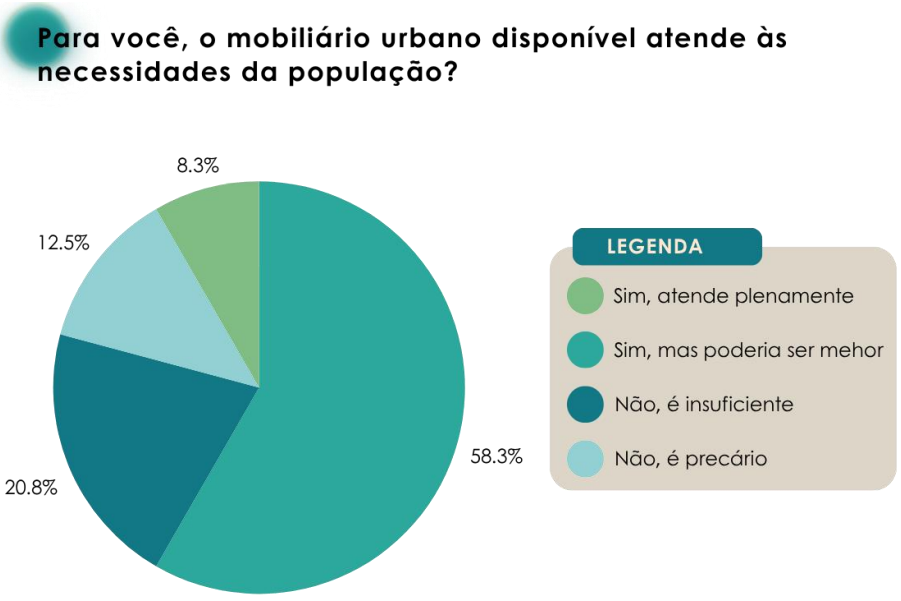
Gráfico 16 – Fator de conforto físico do mobiliário urbano existente.



Fonte: Autoria própria (2025).

Ainda sobre o mobiliário urbano (Gráfico 17), o próximo gráfico apresenta o contentamento geral da população às suas necessidades, onde 66,6% afirma que a infraestrutura citada atende à demanda (de forma plena e/ou que poderia receber melhorias) e outros 33,3% afirmam que o mobiliário não atende as expectativas, sendo precário e/ou insuficiente.

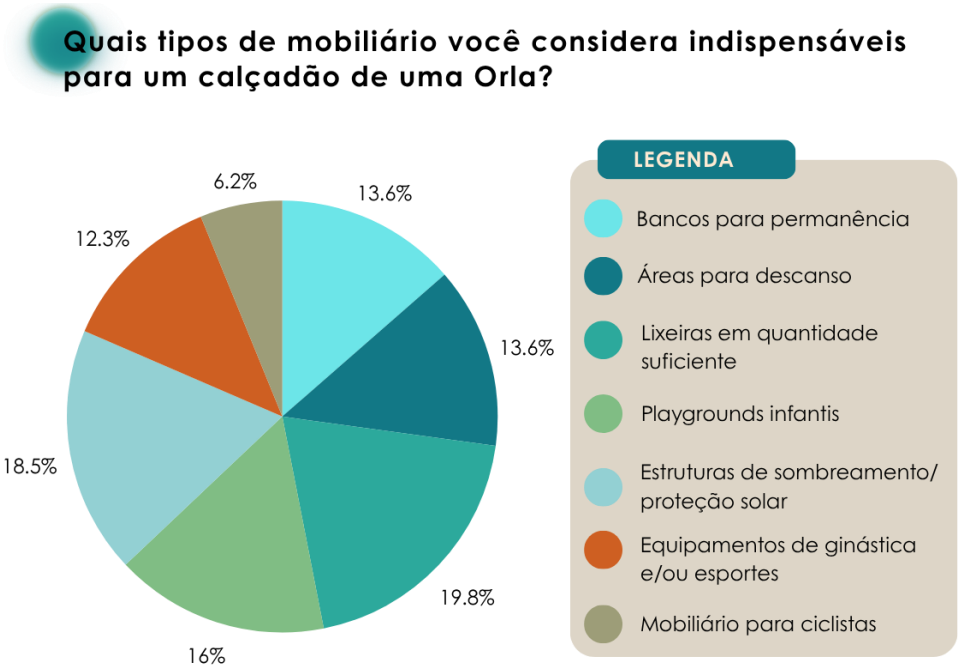
Gráfico 17 – Nível de satisfação em relação ao mobiliário urbano existente.



Fonte: Autoria própria (2025).

Quanto as aspirações da população sobre a tipologia de mobiliário urbano indispensável (ver Gráfico 18), a maioria destacou o apelo à inserção de lixeiras em quantidade suficiente (19,8%), seguidos pela instalação de estruturas de sombreamento/proteção solar (18,5%), playgrounds infantis (16%), empataram bancos para permanência e áreas para descanso com 13,6% cada, equipamentos de ginástica e/ou esportes com 12,3% e o mobiliário para ciclistas (6,2%) indicou ser o menos desejado para compor a infraestrutura da orla.

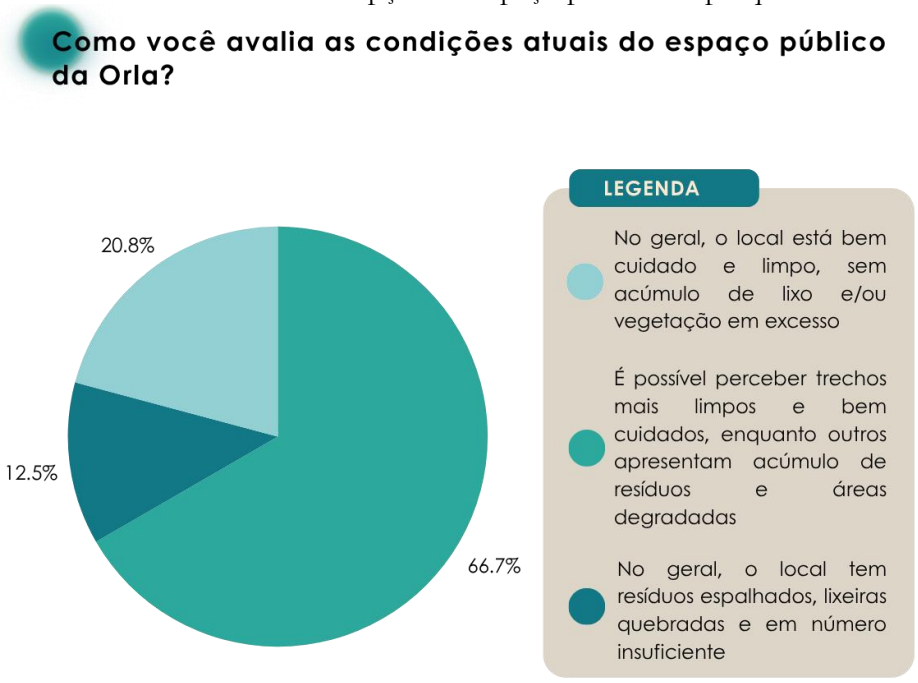
Gráfico 18 – Preferências em relação ao mobiliário urbano.



Fonte: Autoria própria (2025).

No que se refere as condições atuais de limpeza da orla, o Gráfico 19 evidencia não há ima unanimidade em relação a percepção do ambiente, que oscila entre trechos mais bem cuidados e trechos com acúmulo de resíduos, inclusive com lixeiras degradas (maioria de 66,7%), figurando como um fator agravante na qualidade da preservação do patrimônio urbano da cidade.

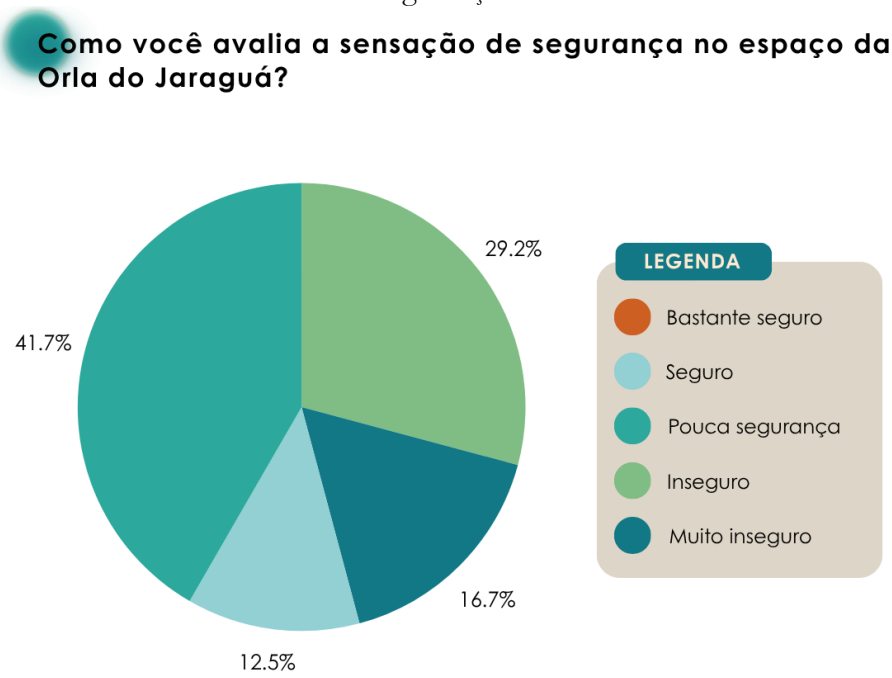
Gráfico 19 – Percepção do espaço público da pesquisa.



Fonte: Autoria própria (2025).

Com relação ao sentimento de segurança, o Gráfico 20 expõe a análise interpretativa da escala que varia da sensação de 'muito inseguro' até a de 'bastante seguro'. Logo, observa-se que uma maioria expressiva sente pouca segurança (41,7%) e inseguro (29,2%), enquanto que outros 16,7% se sentem muito inseguros e uma minoria de 12,5% conseguem experenciar a segurança total.

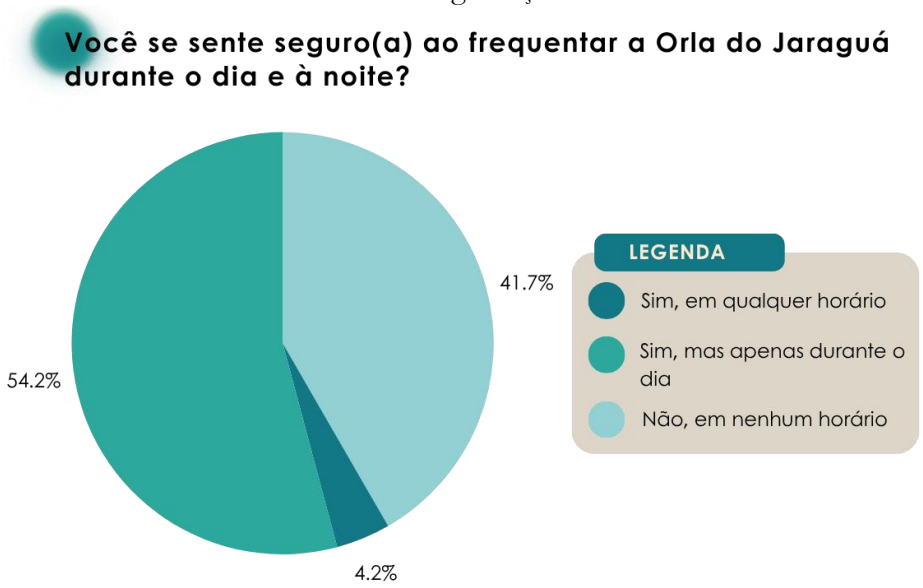
Gráfico 20 – Fator de segurança do trecho da Orla.



Fonte: Autoria própria (2025).

Mediante a sensação de segurança no período diurno e noturno (consta no Gráfico 21), percebe-se que, pelo universo de amostragem, o espaço da Orla do Jaraguá não é um ambiente convidativo no período noturno e não transmite a sensação de segurança durante a noite. Os dados alertam ainda que 41,7% das pessoas não conseguem desfrutar da seguridade em nenhum horário do dia e que cerca de 54,2% se sentem protegidas apenas durante o dia para frequentar o local.

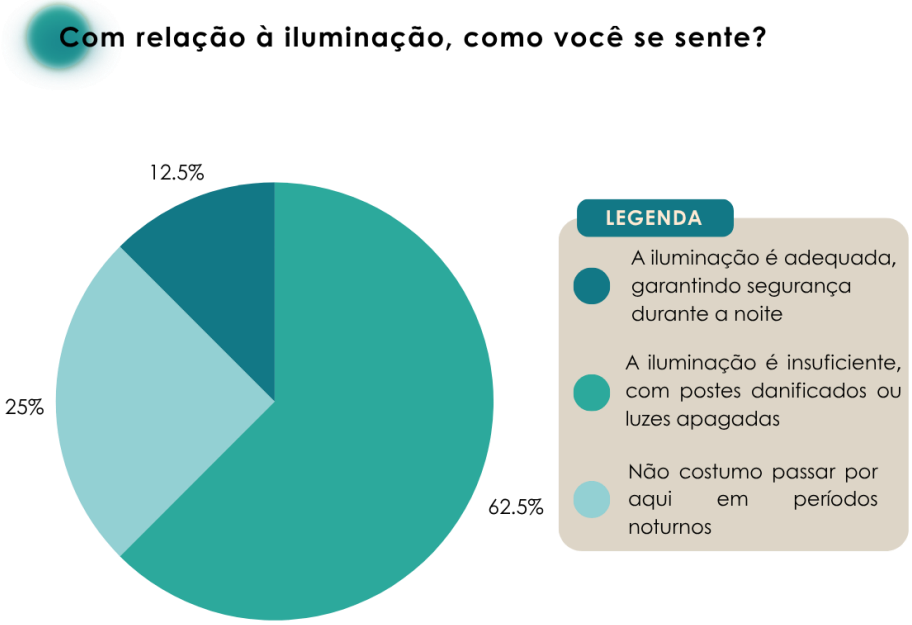
Gráfico 21 – Fator de segurança diurno e noturno.



Fonte: Autoria própria (2025).

Em análise complementar, minuciam-se as condições de preservação da iluminação presente na área de intervenção (Gráfico 22), onde 25% das pessoas se abstiveram e a maioria de 62,5% denunciou que a iluminação pública é pontual e, em muitos trechos danificada e ineficiente, o que contribui no diagnóstico do gráfico anterior, gerando insegurança no período noturno e afetando a fruição dos espaços culturais ao ar livre.

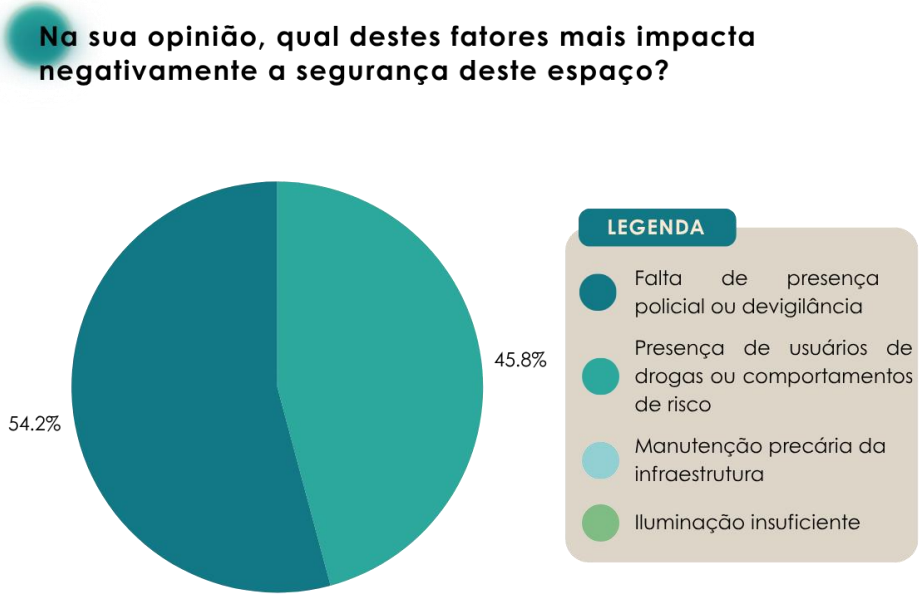
Gráfico 22 – Condições de preservação da iluminação existente.



Fonte: Autoria própria (2025).

Sobre os principais agravantes da segurança pública, o diagnóstico (ver Gráfico 23) é claro em apontar que a falta da vigilância policial (54,2%) e a presença de usuários de drogas ou comportamentos de risco (45,8%) impactam negativamente na ordem pública geral, cuja dinâmica reflete o estado de abandono, a negligência e a falta de atratividade do bairro histórico. Este resultado se demonstra no mínimo desafiador, visto que o bairro acomoda uma série de departamentos de polícia e segurança municipal.

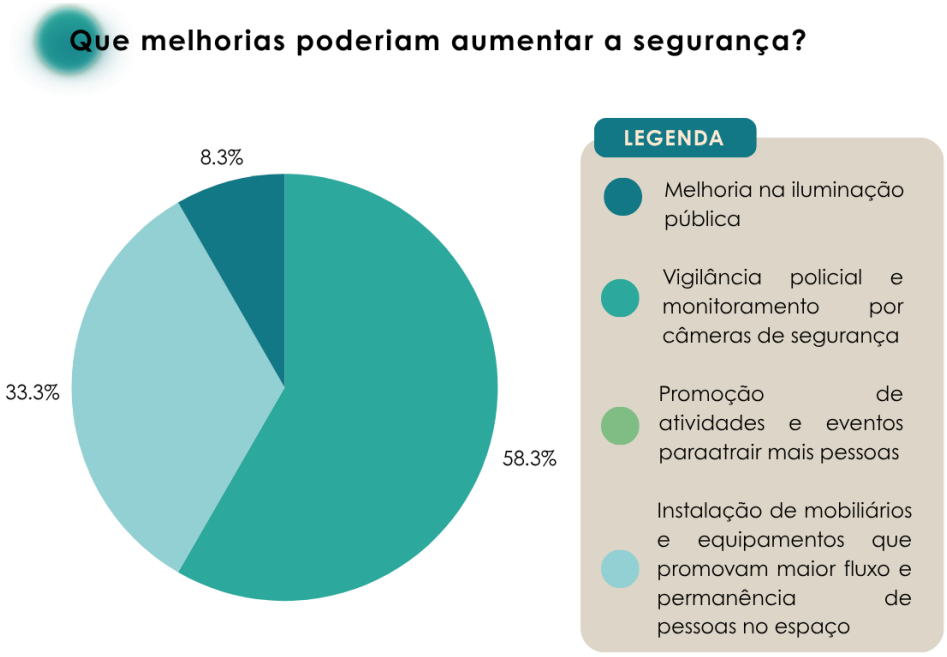
Gráfico 23 – Fator de maior impacto na segurança pública.



Fonte: Autoria própria (2025).

Reforçando o que fora posto anteriormente, a análise do Gráfico 24 entrega que a sensação de proteção e segurança poderiam ser maximizadas com a presença de vigilância policial e o monitoramento por câmeras (58,3%), somado a melhoria na infraestrutura de iluminação pública (8,3%). Não menos importante, foi indicada a instalação de mobiliários e equipamentos que promovam maior fluxo e permanência (33,3%).

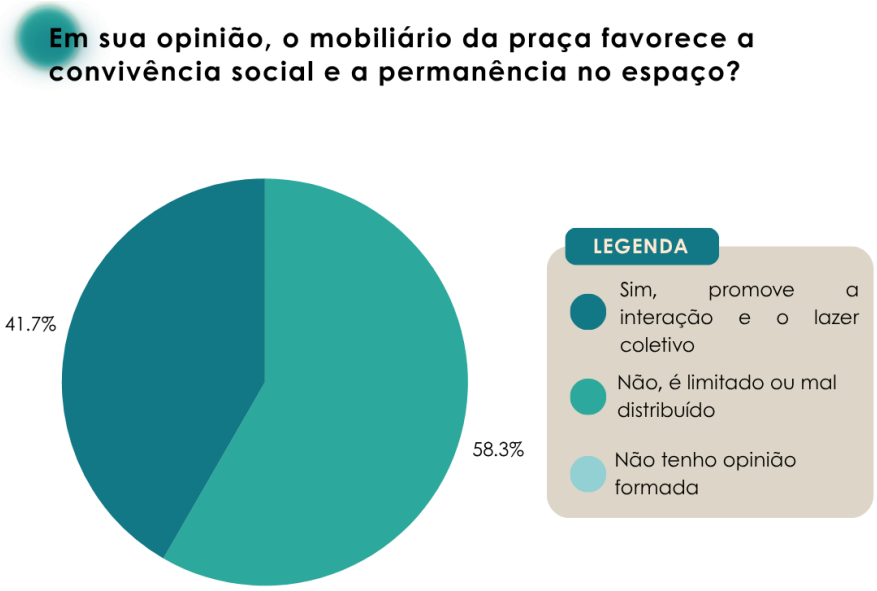
Gráfico 24 – Demanda de melhorias na segurança pública.



Fonte: Autoria própria (2025).

Mencionando a atratividade do mobiliário presente na Praça Arquiteto Alex Barbosa e sua capacidade de favorecer a convivência social e a permanência no espaço, o diagnóstico ao qual se refere o Gráfico 25 determina que a infraestrutura é limitada e/ou mal distribuída e não potencializa o uso prolongado dos ambientes (58,3%). Por outro lado, uma parcela de aproximadamente 41, 7% expressa que o mobiliário urbano é propício às práticas coletivas.

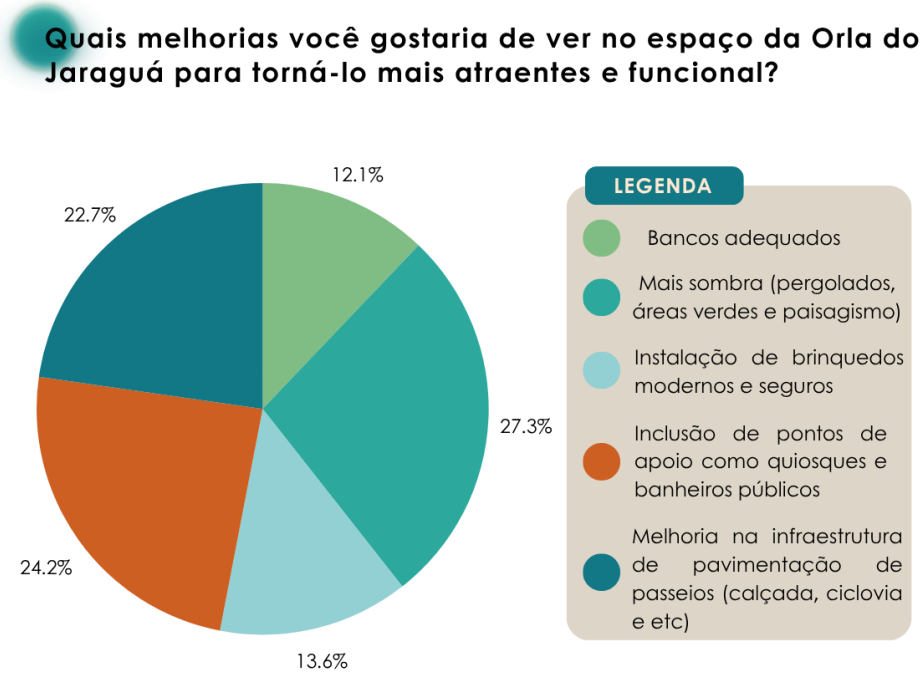
Gráfico 25 – Atratividade do mobiliário urbano existente na Praça Arquiteto Alex Barbosa.



Fonte: Autoria própria (2025).

Adentrando na abordagem de melhorias específicas para o conjunto a ser trabalhado, os usuários gostariam, em sua maioria, de se beneficiar de espaços mais sombreados como pergolados e áreas verdes (27,3%), com a inclusão de pontos de apoio como quiosques e banheiros públicos (24,2%), de melhorias na infraestrutura de pavimentação de passeios (22,7%), assim como da instalação de brinquedos modernos e seguros (13,6%) e de bancos mais adequados (12,1%).

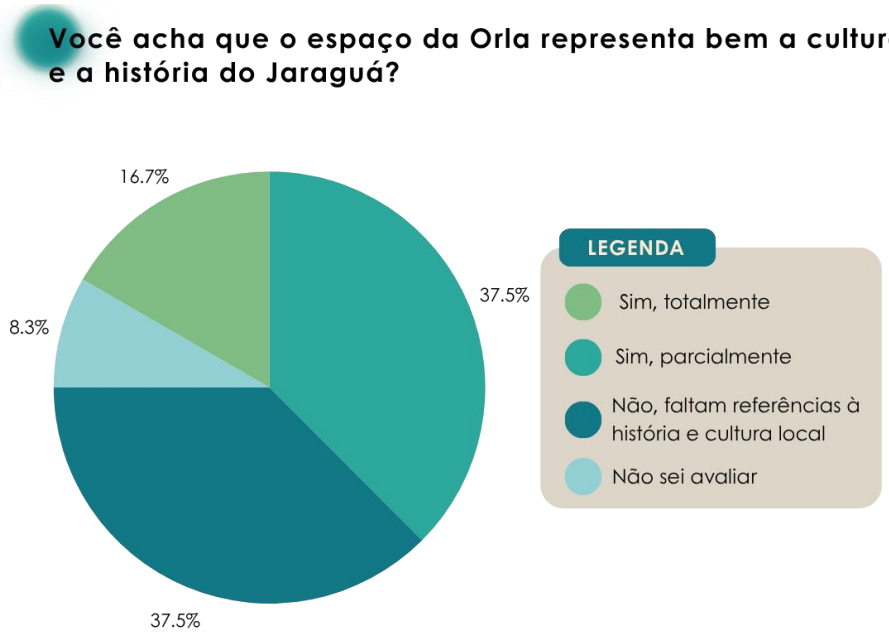
Gráfico 26 – Demanda de melhorias específicas na infraestrutura urbana.



Fonte: Autoria própria (2025).

Em função do grau de representatividade cultural e histórica do bairro Jaraguá, os correspondentes foram questionados se de fato há uma identificação clara sobre esse aspecto, os resultados obtidos (consultar Gráfico 27) indicam que a maioria percebe que faltam referências à história e cultura local, podendo haver uma representatividade parcial, em atributos isolados.

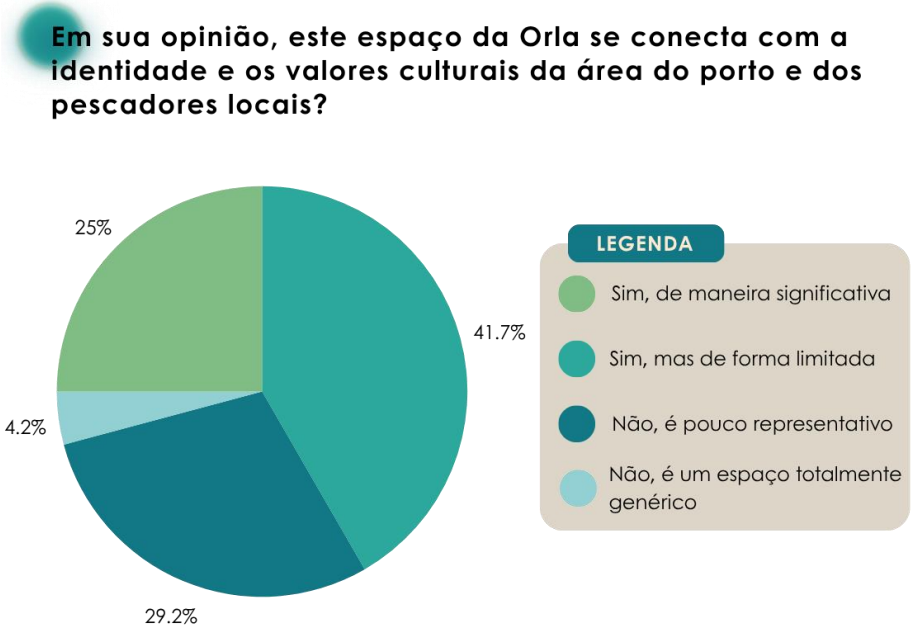
Gráfico 27 – Fator de representatividade cultural da área de estudo.



Fonte: Autoria própria (2025).

O gráfico 28 a seguir trata de uma questão ligada a representatividade da memória coletiva da comunidade de pescadores e da área do porto, indicando uma oscilação entre representar de forma limitada (41,7), não representar (29,2%) e representar de maneira significativa (25%). Essa percepção fragmentada aponta para uma fragilidade simbólica e afetiva do espaço junto à comunidade e demanda ações de valorização do lugar e de apropriação coletiva.

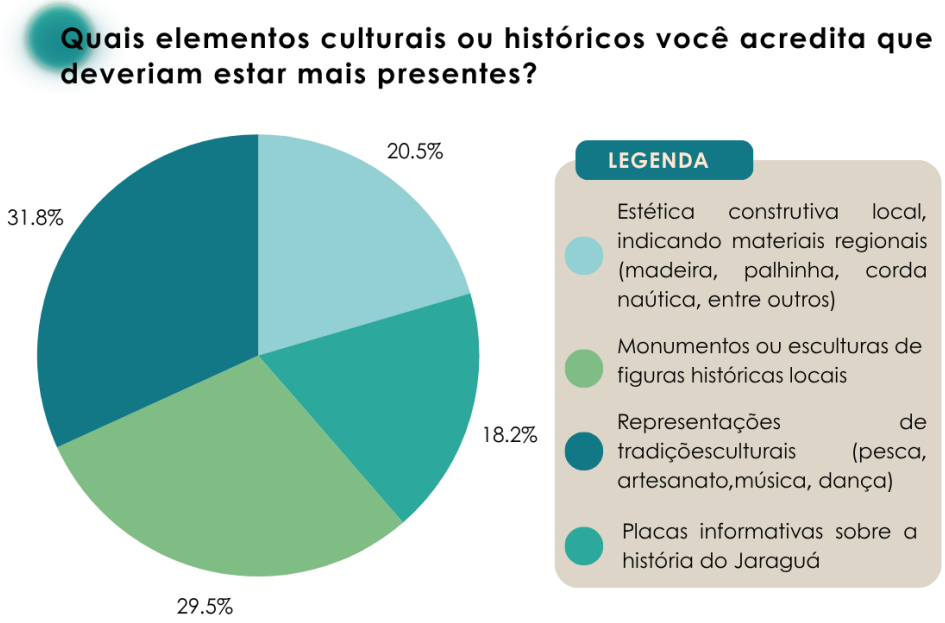
Gráfico 28 – Fator de representação da memória coletiva da comunidade de pescadores.



Fonte: Autoria própria (2025).

Por fim, o Gráfico 29 demonstra uma distribuição equilibrada entre as sugestões de elementos que deveriam estar presentes no espaço urbano do Jaraguá para fortalecer sua identidade local. A maior parte dos participantes valoriza a presença de representações das tradições culturais (31,8%), reforçando a importância da memória imaterial no desenho urbano. De igual forma, destaca-se a relevância de monumentos e esculturas históricas (29,5%), apontando que o resgate histórico deve ser tanto narrado quanto vivenciado. Esses dados indicam que a construção simbólica do espaço deve integrar cultura, história e linguagem arquitetônica regional para gerar conexão social definitiva com a população.

Gráfico 29 – Demanda de implementação de elementos culturais e históricos.



Fonte: Autoria própria (2025).

As vias limítrofes do bairro do Jaraguá compõem um polígono de vias arteriais que dão acesso a ele (Av. Industrial Cícero Toledo e Av. da Paz), por isso grande parte de suas vias de entroncamento são coletoras, responsáveis por fazer essa conexão entre elas. Há também a presença de vias locais de menor fluxo e de duas ruas para pedestres (becos sem circulação de carros).

6 PROPOSTA DO ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA

Segundo Gehl (2010), a qualidade dos espaços públicos influencia diretamente o modo como as pessoas se relacionam com a cidade, sendo determinante para a construção de ambientes urbanos mais vivos, seguros e atrativos. Quando bem planejados, esses espaços promovem encontros, incentivam o uso coletivo e reforçam os vínculos entre a população e o território. Por outro lado, a falta de planejamento adequado pode comprometer sua função, resultando em espaços subutilizados ou degradados.

Nesse sentido, o projeto de intervenção proposto neste TCC busca alinhar-se a essas perspectivas, entendendo o espaço urbano não apenas como suporte físico, mas como território de identidade, cultura e pertencimento. A proposta de intervenção na orla do Jaraguá busca restaurar a conexão entre a cidade e o mar, revitalizando a paisagem, resgatando valores da tradição pesqueira local e promovendo a reintegração da área subutilizada ao cotidiano urbano e às dinâmicas sociais da cidade.

A pesquisa é pautada na análise do espaço existente, considerando aspectos como a relação dos usuários para com o lugar, suas carências e potencialidades. Com base nesse diagnóstico, são delineadas diretrizes de intervenção que visam qualificar a experiência do usuário, resgatando o potencial da área, propondo a criação de espaços públicos voltados a lazer e cultura, bem como a busca pelo incentivo ao uso e ocupação desses espaços.

O presente capítulo se debruça sobre o processo de desenvolvimento do anteprojeto de requalificação urbana propriamente dito, reunindo desde as condicionantes legais norteadoras para a sua concepção até a formulação das diretrizes projetuais que orientaram a configuração do espaço urbano. No primeiro momento são discutidos os parâmetros urbanísticos preconizados pela legislação vigente, adentrando posteriormente na prática projetual, apresentando a definição do conceito e partido arquitetônico da proposta, seguidos pelo programa de necessidades, zoneamento e por fim, ilustrando os produtos técnicos e humanizados elaborados para a intervenção na Orla do Jaraguá.

6.1 Condicionantes legais e diretrizes projetuais

Visando a adequação da proposta de requalificação urbana às condicionantes legais estabelecidas nas normativas vigentes, este tópico compreende uma síntese dos parâmetros urbanísticos adotados na concepção do anteprojeto. Para tanto, o embasamento legal foi amparado pelas diretrizes estabelecidas pela Lei Municipal nº 5.486, de 30 de dezembro de 2005, a qual institui

o Plano Diretor do Munícipio de Maceió e pela Lei Municipal nº 5.593, de 8 de fevereiro de 2007, o qual se constitui de Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió.

Mediante classificação do Código de Urbanismo e Edificações do município, a área de intervenção está inserida na Zona Especial de Preservação Cultural 1 (ZEP-1 Jaraguá) – que é constituída pelo sítio histórico de Jaraguá, tendo sua preservação direcionada à vocação comercial, de moradia, de lazer, de cultura e de turismo – e no Setor de Preservação do Entorno Cultural 2 (SPE-2), com foco de uso residencial, comercial e de serviços em sua maioria relacionados à atividade portuária.

Destarte, por se tratar de um Setor de Preservação, são facultadas algumas restrições básicas ao planejamento urbano desta área, sobretudo no que diz respeito às ações que impliquem descaracterização da trama urbana e arquitetônica do conjunto, ficando assim impedidas obras de desmonte, terraplenagem, aterro, desmatamento, derrubada de árvores, bem como qualquer outra que modifique sua paisagem natural[14].

Concomitante a tais premissas, o documento estabelece os seguintes parâmetros urbanísticos (ver Tabela 1) para esta zona, considerando equipamentos públicos e terrenos que possuem tipologia de uso não residencial:

Tabela 1 – Parâmetros Urbanísticos conforme a legislação de Maceió/AL.

PARÂMETROS URBANÍSTICOS	DIRETRIZ ESTABELECIDA
Taxa de Ocupação do Terreno	2,0
Altura Máxima da Edificação (nº pavtos)	01 (um) pavimento
Coeficiente de Aproveitamento do Terreno	A. C. acima de 300m² - 70%
Recuo Mínimo	20,00 m (vinte metros) a partir do eixo da Avenida Major Cícero Toledo
Percentual de permeabilidade mínima	15% com área superior a 2.400,00 m²
Vagas de Estacionamento	01 vaga/ 25,00m²

Fonte: Adaptado do Código de Edificações de Maceió (2007).

Em relação a distribuição e dimensionamento de vagas dos estacionamentos, bem como sua natureza, a normativa estabelece que os estacionamentos térreos que não possuírem cobertura para os veículos deverão ser providos com vegetação de porte arbóreo, na proporção de 01 árvore

[14] Lei Municipal nº 5.593, Art. 374, inciso II.

para cada 40,00 m² de área [15]. Ainda neste viés, fica determinado na Tabela 2 adiante o tamanho ideal da faixa de acesso e de cada tipo de vaga de acordo com o porte dos veículos.

Tabela 2 – Dimensões de vagas de estacionamento e faixas de acesso.

TIPO DE VEÍCULO	VAGA P/ ESTACIONAMENTO			FAIXA DE ACESSO	
	altura (m)	largura (m)	comp. (m)	0º A 45º	46º a 90º
Pequeno	2,10	2,00	4,20	2,75 m	4,50 m
Médio	2,10	2,10	4,70	2,75 m	5,00 m
Grande	2,30	2,50	5,50	3,80 m	5,50 m
Deficiente	2,30	3,50	4,50	3,80 m	5,50 m
Moto	2,00	1,00	2,00	2,75 m	2,75 m
Caminhão leve	3,50	3,10	8,00	4,50	7,00

Fonte: Adaptado do Código de Edificações de Maceió (2007).

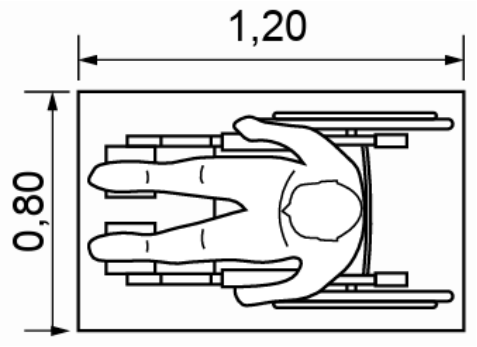
Conforme estabelece o art. 454 do Código de Obras e Edificações, os banheiros de uso público ou coletivo devem atender a requisitos específicos de acessibilidade e funcionalidade. Tais exigências visam garantir o conforto, a segurança e a inclusão de todos os usuários. De acordo com a normativa, é obrigatória a instalação de divisórias entre os boxes sanitários com altura mínima de 1,80 m, assegurando a privacidade dos usuários. Além disso, o acesso aos boxes deve ser feito por meio de uma circulação cuja largura mínima seja de 1,20 metros, de forma a permitir o fluxo adequado de pessoas.

Ainda, deve ser previsto pelo menos um boxe adaptado para uso por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, em conformidade com as especificações técnicas determinadas pela normativa da NBR - 9050/2020 que trata da acessibilidade universal a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos. Dentre as diretrizes fundamentais para garantir a acessibilidade nos espaços construídos, merecem destaque os requisitos técnicos para o dimensionamento de elementos como rampas, larguras mínimas de acessos e áreas de circulação, acessos e sanitários. Além disso, há orientações específicas para o mobiliário urbano, considerando alturas, distâncias e disposição adequada para garantir conforto e inclusão a usuários com diferentes níveis de mobilidade.

A norma estabelece um Módulo de Referência (M.R.), que serve como parâmetro para orientar as larguras adequadas de acesso, circulação e manobra no deslocamento de pessoas em cadeiras de rodas, garantindo a mobilidade segura, autônoma e contínua dos usuários em diferentes ambientes construídos.

[15] Lei Municipal nº 5.593, Art. 127, § 2º.

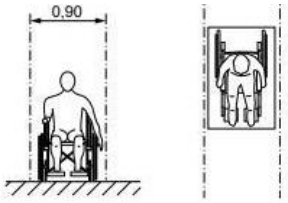
Figura 23 – Módulo de referência (M.R.).



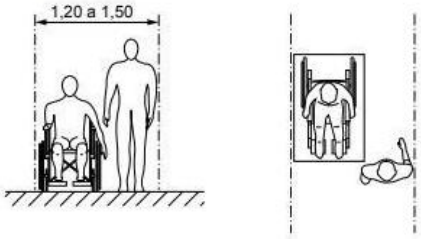
Fonte: NBR 9050 (2020).

No que diz respeito a largura ideal para deslocamentos em linha reta (ver Figura 24), a normativa institui cerca de 0,90 m como medida mínima recomendada para assegurar uma passagem confortável de uma pessoa com mobilidade reduzida. Para permitir a circulação simultânea de um cadeirante e um pedestre lado a lado, a faixa de trajeto deve ter entre 1,20 m e 1,50 m. Já em situações que demandam o tráfego simultâneo de duas cadeiras de rodas, a largura adequada varia entre 1,50 e 1,80 metro, que corresponde a medida mínima que possibilita um giro completo com a cadeira.

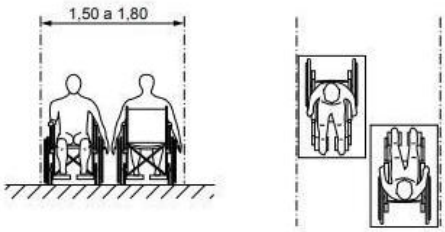
Figura 24 – Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de rodas.



a) Uma pessoa em cadeira de rodas – Vistas frontal e superior



b) Um pedestre e uma pessoa em cadeira de rodas – Vistas frontal e superior

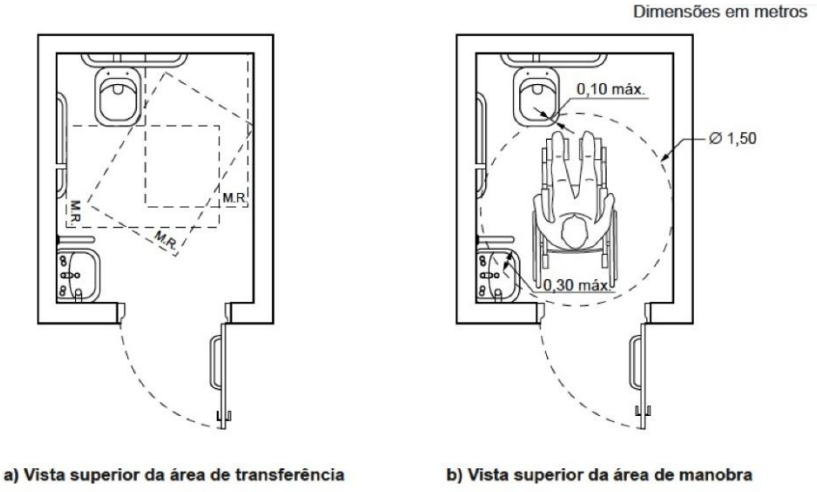


c) Duas pessoas em cadeira de rodas – Vistas frontal e superior

Fonte: NBR 9050 (2020).

No que se refere aos sanitários acessíveis, a NBR 9050 determina que esses espaços devem permitir manobras adequadas de cadeiras de rodas, exigindo, para isso, uma área livre com diâmetro mínimo de 1,50 m para rotação de 360°. As portas devem ter largura mínima de 0,80 me e não apresentar barreiras que dificultem sua passagem, como se observa na Figura 25.

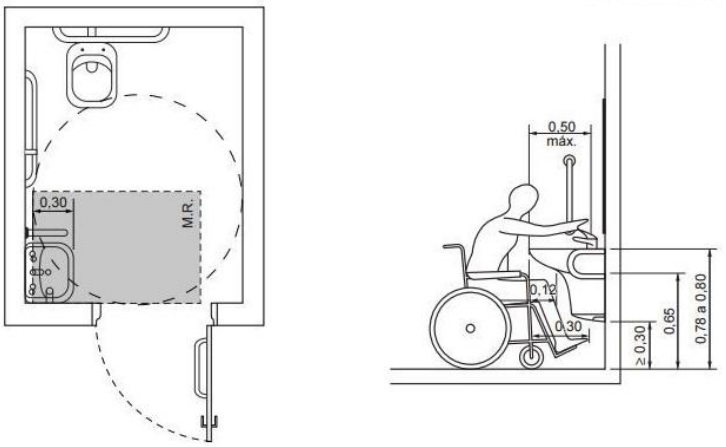
Figura 25 – Módulo padrão de sanitário acessível.



Fonte: NBR 9050 (2020).

O vaso sanitário deve ser instalado a uma altura entre 43 cm e 45 cm do piso acabado, acompanhado de barras de apoio laterais e traseiras, posicionadas entre 0,75 m e 0,85 m de altura, para garantir segurança e estabilidade ao usuário. As pias devem possibilitar aproximação frontal, com espaço livre inferior entre 0,70 m e 0,80 m. Já os elementos como espelhos, torneiras, interruptores devem estar instalados entre 0,90 m e 1,10 m do piso, assegurando alcance confortável. O revestimento do piso deve ser antiderrapante, e a sinalização deve ser clara, objetiva e acessível, promovendo o uso seguro e inclusivo por pessoas com mobilidade reduzida.

Figura 26 – Áreas de aproximação para uso do lavatório.

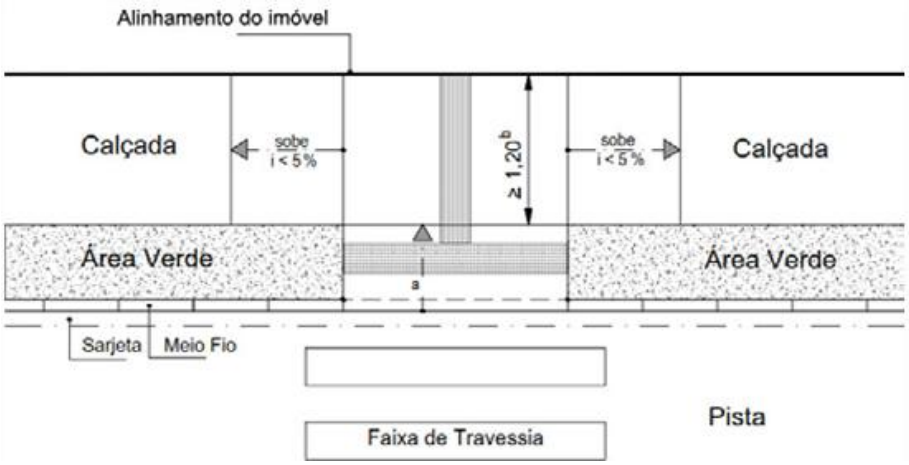


Fonte: NBR 9050 (2020).

Na esfera urbana, a NBR 9050 disserta que o percurso de pedestres nas vias públicas tangentes à circulação de veículos deve ser acessível das seguintes formas: com redução de percurso, com faixa elevada ou com rebaixamento de calçada. Portanto, ao longo de toda a extensão do projeto foram implementadas rampas para atender ao rebaixo das calçadas de forma a proporcionar segurança aos transeuntes.

Nesse contexto, as rampas acessíveis instaladas adotaram como critérios técnicos a inclinação máxima recomendada para rampas retas é de 8,33% (relação 1:12), o que significa que a cada 12 centímetros de percurso horizontal, a elevação pode ser de até 1 centímetro. No caso de rampas curvas, a inclinação deve ser reduzida, não ultrapassando 5% (relação 1:20) em qualquer direção, para garantir maior estabilidade e segurança no deslocamento. No que tange a largura, deve obedecer a um espaçamento mínimo de 1,20 m (conforme exemplificado na Figura 27), já em relação a sua superfície o material deve proporcionar aderência e ser antiderrapante, sem irregularidades que possam dificultar a passagem dos usuários.

Figura 27 – Módulo padrão de sanitário acessível.



Fonte: NBR 9050 (2020).

Para o caso de rampas elevadas, aquelas que possuírem mais de 1,50 m de desnível, devem ser previstos em conjunto patamares de descanso a cada 10 m de extensão ou em mudanças de direção, com dimensões mínimas de 1,20 m x 1,20 m. A norma determina ainda que é obrigatória a instalação de corrimãos duplos em ambos os lados, posicionados entre 0,70 m e 0,92 m de altura, a rampa deve conter também sinalização tátil e visual, como faixas, relevos e elementos contrastantes, para auxiliar pessoas com deficiência visual.

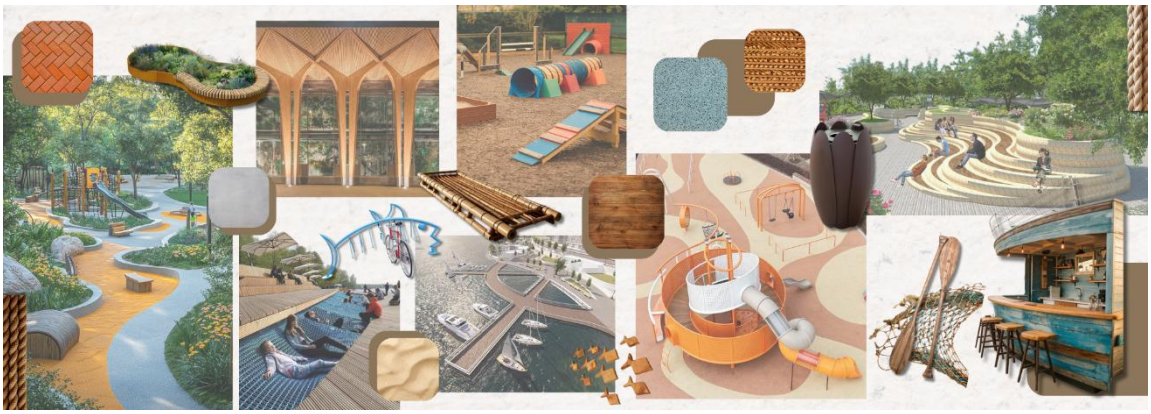
6.2 Partido arquitetônico e urbanístico

O conceito e partido arquitetônico do anteprojeto de requalificação urbanística da Orla do Jaraguá emergem diretamente da carga temática e social presente nas preexistências físicas, culturais e simbólicas desse território. Reconhecendo o valor histórico do bairro enquanto núcleo portuário e espaço de resistência das comunidades tradicionais de pescadores, o projeto busca resgatar a memória coletiva e reforçar a identidade local por meio de uma linguagem arquitetônica sensível e integrada ao contexto.

A linha conceitual parte da valorização da memória afetiva e coletiva da antiga comunidade tradicional de pescadores que habitava a região do Jaraguá, em Maceió/AL. O partido arquitetônico adota um traçado orgânico inspirado nas formas fluídas das ondas, nas curvas dos barcos e no movimento natural das redes de pesca. Esse desenho se manifesta na malha urbana e na setorização dos espaços, que evocam o contorno dos peixes, o trançado das redes e a fluidez do mar, bem como foram incorporados elementos regionais que fazem alusão a vivência costeira, estrategicamente inseridos para reforçar esse apelo estético e simbólico.

Face a esse contexto, o processo de concepção projetual contou com a composição de um painel temático/moodboard projetual, a fim de sintetizar as principais referências conceituais, estéticas e técnicas que orientaram o desenvolvimento da proposta. Esse painel reúne imagens e inspirações provenientes de projetos arquitetônicos e urbanos de referência, com ênfase especial em elementos de mobiliário, coberturas, paginações de piso, texturas e paisagismo a serem utilizados. A Figura 28 adiante ilustra as escolhas de materiais construtivos que dialogam com a identidade local e o caráter sensorial do espaço, como por exemplo, o uso da madeira em acabamento natural, o cimento queimado, pedras e revestimentos de tonalidades terrosas e azuladas, o intertravado espinha de peixe, o bambu, a palhinha, a corda náutica, dentre outros.

Figura 28 – Moodboard projetual.



Fonte: Autoria própria (2025).

Para além dos materiais, indica-se também os mobiliários e espaços coletivos previstos, a título de exemplo, têm-se os playgrounds infantis, bancos com canteiros elevados, lixeiras públicas, bicicletários, arquibancadas. A composição busca explorar o contraste e a harmonia entre materiais brutos e elementos contemporâneos, refletindo a intenção de valorizar tanto a rusticidade do ambiente costeiro quanto a sofisticação das soluções arquitetônicas adotadas.

6.3 Programa de necessidades

Baseando-se nas análises provenientes do diagnóstico urbano e nas observações empíricas, a proposta de intervenção prevê uma cuidadosa reformulação no layout da área, respeitando os critérios estabelecidos, sugerindo, no entanto, a instalação de novos equipamentos e mobiliários visando melhorar as condições de uso e permanência. Essa necessidade é respaldada na identificação da carência de infraestrutura apropriada, uma vez que o mobiliário urbano existente se encontra em estado de degradação, comprometendo a funcionalidade e o conforto do espaço.

Diante do exposto, visando melhorar as condições atuais e criar um ambiente mais convidativo, diversificado e funcional, foi elaborado o plano de necessidades para implantação estratégica das soluções projetuais conforme descrito na Tabela 3. Os espaços previstos foram categorizados em quatro grandes setores, são eles: 1) Serviço, 2) Lazer, entretenimento e contemplação, 3) Esportes e Comércio e 4) Alimentação.

Tabela 3 – Programa de necessidades e pré-dimensionamento.

PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO			
FUNÇÃO	**ESPAÇOS**	**DIMENSÕES**	**QUANT.**
SERVIÇO	Posto de policiamento	38 m²/unid	02 unid.
	Banheiros	30,30 m²/unid	04 unid.
	Estacionamentos	1.945,76 m²	02 unid.
LAZER, ENTRETENIMENTO E CONTEMPLAÇÃO	Dog Park	175 m²/unid	02 unid.
	Playground Infantil	100 m²/unid	04 unid.
	Decks de convivência	81,72 m²/unid	01 unid.
	Ciclovia	1.546,61 m²	01 unid.
ESPORTES E COMÉRCIO	Complexo Naútico	912 m²	01 unid.
	Píer	515 m²	01 unid.
	Quadra de Beach Tênis	158,65 m²/unid	02 unid.
ALIMENTAÇÃO	Quiosques	20 m²/uni	08 unid.
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA: 6.353,47 m²			

Fonte: Autoria própria (2025).

Os grandes setores citados anteriormente descriminam a definição de cada espaço contido, seu dimensionamento inicial e a quantidade de unidades a serem distribuídas. Vale ressaltar que todo o programa de necessidades, exceto a ciclovia e os estacionamentos, são adições novas e inexistentes. Dessa forma, criam-se novas ambiências urbanas capazes de condicionar melhores condições de uso e permanência no espaço, sobretudo, no que diz respeito a implantação do centro náutico, equipamento urbano projetado para ampliar significativamente o potencial de uso e atratividade do espaço público da orla. O caráter programático deste equipamento o transforma em uma âncora de uso, capaz de dinamizar a ocupação da área ao diversificar as atividades ofertadas e promover a permanência de diferentes perfis de usuários ao longo do dia.

6.4 O projeto: produtos técnicos e humanizados

Decorrido todo este percurso, a presente pesquisa culmina na Proposta de Anteprojeto de Requalificação Urbana da Orla do Jaraguá em Maceió/AL coma a apresentação das pranchas técnicas de localização da área, levantamento topográfico, levantamento físico (agenciamento), implantação da intervenção urbana, planta de paisagismo e paginação de piso e detalhamentos técnicos dos arquitetônicos com fachadas, cortes e isométricas. As pranchas técnicas, humanizadas e imagens renderizadas para a área de intervenção, podem ser observadas no caderno de projeto.

Figura 29 – Levantamento topográfico da área de intervenção.



Fonte: Adaptado do QGis e Google Earth (2025).

A Figura 29 acima demonstra os dados de levantamento topográfico, realizado a partir da vetorização de acordo com a base cartográfica disponível no Google Earth e/ou software QGis, auxiliados pela utilização do software Autocad 2023. Nessa oportunidade, o procedimento adotou um espaçamento padrão de 1,0 metro entre suas curvas de níveis no padrão de formato UTM, situando devidamente a demarcação da área de intervenção com suas coordenadas georreferenciadas. De maneira geral, a análise da topografia do local indica um desnível sutil, que escalona da cota +4,00 metros a partir do limite da calçada até a cota +0,00 nível do mar. Sendo assim, não foi necessária a manipulação da topografia no local, uma vez que este já se encontrava planificado na superfície intervida adjacente a área de restinga.

A planta de levantamento físico da área (consultar Figura 30) demonstra a atual configuração do trecho estudado, que já possui uma infraestrutura construída existente a ser preservada na proposta de intervenção, destacando-se pontos como o Memorial da República, a esculta 'O Boi' e a Capelinha do Jaraguá, que não sofreram alterações projetuais. Além disso, a análise in loco possibilitou a identificação de agravantes físicos que comprometem a experiência coletiva de sociabilidade, tais como passeios e lixeiras danificados e com partes faltantes. A iluminação pública é pontual e, em muitos trechos, ineficiente, gerando insegurança no período noturno e afetando a fruição dos espaços culturais ao ar livre. Constatou-se que precariedade dos espaços públicos contribuem para a descaracterização do bairro enquanto polo histórico-cultural. Portanto, a proposta de intervenção buscou resolver essa problemática a partir da requalificação de áreas subutilizadas e da implementação de equipamentos e mobiliários em seu entorno, promovendo o aproveitamento e a ocupação dos espaços livres.

Figura 30 – Levantamento físico da área (agenciamento).



Fonte: Autoria própria (2025).

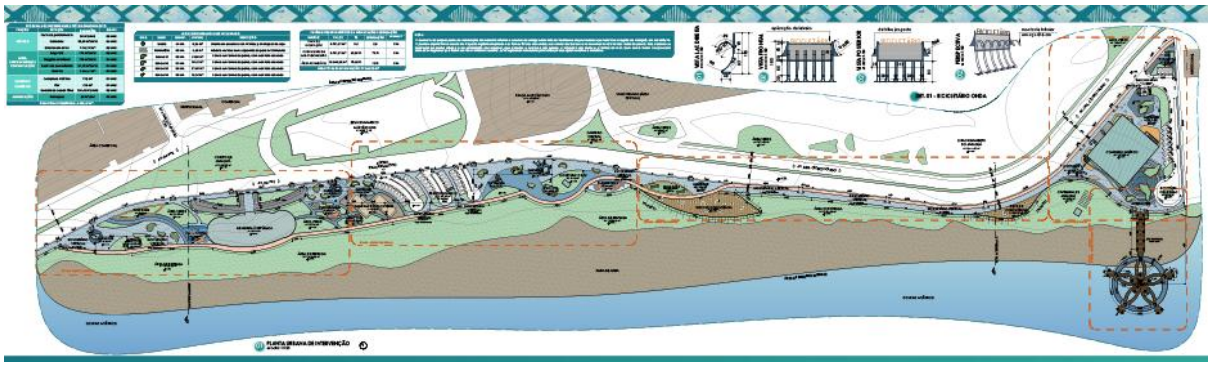
No que diz respeito a planta de intervenção urbanística (consultar Figura 31), devido a seu extenso caráter linear, prancha geral foi seccionada em cinco partes projetuais ampliadas, para melhor diagramação e leitura do projeto. A composição geral da proposta conta com a distribuição uniforme de banheiros públicos coletivos, quiosques de pequeno porte para alimentação,

playgrounds infantis, dog parks, lixeiras e bancos com canteiros elevados nas áreas comuns. Na seção 01 encontra-se o instalado o edifício do Memorial a República, onde foi preservado seu entorno imediato e reformulado os passeios para promover maior dinamização e harmonização da estética do conjunto.

A seção 02 contava originalmente com um estacionamento, o qual passou por mudanças de fluxo e assumiu uma configuração radial, com entrada única e manobra de retorno viabilizada por meio do cult-de-sac. Ainda neste trecho encontra-se preservada a escultura 'O boi' sitiada em seu canteiro original, e implantam-se duas quadras de beach tênis à esquerda do estacionamento e um posto de policiamento a sua direita.

A seção de número 03 é o trecho central e linear da proposta (ver Figura 30), onde foram adicionados dois decks de convivência para contemplação e descanso, maximizando as possiblidades de permanência e desfrute por parte dos usuários. Não obstante, o setor conta com a disposição de alguns apoios como quiosques e bicicletários, que subsidiam também a ciclovia existente, que a partir deste trecho passa a tangenciar as margens da Avenida Industrial Cícero Toledo.

Figura 31 – Implantação da Intervenção Urbana.



Fonte: Autoria própria (2025).

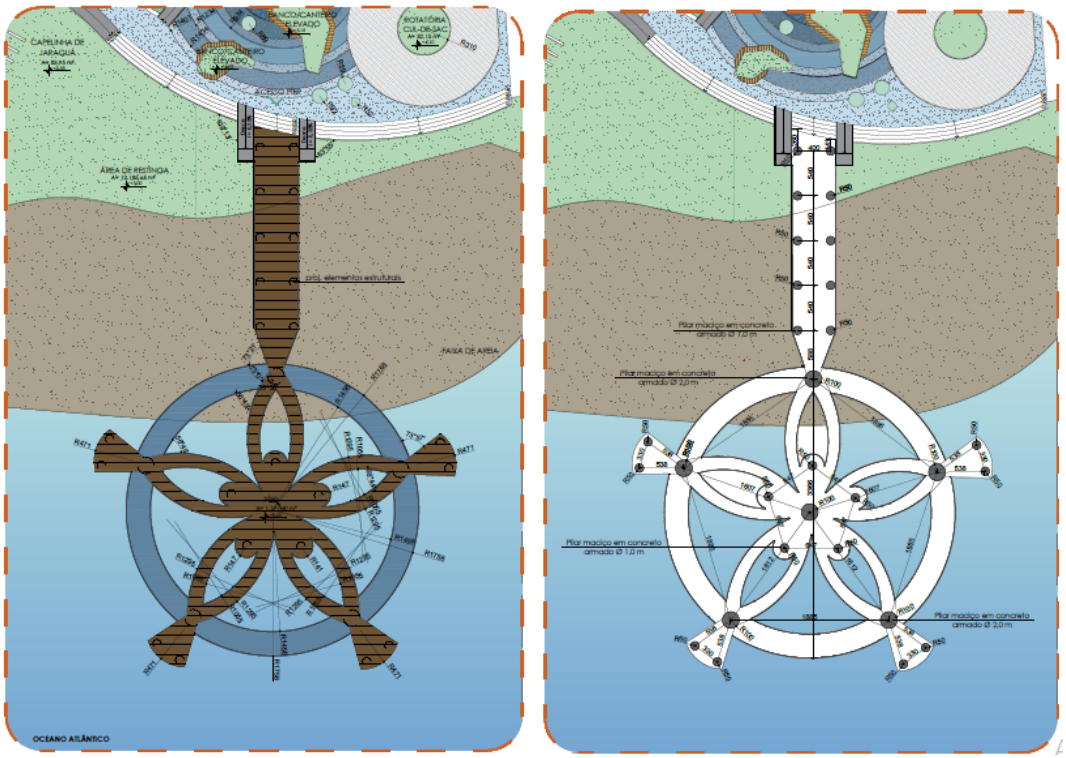
O setor 04 da intervenção se refere a Praça Arquiteto Alex Barbosa, que originalmente dispunha de apenas canteiros arbustivos, uma academia pública e infraestrutura precária de iluminação e depósito de resíduos. A decisão projetual de modificar por completo este trecho da área de intervenção se deu com base na necessidade de ativação do espaço público, uma vez que este se configura atualmente como o local de maior apropriação e frequência dos indivíduos no espaço da orla.

Portanto, prevê-se a implantação de um equipamento urbano denominado como Complexo Náutico, que reúne integra práticas esportivas, educativas, culturais e recreativas ligadas ao universo marítimo. Sendo assim, a nova construção reforça a vocação histórica do Jaraguá como

território ligado ao mar e às atividades tradicionais da pesca e da navegação, promovendo a reconexão da população com sua paisagem cultural. Além disso, ao articular acessos, áreas de lazer, serviços e infraestrutura adequada, esse tipo de equipamento fortalece a caminhabilidade e a continuidade dos fluxos urbanos ao longo da orla, contribuindo para a qualificação do espaço público e estimulando seu uso plural.

A quinta e última seção do projeto se trata de um píer que se estende cerca de 35 metros pela faixa de areia e vai em direção ao mar, conforme se observa na Figura 32. O modelo estrutural adotado na sustentação do Píer baseia-se na implantação de pilares maciços em concreto armado, a escolha visa garantir resistência à corrosão em ambiente salino e à longevidade da estrutura. Na porção linear do deck, a sustentação é composta por pilares de seção circular com diâmetro de 1,0 metro, locados regularmente em uma malha com espaçamento de 5,40 metros. Já na seção circular terminal da estrutura, que possui um desenho geométrico mais complexo e orgânico, os pilares foram ampliados para Ø 2,0 metros e dispostos segundo uma lógica de triangulação pentagonal. Além disso, foram locados pilares adicionais nos pontos críticos de carga e tensão, especialmente nos encontros das passarelas radiais e nas intersecções centrais, promovendo maior rigidez e desempenho aos esforços sofridos.

Figura 32 – Detalhamento estrutural do píer.



Fonte: Autoria própria (2025).

A planta de paisagismo (ver Figura 33) foi orientada com base no levantamento das espécies nativas existentes, que basicamente se resumem aos coqueiros e as amendoeiras da praia que pontuam toda a paisagem da Orla. Nesse sentido, optou-se por preservar o maior número destes exemplares, sem retirá-los definitivamente, apenas realizando sua realocação quando necessário. Para o projeto paisagístico como um todo, preconizou-se a distribuição das espécies de maneira pontual e alternada, evitando maciços excessivos que produzam barreiras físicas ou visuais, assegurando a permeabilidade visual para o mar, os marcos culturais e a fruição contínua da paisagem da orla e do espaço público do entorno.

A seleção dos estratos combina exemplares de grande porte (como o coqueiro, o ipê roxo e a amendoeira da praia) posicionados estrategicamente para proporcionar sombreamento, controlar insolação e assegurar o conforto térmico sem obstruir a ventilação natural. Como médio porte, a amendoeira da praia, a pata de vaca e a jasmim manga, desempenham um papel de transição entre as áreas abertas e sombreadas, garantindo diversidade cromática e sazonalidade ao paisagismo. Espécies de pequeno porte e arbustivas foram inseridas para enriquecer a composição estética, criando pontos de cor e textura sem comprometer a visualização da paisagem natural do horizonte marítimo.

Ainda nesta mesma prancha (Figura 33), consta a descriminação da paginação de piso adotada no projeto, cujo traçado orgânico e dinâmico propõe-se a trabalhar um jogo visual entre diferentes cores e texturas. Assim sendo, a definição dos materiais de pavimentação no projeto foi orientada por critérios de sustentabilidade, desempenho climático e adequação ao contexto urbano. A escolha do piso fulget nas áreas de circulação se deu em função de sua composição com agregados naturais e de sua capacidade térmica atenuada, que proporciona maior conforto ao toque e contribui para a redução da absorção de calor. Para os estacionamentos, optou-se pelo uso do concreto alto drenante, material poroso que permite o escoamento natural da água da chuva, além de evitar sobrecarga do sistema de drenagem urbana.

Figura 33 – Planta de paisagismo e paginação de piso.

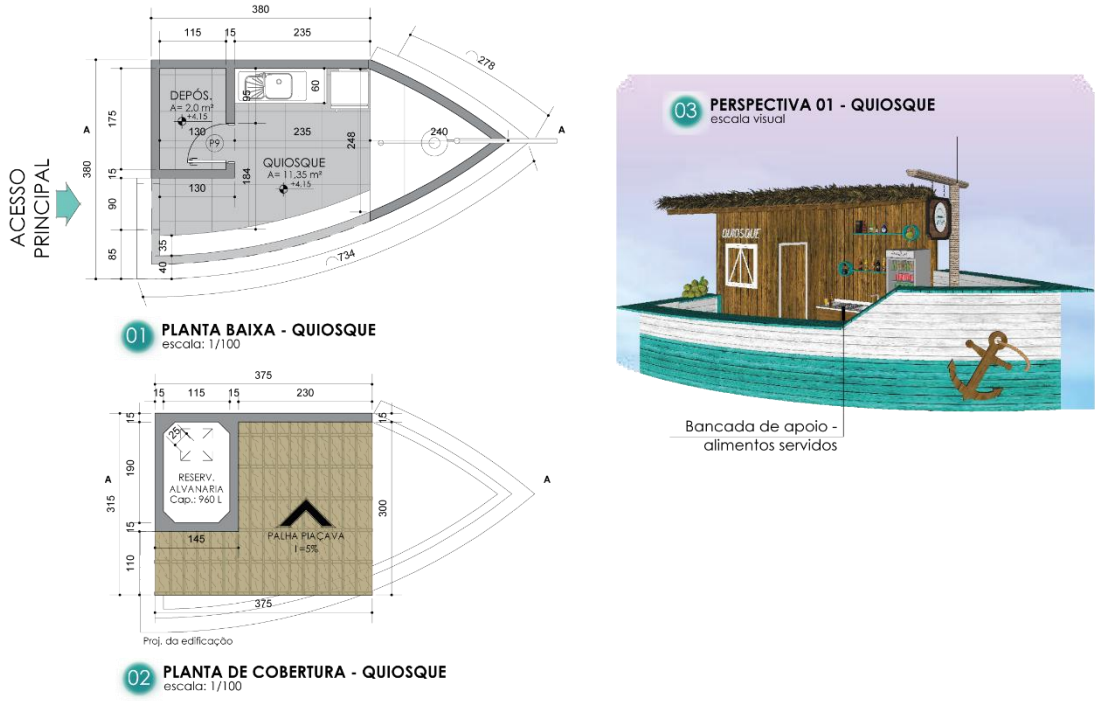


Fonte: Autoria própria (2025).

A Figura 34 adiante corresponde ao detalhamento do quiosque de alimentação, apresentando a sua planta baixa, planta de cobertura e perspectiva isométrica – demais detalhamentos constam no caderno de projeto. O quiosque de praia proposto no projeto atua como um ponto de apoio de pequeno porte, pensado para atender de forma prática e funcional os usuários da orla. Por se tratar de um espaço à beira-mar, sua estrutura é simplificada e voltada exclusivamente para a comercialização de alimentos pré-preparados e bebidas, sem área de preparo interno.

O partido adotado se expressa na forma de barco, utilizando-se de materiais regionais e próximos aqueles utilizados nas embarcações de pescadores, no intuito de reforçar a vocação litorânea do local, oferecendo suporte à permanência e ao lazer dos frequentadores, de forma leve, integrada à paisagem e adequada ao uso costeiro.

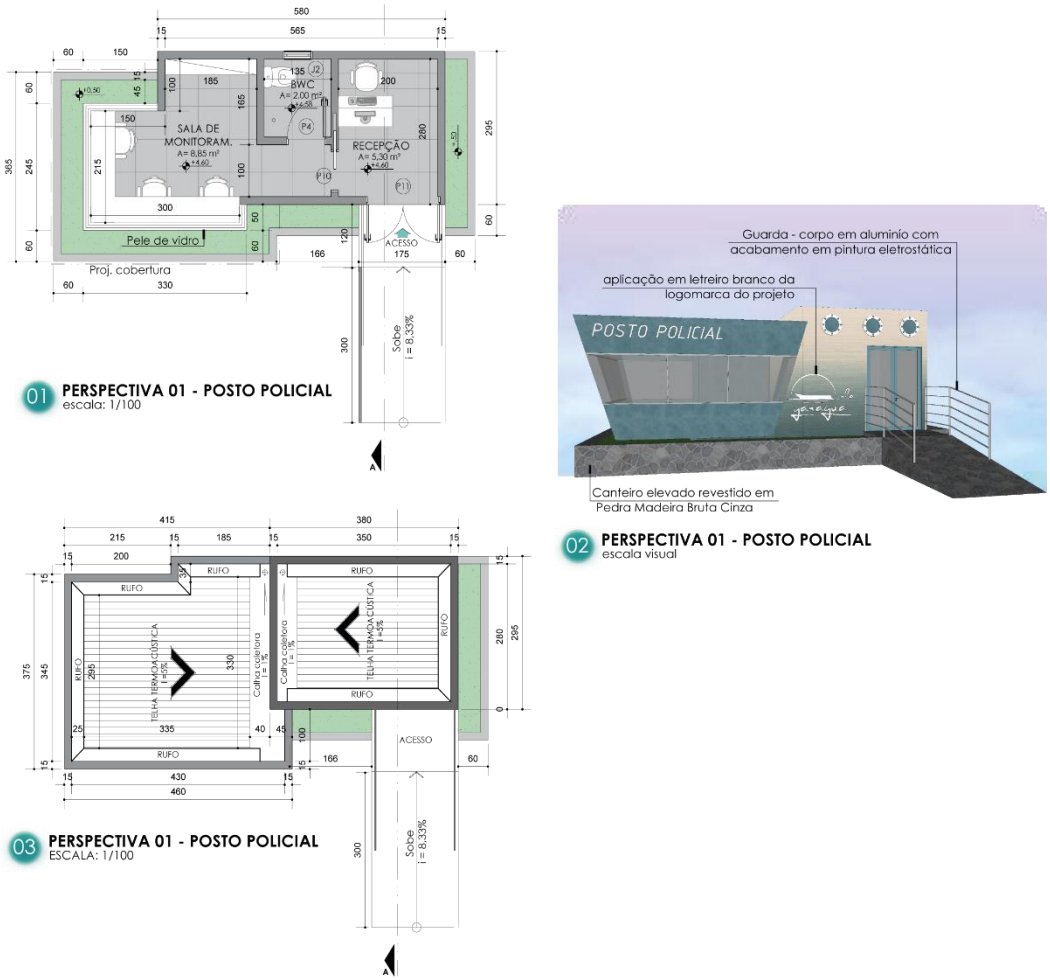
Figura 34 – Detalhamento: Quiosque para alimentação.



Fonte: Autoria própria (2025).

Seguindo a mesma lógica construtiva, o projeto do posto policial – ver Figura 35 – evoca formalmente um pequeno navio, constituído por um espaço de recepção e atendimento para as ocorrências, um banheiro e a cabine de monitoramento. Este mobiliário se fez necessário para reforçar o uso democrático do espaço urbano, pois com o grande fluxo e movimentação, o policiamento preventivo se faz fundamental para assegurar a tranquilidade, estimular a permanência da população e fomentar o uso contínuo do local como ambiente de lazer e convívio social.

Figura 35 – Detalhamento: Posto Policial.

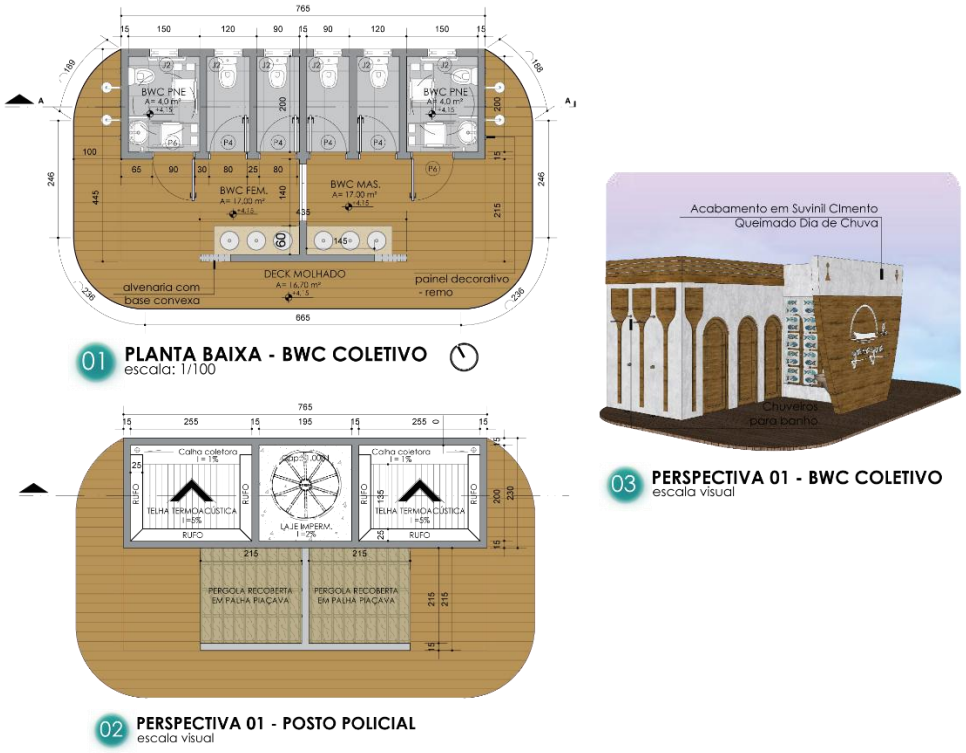


Fonte: Autoria própria (2025).

Com relação aos banheiros públicos coletivos, a Figura 36 apresenta sua configuração em planta baixa, planta de cobertura e perspectiva – demais detalhamentos constam no caderno de projeto. O projeto foi desenvolvido com foco na funcionalidade, acessibilidade e integração ao ambiente da orla, sua configuração propõe lavatórios posicionados na parte externa da edificação, facilitando o uso rápido e coletivo sem necessidade de acesso às cabines internas, o que otimiza o fluxo de usuários e amplia a ventilação do espaço.

As cabines sanitárias são individualizadas com acesso único, garantindo privacidade e acessibilidade. O deck que circunda todo o volume edificado conta com a instalação de chuveiros de uso externo em suas laterais, voltados ao atendimento direto da demanda de banhos rápidos pós-praia, reforçando o caráter funcional e adaptado à dinâmica litorânea do espaço.

Figura 36 – Detalhamento: Banheiros Coletivos.



Fonte: Autoria própria (2025).

O Anteprojeto de Requalificação Urbana da Orla do Jaraguá se consolida como uma proposta que alia preservação histórica, valorização paisagística e qualificação dos espaços públicos. Por meio de soluções arquitetônicas e urbanísticas integradas à identidade marítima e à vocação cultural do bairro, o projeto busca resgatar a relação da comunidade com seu território, estimular o uso plural e democrático da orla e potencializar sua função como polo de convivência, lazer e turismo. A composição geral combina funcionalidade, sustentabilidade e respeito às preexistências, no intuito de reafirmar o compromisso com a revitalização do patrimônio urbano e a melhoria da qualidade de vida, transformando a Orla do Jaraguá em um espaço vivo, inclusivo e representativo de sua memória coletiva.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discussões levantadas, evidencia-se a importância do planejamento urbano e das intervenções estratégicas para a promoção de espaços públicos mais acessíveis, funcionais e agradáveis, uma vez que estes são essenciais para a vida comunitária e para a construção de vínculos afetivos com o território. Nesse contexto, a pesquisa teve como propósito desenvolver uma proposta de requalificação urbanística para a Orla do Jaraguá, em Maceió/AL, com enfoque na valorização da memória coletiva da antiga Vila dos Pescadores e na promoção da qualidade do espaço público, intencionando através do desenho urbano resgatar a identidade tradicional do bairro, ressignificando a paisagem litorânea como lugar de encontro, permanência e pertencimento.

Para isso, foi adotada uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, combinando técnicas indutivas e dedutivas, a partir de análises bibliográficas, estudos de caso, levantamentos in loco, entrevistas e questionários aplicados à comunidade local. Essa escuta ativa foi fundamental para identificar as reais demandas da população e estabelecer diretrizes projetuais sensíveis à história e à dinâmica social do bairro. As etapas de diagnóstico urbano, leitura da morfologia, estudo de referências nacionais e definição de condicionantes legais e climáticas permitiram a elaboração de um anteprojeto fundamentado técnica e culturalmente.

A proposta projetual delineada neste trabalho tem como uma de suas principais virtudes a capacidade de integrar memória, funcionalidade e paisagem. Ao propor espaços acessíveis, infraestrutura adequada, elementos simbólicos que remetem à pesca tradicional e equipamentos que incentivam o convívio social, busca-se devolver à orla seu papel original de espaço vivo, ativo e representativo da identidade local. Em termos de linguagem urbana, o equipamento urbano do centro náutico pode ser compreendido como um marco simbólico e funcional, agregando identidade ao lugar e promovendo experiências que vão além da contemplação — incentivando a apropriação ativa do território. A ativação programática do espaço, somada à valorização da borda d'água como elemento estruturador da paisagem urbana, contribui para consolidar a orla como um polo de integração social, lazer e pertencimento.

A relevância do Anteprojeto de Requalificação proposto transcende o campo físico do território: ele estabelece uma ponte entre o passado e o presente, entre o espaço e a memória, entre a cidade e seus habitantes. Com isso, o projeto atua como um instrumento de resistência simbólica frente aos processos de gentrificação e turistificação que marcaram o recente histórico do bairro, reafirmando o direito à cidade por meio de uma arquitetura comprometida com a coletividade, ao passo em que propõe um espaço urbano mais inclusivo, acessível e simbólico, reafirmando a importância de um urbanismo comprometido com as pessoas e com a história que elas carregam.

REFERÊNCIAS

BARROS, Rachel Rocha de Almeida. **Solitários no Paraíso: produção cultural e expressões de isolamento em Maceió.** 1. ed. Maceió: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - FAPEAL, 2018.

BRAGA, Paula Marques. **Reabilitação Urbana no Centro Histórico de Salvador. Patrimônio Cultural, Turismo e Participação Social.** Campinas, 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 6.061, de 19 de novembro de 1984**. Homologa resolução do Conselho Estadual de Cultura e de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural referente ao tombamento do Acervo Cultural do Bairro de Jaraguá. Lex: Secretária de Estado da Cultura de Alagoas, AL, 19 nov. 1984. Disponível em: https://secult.al.gov.br/patrimonio-cultural/principal/legislacoes/829-decreto-n-6-061-1984. Acesso em: 08 dez. 2024.

CARLOS, Ana Fani. 1999. O turismo e a produção do não-lugar**.** In: YÂZIGUI E.; CARLOS A. EA. & CRUZ, R. C. A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec.

CARVALHO, Paulo. **Cidades e Valorização Paisagística de Frentes Aquáticas**. In: Biblos (Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Coimbra, Faculdade de Letras, Volume VI (2ª série), pp. 328-329; 331- 332; 337. 2008.

CAVALCANTE, Fátima Maria Lyra. **A Vila dos pescadores de Jaraguá e a sua interação com a política de revitalização do centro histórico: a reurbanização do espaço público e a exclusão social.** In: Revista Olhares Plurais, nº 16, vol. 1, ano 2017. ISSN 2176-9249.

COSTA FILHO, Amando Candeira. **Rugosidade e porosidade do tecido urbano como critérios de análise qualitativa da ventilação natural em cidades litorâneas.** 2017. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

DEL RIO, Vicente Eduardo. **Introdução Ao Desenho Urbano No Processo de Planejamento.** 5. ed. São Paulo: PINI, 1990. v. 1. 200 p.

DIRECÇÃO GERAL DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO URBANO. DGOTDU. **Proposta de projecto de decreto regulamentar que estabelece conceitos técnicos a utilizar nos instrumentos de gestão territorial**. Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa, pp. 60; 62-63; 65; 67. 2008.

ESPINDOLA, Thomaz do Bom-Fim. **Geographia alagoana, ou descripção physica, política e histórica da província das alagoas.** Maceió: Typographia do Liberal. 1871. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6731. Acesso em: 14 fev. 2025.

FERNANDES, João Luís Jesus e CARVALHO, Paulo. **Património, memória e identidade: repensar o Desenvolvimento**. In Lucília Caetano (coord.) – Território, Ambiente e trajectórias

de desenvolvimento. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Volume IV, pp. 193; 196-198. 2003.

FORTES, C. N. R. **Um porto atlântico colonial da América Portuguesa: a participação de Jaraguá na formação do território alagoano e na gênese da cidade de Maceió.** 2018. 390 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/3168. Acesso em: 08 dez. 2024.

GARCIAS, Carlos Mello; BERNARDI, Jorge Luiz. **As funções sociais da cidade.** In: Revista Direitos Fundamentais & Democracia (UniBrasil), v. 4, p. 01-15, 2008. Disponível em: https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/48. Acesso em: 8 dez. 2024.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil.** 2. ed. Rio de janeiro: UFRJ/IPHAN, 2002.

GONÇALVES, Raquel; SIMÃO, Karina & PAIVA, Ricardo. **Sobre conflitos urbanos, territórios e poder: a disputa pela incerteza.** Sessão temática 9: novos movimentos e estratégias de luta urbana e regional, XVII Enanpur, São Paulo, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2. ed.São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censo demográfico e panorama do município de Maceió.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/panorama. Acesso em: 05 dez. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. IPHAN. **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Átila Bezerra Tolentino (Org.). João Pessoa: Iphan, 2013. 108 p.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 532 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEITE, Rogério Proença; FORTUNA, Carlos. **Plural de Cidade: novos léxicos urbanos.** São Paulo: Almedina, 2009. Paulo Peixoto. p. 41

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1960.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MARCHIONI, Alessandra. **Comunidade da Vila dos Pescadores do Jaraguá, Maceió/AL e a (in)efetividade do direito internacional ("direito à moradia adequada").** Revista Eletrônica do Mestrado em Direito da UFAL, Alagoas, v. 7, n.1, p. 29-40, jan./2017.

MATOS, Karenina Cardoso; FALCAO, Ana Luiza S.; LOPES, Wilza Gomes Reis; SANTIAGO, Denise Rodrigues; SAMPAIO, Ingred, M. R. **Importância dos planos urbanísticos e espaços livres para a sustentabilidade urbana: estudo na Cidade de Teresina, Piauí.** RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT , v. 9, p. 1-33, 2020.

MAYRING, Philipp. **Einführung in die qualitative Sozialforschung: Eine anleitung zu qualitavem Denken.** Título traduzido: [Introdução à pesquisa social qualitativa: uma orientação ao pensamento qualitativo]. Tradução: Hartmut Günther. 5. ed. Weinheim: Beltz, 2002, 82 p.

ORREGO, Juan. **Práticas Contemporâneas no Centro Urbano: o caso da revitalização urbana na área de Cisneros, Medellín Colômbia.** In: III Seminário Internacional Urbicentros. Salvador, 2012.

PEREIRA, Parmênides Justino. **Urbano, demasiadamente humano: uma reflexão político-afetiva da remoção de moradores da comunidade Jaraguá.** Dissertação de Mestrado. UFAL. Mestrado em Sociologia, Maceió: 2005.

SANTOS, L. P.; CHAVES, Sammya. V. V.; VIEIRA, V. C. B. **Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades: uma análise do plano diretor de ordenamento territorial de Teresina (pdot).** Revista Equador, v. 10, p. 103-123, 2021.

SABACK, Juliene Lemos. **FESTA DE SÃO PEDRO, ILHA DE PAQUETÁ: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E PERMANÊNCIA DO TERRITÓRIO.** In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, ENANPEGE, 2023, Palmas. Revista ENANPEGE. Campina Grande: Realize Editora, 2023.

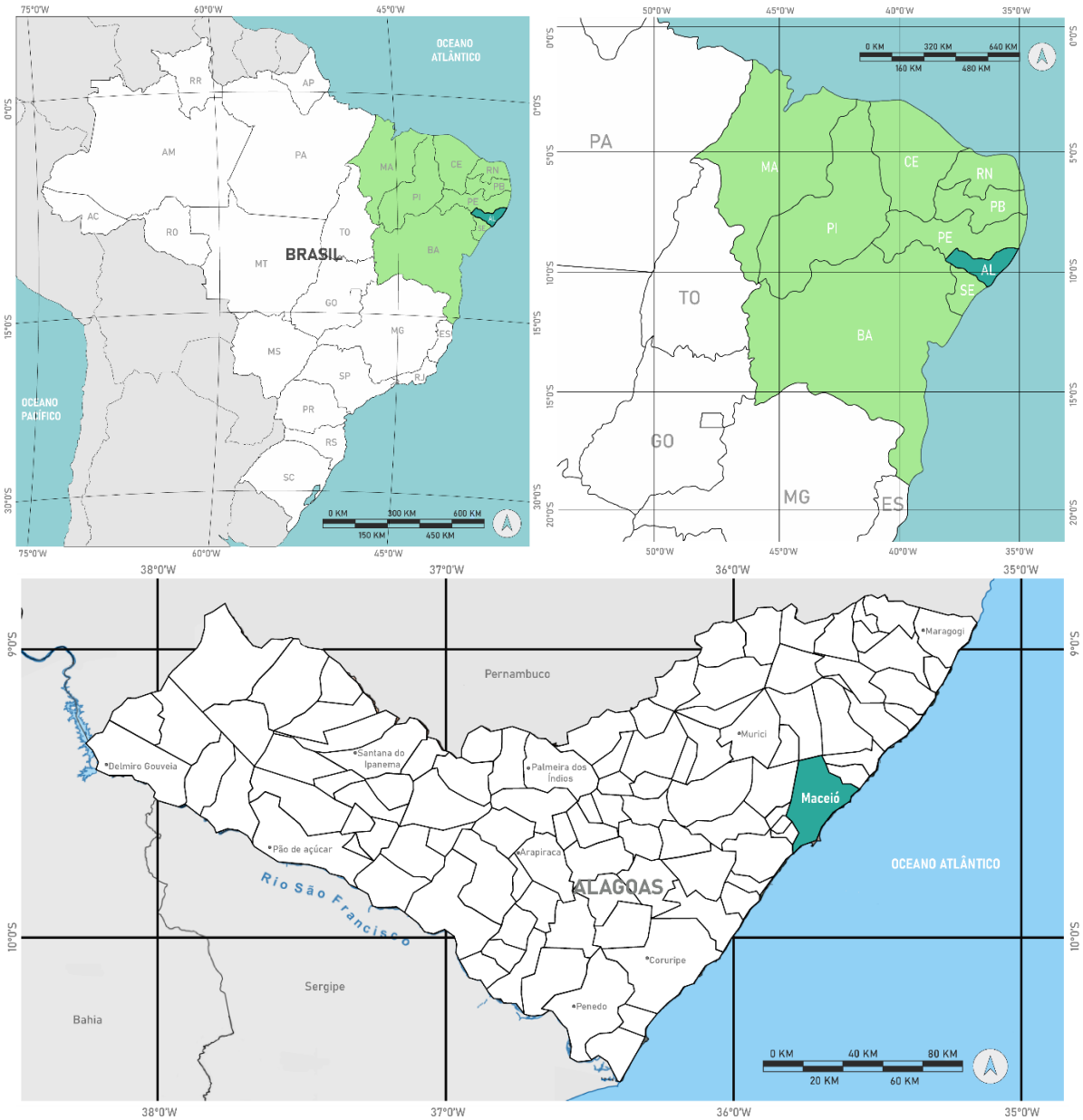
SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015

SILVA, A. M. R. **Requalificação urbana: o exemplo da intervenção Polis em Leiria.** 2011. 174 p. Dissertação (Mestrado em Geografia: Ordenamento do Território e Desenvolvimento) – Universidade de Coimbra, Portugal, 2011. Disponível em: http://hdl.handle.net/10316/19941. Acesso em: 05 dez. 2024.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1) Como você chegou ao bairro do Jaraguá? Há quanto tempo você mora aqui?
2) Qual fonte de renda ou atividade de trabalho você dedica mais tempo hoje?
3) Quais mudanças você percebeu na região desde que chegou aqui até hoje?
4) O que mudou na forma de vida da comunidade de pescadores?
5) Quais eram as principais atividades realizadas pela comunidade quando você chegou ao bairro? Como você vê a evolução dessas atividades ao longo do tempo, teve alguma mudança significativa?
6) Quais eram os espaços mais importantes para os pescadores e para a comunidade, no passado? Esses espaços ainda existem? O que aconteceu com eles?
7) Com relação a essa mudança e a remoção da antiga vila dos pescadores, como foi o processo de adaptação no novo local mais longe do mar?
8) Houve alguma resistência da população removida e/ou alguns pescadores voltaram a viver na orla?
9) Após esse evento, foi possível continuar desenvolvendo a atividade ligada à pesca ou tiveram alguns impactos negativos na sua forma de trabalho?
10) Como os pescadores, ao longo dos anos, ajudaram a formar a identidade cultural do bairro? Quais elementos dessa identidade você acredita que deveriam ser preservados?
11) Você se lembra de alguma história marcante envolvendo a comunidade de pescadores?
12) Quais são, na sua opinião, as principais necessidades da comunidade hoje? O que você gostaria que fosse diferente na forma como a área é gerida atualmente? Algo que seja importante para melhorar a qualidade de vida...
13) O que significa para você ser parte da comunidade de pescadores do Jaraguá?
14) Que elementos culturais você gostaria de ver refletidos nos espaços públicos desta área do Porto?

APÊNDICE B – CADERNO DE MAPAS



MAPA NOLLI - CHEIOS E VAZIOS

escala: 1/4000

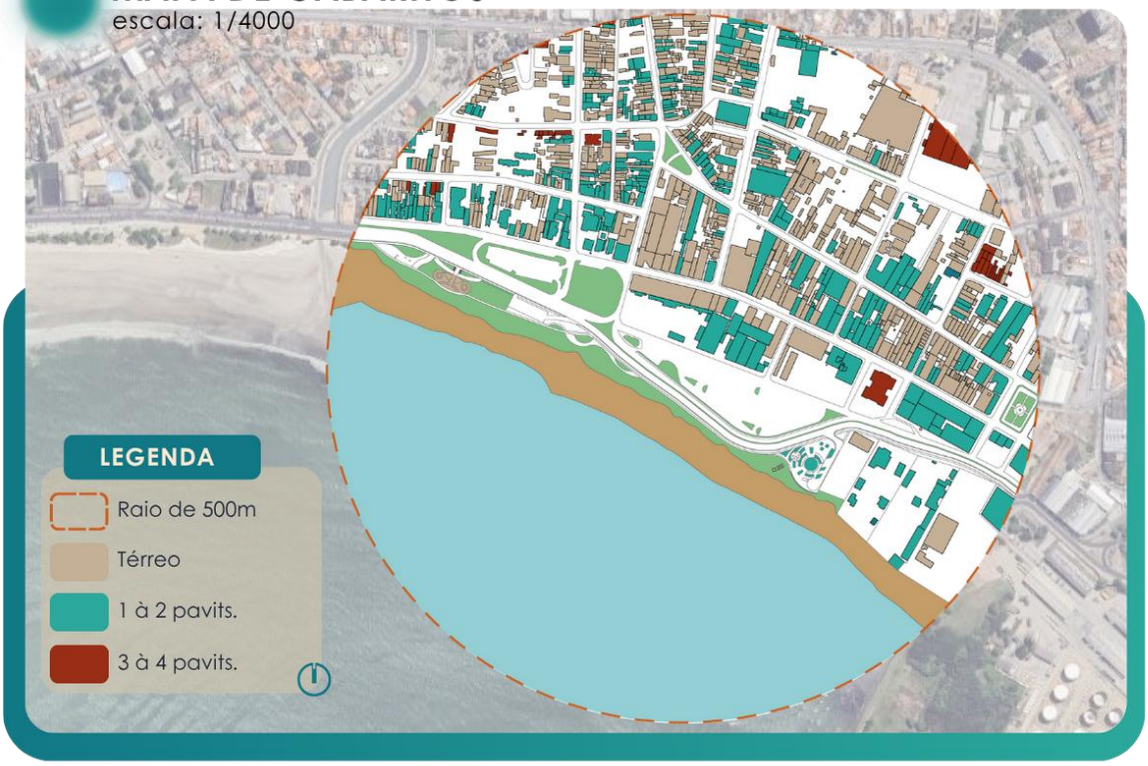


MAPA DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

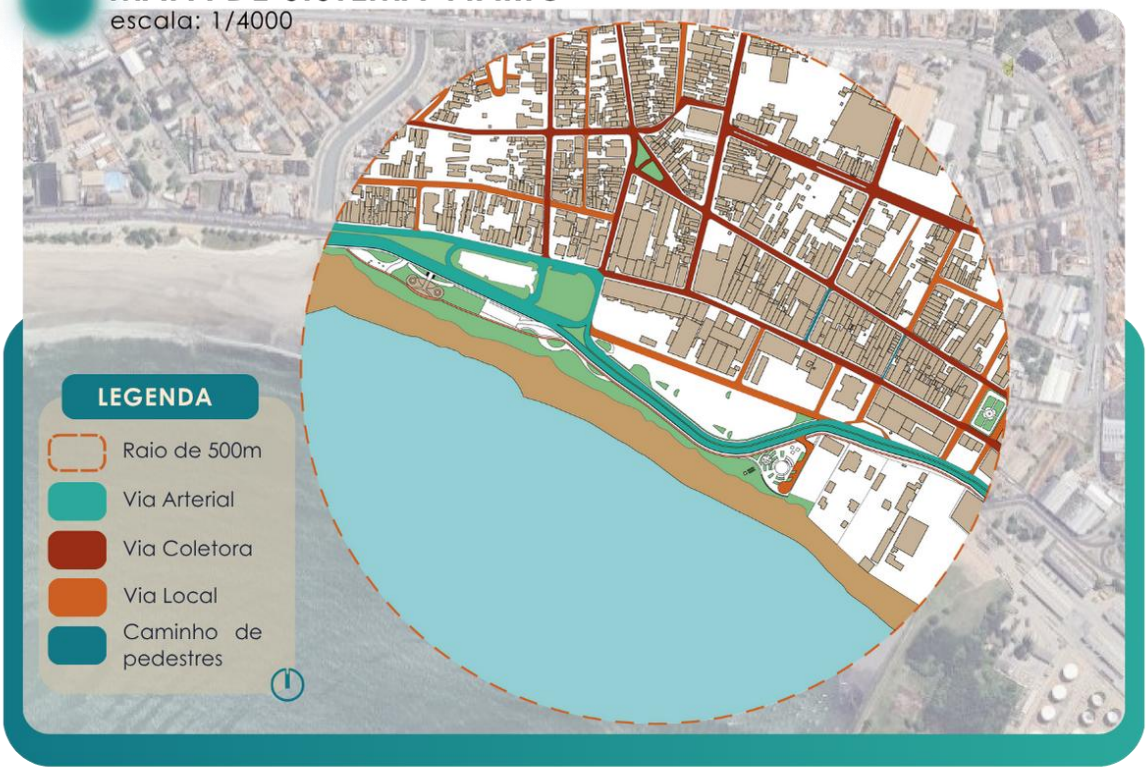
escala: 1/4000



MAPA DE GABARITOS
escala: 1/4000



MAPA DE SISTEMA VIÁRIO
escala: 1/4000




MAPA DE VEGETAÇÃO
escala: 1/4000
LEGENDA
Raio de 500m
Veg. rasteira e pequeno porte
Veg. médio e grande porte
1
2
3
4
5
6


Coqueiro (cocos nucifera)
1


Amendoeira da praia (terminalia catappa)
2


Árvore do céu (ailanthus altissima)
3


Longana (dimocarpus longan)
4


Palmeira Imperial (roystonea oleracea)
5


Falsa Seringueira (ficus elastica)
6

yaraguá

CADERNO DE PROJETO





PERFIL PROFISSIONAL

Arquiteta e Urbanista formada Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA) e Técnica em Agroindústria pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL). Possuo naturalidade alagoana e sou apaixonada por projetos que possam transformar a vida das pessoas através do espaço construído. Acredito que a integração entre o projeto de arquitetura e o planejamento do espaço urbano-territorial potencializam as **conexões humanas**, o **bem-estar** e a **funcionalidade**, princípios norteadores em minha trajetória de projeto.

Pau dos Ferros/RN e Maceió/AL

(82) 98226-1847

arq.isabellesoares@gmail.com

ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

SOBRE O ESCRITÓRIO

A identidade visual do escritório foi desenvolvida com o propósito de comunicar, de forma clara e assertiva, a essência do trabalho em arquitetura e urbanismo. A logomarca é composta por três elementos fundamentais que sintetizam os valores e a atuação da arquiteta: as iniciais I e S, que remetem diretamente à assinatura profissional; um volume geométrico, simbolizando a solidez e a robustez das edificações; e um elemento construtivo de passagem – uma porta – que representa fluidez, permeabilidade visual e conexão entre espaços. Essa composição traduz uma marca contemporânea, técnica e sensível, refletindo a identidade do escritório.

LETRA I + LETRA S + EDIFICAÇÃO

SOBRE O PROJETO

O presente estudo contempla o desenvolvimento de um anteprojeto de requalificação para a orla do Jaraguá, Maceió/AL, buscando proporcionar uma rememoração da área da antiga Vila dos Pescadores, promovendo a reestruturação urbana por meio soluções que incentivem a mobilidade urbana alternativa, visando sobretudo o fortalecimento da relação entre a comunidade e o uso espaço público.

IDENTIDADE VISUAL

O projeto leva o nome de **"Orla Yaraguá"**, pois o topônimo 'jaraguá' tem herança indígena no tupi *yara-guá*, que significa **enseada das canoas**. Assim, agregam-se na composição uma tipografia cursiva e fluida que simboliza os elementos da natureza como as ondas e o pôr do sol, que juntamente as canoas de pescadores, formam os aspectos marcantes da paisagem local.

orla yaraguá
ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

PALETA DE CORES

#93D0D3

#CE5F22 #80BD94 #2CA99C

#127886 #C4B097 #FEEAD3

APLICAÇÃO DA LOGOMARCA



TIPOGRAFIA

STEPHEN TYPE

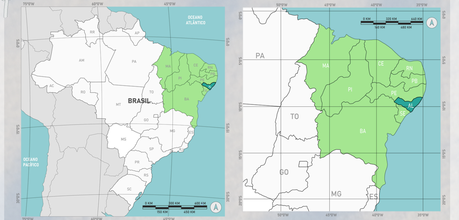
GLACIAL INDEFFERENCE

orla yaraguá
ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

FOTOS DO TERRENO



LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO





O sítio urbano da área de estudo está inserido no município de Maceió, capital do estado de Alagoas, localizado na porção Nordeste do país. A cidade pertence à mesorregião do Leste Alagoano e integra, juntamente com outros doze municípios, a Região Metropolitana de Maceió.

A área de intervenção integra uma parcela do bairro do Jaraguá, tradicionalmente de raízes portuárias, e um lugar rico em função do seu patrimônio arquitetônico e histórico, cujo o bem foi tombado pelo Estado por volta de 1984, como testemunho histórico e cultural da paisagem do bairro para o Estado de Alagoas.

O recorte espacial da área de estudo engloba o espaço da orla do Bairro Jaraguá, localizado na faixa litorânea da capital Maceió/AL, mais especificamente logrado entre a Av. da Paz e a Av. Industrial Cícero Toledo, que conectam diversos bairros da malha urbana. O trecho de intervenção abrange uma área de aproximadamente 17.000 m² circunscritos em 1,65 km de extensão e concentra importantes edificações e equipamentos públicos em seu entorno imediato, como o Memorial à República, a Associação Comercial de Maceió, o Departamento da Polícia Federal, a Câmara Municipal de Maceió e entre outros.



LEGENDA

- Limites - Bairro Jaraguá
- Area de intervenção
- Pontos de referência



01 DELIMITAÇÃO ESPACIAL DA ÁREA DE INTERVENÇÃO
escala: 1/200

PONTOS DE REFERÊNCIA



1 Memorial à República



2 Capitania dos Portos do Estado de Alagoas



3 Câmara Municipal de Maceió



4 Delegacia da Receita Federal



5 Associação Comercial de Maceió



6 Departamento da Polícia Federal



7 Marinha do Brasil



8 Federação Alagoana de vela e motor

orla yaraguá
ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA: INDICADA

DATA: AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
UFERSA

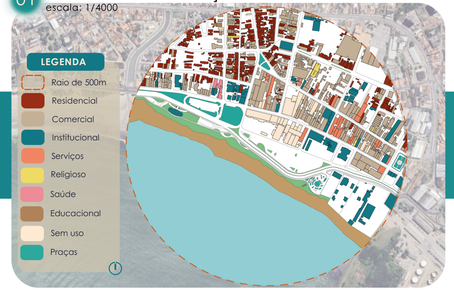
PRANCHA: 01 | 14

01 MAPA NOLLI - CHEIOS E VAZIOS
escala: 1/4000



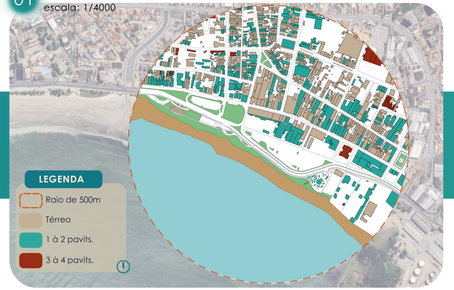
Se tratando da infraestrutura construída, a área de entorno imediato apresenta uma ocupação expressiva em relação aos poucos vazios existentes, caracterizando-se como uma zona bem adensada, em função da consolidação de suas raízes históricas e valorização comercial.

01 MAPA DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO
escala: 1/4000



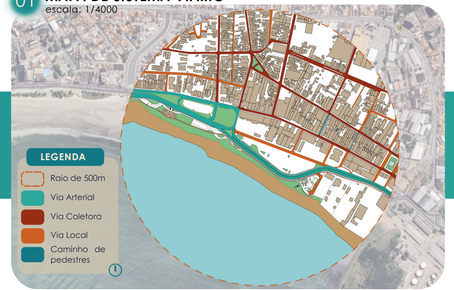
Por se tratar de um bairro antigo, o perímetro conta com uma tipologia de uso difusa, além de alguns edifícios históricos abandonados/sem uso. É possível notar uma predominância de usos comerciais em contraste com as edificações residenciais, assim como também uma concentração de equipamentos institucionais, sobretudo aqueles pertencentes ao poder público.

01 MAPA DE GABARITOS
escala: 1/4000



O padrão de verticalização segue uma distribuição uniforme entre as edificações térreas e edificações de até 02 pavimentos, devido a alta influência do padrão construtivo da arquitetura colonial preservada no bairro. A Associação Comercial e o Centro de Convenções de Maceió despontam como edificações mais altas no nível de 03 à 04 pavimentos.

01 MAPA DE SISTEMA VIÁRIO
escala: 1/4000



As vias limítrofes do bairro do Jaraguá compõem um polígono de vias arteriais que dão acesso a ele (Av. Industrial Cícero Toledo e Av. da Paz), por isso grande parte de suas vias de entroncamento são coletoras, responsáveis por fazer essa conexão entre elas. Há também a presença de vias locais de menor fluxo e de duas ruas para pedestres (becos sem circulação de carros).

01 MAPA DE VEGETAÇÃO
escala: 1/4000



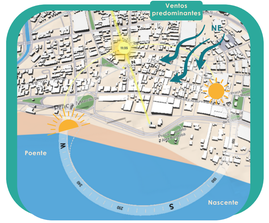
Diante do adensamento já bem consolidado, nota-se a escassez de vazios urbanos e de áreas verdes mais densas. No entanto, como pode ser observado no mapa, existem alguns locais de concentrações pontuais de espécies vegetais de pequeno, médio e grande porte, das quais as mais recorrentes estão indicadas abaixo, com destaque para os coqueiros em maior quantidade.

TOPOGRAFIA

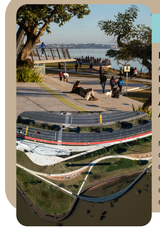
COORDENADAS GEOGRÁFICAS		
PONTO	LATITUDE	LONGITUDE
A	9°40'12.00"S	35°43'48.98"O
B	9°40'12.12"S	35°43'48.98"O
C	9°40'16.26"S	35°43'38.83"O
D	9°40'19.52"S	35°43'35.04"O
E	9°40'21.80"S	35°43'31.68"O
F	9°40'21.81"S	35°43'30.03"O
G	9°40'20.86"S	35°43'26.71"O
H	9°40'23.93"S	35°43'28.52"O
I	9°40'21.74"S	35°43'32.18"O
J	9°40'19.52"S	35°43'35.04"O
K	9°40'17.02"S	35°43'38.40"O
L	9°40'16.42"S	35°43'40.03"O
M	9°40'15.32"S	35°43'42.86"O
N	9°40'13.09"S	35°43'46.48"O
O	9°40'12.95"S	35°43'47.74"O



ESTUDO DE VENTILAÇÃO E INSOLAÇÃO



REFERÊNCIAS PROJETUAIS



PARQUE URBANO DA ORLA DO GUAÍBA

Escritório: Jaime Lerner Arquitetos Associados
Localização: Lago Guaíba, Porto Alegre – RS.
Ano: 2018
Área: 56,7 ha

Dispõe de arquibancadas, mirantes, decks, ciclovia, além de um restaurante sobre a água com vista panorâmica e quatro unidades comerciais destinadas ao setor de alimentação e bebidas.



PARQUE DA ORLA - BALNEÁRIO CAMBORIU

Escritório: Indio da Costa A.U.D.T
Localização: Balneário Camboriú - SC
Ano: 2022
Área: aprox. 600.000 m²

Dispõe de playgrounds infantis, dog parks, academias ao ar livre, bicicletários, postos de segurança e salva vidas, espaços de permanência com bancos modulares, mesas e cadeiras, bem como quiosques.



PARQUE ORLA PIRATININGA

Escritório: Embyá, Phytorestore e KAAN Arquitetos
Localização: Lagoa de Piratininga, Niterói - RJ
Ano: 2024
Área: 685.000 m²

Dispõe de praças, ciclovias, áreas de convivência, pista de skate, quadras esportivas, 03 mirantes, 06 pieres destinados à pesca e 04 voltados à contemplação da fauna e flora locais.













ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA: INDICADA
DATA: AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO
ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
UFERSA

QUADRO DE ÁREAS COMUNS			
SIMBOLOGIA	IDENTIFICAÇÃO	ÁREA (m²)	MATERIAL
M1	Memorial da República	1.813,14 m²	Pisa mato (cerâmico e cimentício)
E1	Estacionamento	1.229,70 m²	Paralelepípedo convencional
C1	Ciclovia	1.546,61 m²	Bloquete intertravado esp/na de pixel
P1	Passeio de pedestre	1.806,44 m²	Bloquete intertravado esp/na de pixel
C2	Calçadão	3.618,54 m²	Bloquete intertravado esp/na de pixel
P2	Praça Arquiteto Alex Barbosa	4.270,97 m²	Piso cimentício cru
E2	Estacionamento Praça	932,42 m²	Paralelepípedo convencional
A1	Áreas Verdes	7.950,90 m²	Solo natural
ÁREA TOTAL DE INTERVENÇÃO: 17.368,92 m²			

LEGENDA

- VAZIO URBANO
- ÁREA CONSTRUÍDA NO ENTORNO
- ÁREA DE ENTORNO IMEDIATO
- RECORTE - SETORES PROJETUAIS
- INFRAESTRUTURA LOCAL E SEUS AGRAVANTES
- VEGETAÇÃO EXISTENTE

01 Coreto de Jaraguá

02 Acesso ao Memorial da Republica

03 Vista para o estacionamento

04 Escultura - O Boi

05 Poste e lixeira danificados

06 Passeio deteriorado

07 Descarte inapropriado de resíduos

08 Atividade social - prática de exercícios

09 Vista da Capelinha

10 Barracas - pessoas em condição de rua



01 **LEVANTAMENTO FÍSICO**
escala: 1/800

PRINCIPAIS AGRAVANTES E POTENCIALIDADES DA INFRAESTRUTURA URBANA DISPONÍVEL NO ENTORNO IMEDIATO DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

O bairro histórico de Jaraguá, situado em Maceió/AL, constitui-se como um dos núcleos urbanos mais emblemáticos da capital alagoana. Detentor de um expressivo valor cultural e arquitetônico, o Jaraguá abriga importantes marcos históricos que compõem a identidade coletiva da cidade.

O **Coreto de Jaraguá**, localizado em uma das praças mais tradicionais do bairro, representa um espaço de sociabilidade e memória, apesar de atualmente apresentar sinais de desgaste físico e pouco uso pela comunidade. Já o **Memorial da República** se destaca pela imponência arquitetônica e pelo valor histórico, simbolizando a relação de Alagoas com o movimento republicano. Sua infraestrutura está relativamente bem conservada, embora careça de ações de dinamização cultural e acessibilidade.

A escultura **"O Boi"**, por sua vez, é um marco visual e artístico que celebra as manifestações populares da cultura nordestina, compondo uma identidade visual marcante para o espaço urbano. Contudo, sua inserção em meio a um ambiente urbano descaracterizado e com baixa manutenção compromete sua visibilidade e apropriação pela população, concentrando por vezes um número expressivo de usuários de drogas e/ou comportamentos de risco.

Por outro lado, a **Capelinha de Jaraguá**, um dos símbolos religiosos mais antigos do bairro, encontra-se em condições razoáveis de preservação, mas seu entorno carece de qualificação paisagística e acessibilidade adequada.

No que se refere à infraestrutura urbana geral, o bairro de Jaraguá apresenta uma malha viária consolidada, mas que requer melhores adequações mediante o fluxo da mobilidade urbana contemporânea. A iluminação pública é pontual e, em muitos trechos, ineficiente, gerando insegurança no período noturno e afetando a fruição dos espaços culturais ao ar livre. A ausência de sinalização turística adequada e a precariedade dos espaços públicos contribuem para a descaracterização do bairro enquanto polo histórico-cultural.

Ainda assim, o adensamento de bens patrimoniais, a existência de áreas livres passíveis de revitalização e a forte identidade local representam oportunidades para intervenções pautadas na preservação do patrimônio cultural aliado ao redesenho urbano sustentável.

ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA: INDICADA

DATA: AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLE SOARES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
UFERSA

PRANCHA: 03 | 14



01 LEVANTAMENTO FÍSICO - SEÇÃO 01
escala: 1/500



02 MOCKUP DE SETORIZAÇÃO
escala: 1/6000

QUADRO DE ÁREAS COMUNS			
SIMBOLOGIA	IDENTIFICAÇÃO	ÁREA (m²)	MATERIAL
AC1	Memorial da República	1.013,14 m²	Piso misto (cerâmica e cimentício)
AC2	Estacionamento	1.229,70 m²	Paralelepipedo convencional
AC3	Ciclovia	1.546,61 m²	Blaquete intertravado espinha de peixe
AC4	Areas de Integração	1.806,44 m²	Blaquete intertravado espinha de peixe
AC5	Calçadão	3.618,54 m²	Blaquete intertravado espinha de peixe
AC6	Praça Arquiteto Alex Barbosa	4.270,97 m²	Piso cimentício cru
AC7	Estacionamento Praça	932,62 m²	Paralelepipedo convencional
AC8	Áreas Verdes	2.950,90 m²	Solo natural
ÁREA TOTAL DE INTERVENÇÃO: 17.368,92 m²			

PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO			
FUNÇÃO	ESPAÇOS	DIMENSÕES	QUANT.
SERVIÇO	Posto de policiamento	31,50 m²/unid	02 unid.
	Banheiros	50,80 m²/unid	03 unid.
	Estacionamentos	1.945,76 m²	02 unid.
LAZER, ENTRETENIMENTO E CONTEMPLAÇÃO	Dog Park	299,50 m²	02 unid.
	Playground Infantil	306,10 m²	03 unid.
	Decks de convivência	885,80 m²	02 unid.
	Ciclovia	1.522,61 m²	01 unid.
ESPORTES E COMÉRCIO	Complexo Naútico	1.072,80 m²	01 unid.
	Pier	1.191,40 m²	01 unid.
	Quadra de Beach Tênis	405,89 m²	02 unid.
ALIMENTAÇÃO	Quiosques	16,25 m²/uni	07 unid.
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA: 8.165,01 m²			

PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO		
COMPLEXO NAÚTICO	ESPAÇOS	DIMENSÃO
SETOR COMUM	Administrativo	26,00 m²
	Copa	6,75 m²
	Sanitários	47,40 m²
	Pátio coberto	248,95 m²
	Grupo gerador	7,05 m²
SETOR DE PESCADO	Box de venda	variável
	Câmera Fria	11,10 m²
	Recebimento e higienização	20,00 m²
	DML	17,85 m²
	Descarte de resíduos	7,50 m²
	Sala Ass. Pescadores	22,75 m²
SETOR NAÚTICO	Oficina de redes	30,55 m²
	Sala de Funcionários	7,50 m²
	Loja de equipamentos	7,35 m²
	Mini Estaleiro	233,35 m²
ÁREA TOTAL DE INTERVENÇÃO: 1.072,80 m²		

ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA: INDICADA

DATA: AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE SEMI-ÁRIDO
UFERSA

PRANCHA: 04 | 14

02 MOCKUP DE SETORIZAÇÃO
escala: 1:6000

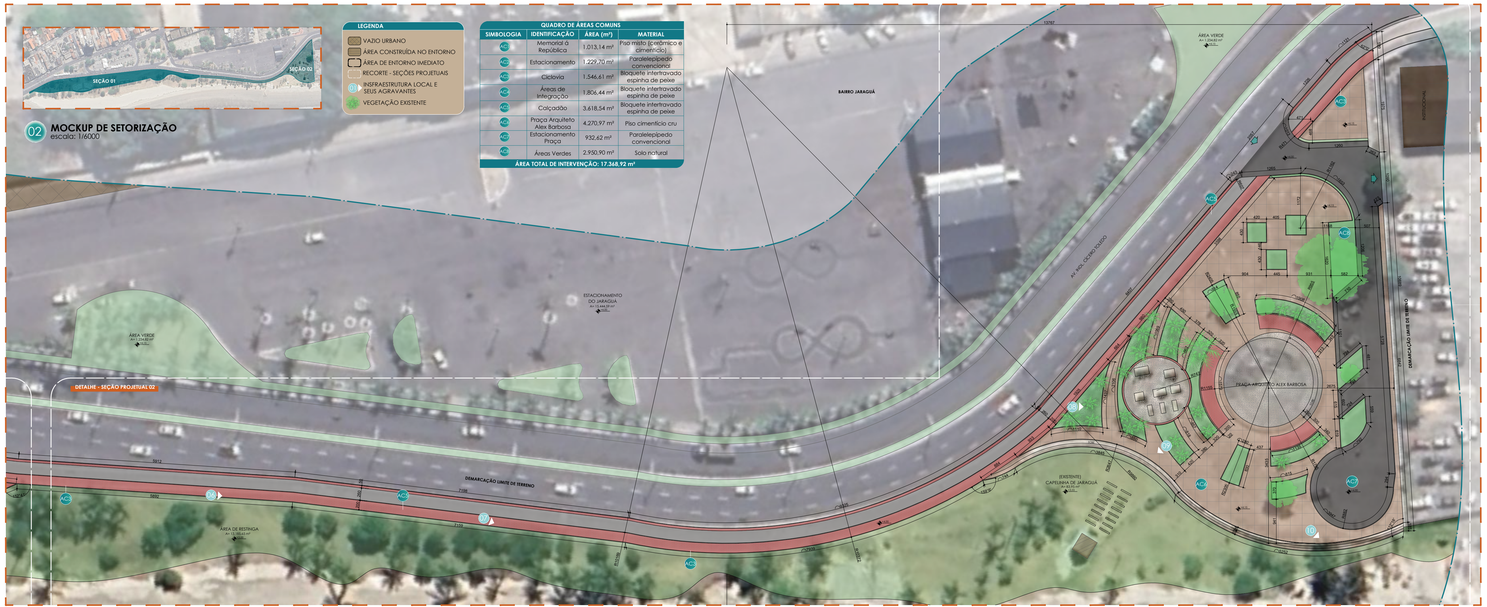
LEGENDA

- VAZIO URBANO
- ÁREA CONSTRUÍDA NO ENTORNO
- ÁREA DE ENTORNO IMEDIATO
- RECORTE - SEÇÕES PROJETUAIS
- INSPRAESTRUTURA LOCAL E SEUS AGRAVANTES
- VEGETAÇÃO EXISTENTE

QUADRO DE ÁREAS COMUNS

SIMBOLOGIA	IDENTIFICAÇÃO	ÁREA (m²)	MATERIAL
ACC	Memorial à República	1.013,14 m²	Piso misto (pedrisco e alvenaria)
ACC	Estacionamento	1.229,70 m²	Paralelepipedo convencional
ACC	Ciclovia	1.546,61 m²	Bloquete intertravado espinha de peixe
ACC	Áreas de Integração	1.806,44 m²	Bloquete intertravado espinha de peixe
ACC	Calçadão	3.618,54 m²	Bloquete intertravado espinha de peixe
ACC	Praça Arquiteto Alex Barbosa	4.270,97 m²	Piso cimentício cru
ACC	Estacionamento Praça	932,62 m²	Paralelepipedo convencional
ACC	Áreas Verdes	2.950,90 m²	Solo n^tural

ÁREA TOTAL DE INTERVENÇÃO: 17.368,92 m²



01 LEVANTAMENTO FÍSICO - SEÇÃO 02
escala: 1:500



02 ZONEAMENTO - PLANO DE MASSAS
escala: 1/2000



03 MOODBOARD PROJETUAL
escala visual

ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA:
INDICADA

DATA:
AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE SEMI-ÁRIDO
UFERSA

PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO			
FUNÇÃO	ESPAÇOS	DIMENSÕES	QUANT.
SERVIÇO	Posto de policiamento	38 m²/unid	02 unid.
	Bombeiros	30,30 m²/unid	04 unid.
	Estacionamentos	1.945,76 m²	02 unid.
LAZER, ENTRETENIMENTO E CONTEMPLAÇÃO	Dog Park	175 m²/unid	02 unid.
	Playground Infantil	100 m²/unid	04 unid.
	Decks de convivência	81,72 m²/Unid	01 unid.
	Ciclovia	1.546,61 m²	01 unid.
ESPORTES E COMÉRCIO	Complexo Náutico	912 m²	01 unid.
	Pier	515 m²	01 unid.
	Quadra de Beach Tênis	158,65 m²/unid	02 unid.
ALIMENTAÇÃO	Quiosques	20 m²/unid	08 unid.
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA: 6.253,47 m²			

LEGENDA

- VAZIO URBANO
- AREA CONSTRUÍDA NO ENTORNO
- AREA DE ENTORNO IMEDIATO
- AREA A PERMANECER
- AREA A DEMOLIR
- AREA A CONSTRUIR
- 01 INSFRAESTRUTURA LOCAL E SEUS AGRAVANTES
- VEGETAÇÃO A SER MANTIDA
- VEGETAÇÃO A SER REALOCADA

PARÂMETROS URBANÍSTICOS DA INTERVENÇÃO x LEGISLAÇÃO				
DIRETRIZ	VALOR	%	LEGISLAÇÃO	ATENDE ?
TAXA DE OCUPAÇÃO	8.701,21 m²	0,5	2,0	SIM
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	8.701,21 m²	50,09 %	70 %	SIM
ÁREA PERMEÁVEL	12.250,25 m²	70,52 %	15 %	SIM
ÁREA TOTAL DE INTERVENÇÃO: 17.368,92 m²				

NOTA:
Todo o trecho de intervenção apresenta cerca de 17.000 m², dos quais 8.353,47 m² constituem área construída por mobiliários, equipamentos e dispositivos de apoio ao usuário, enquanto que o restante se distribui entre espaços livres de circulação e passeio.


01 Coreto de Jaraguá


02 Acesso do Memorial da República


03 Vista para o estacionamento

NOTA:
A Planta indicada representa de forma técnico-legal os elementos a serem preservados, adicionados e/ou demolidos da proposta de intervenção da Orla do Jaraguá. Para tanto, visando melhores condições de visualização e contraste projetual, a representação das áreas a demolir adotaram a cor azul claro em substituição ao amarelo convencional.


04 Escultura - O Boi


05 Poste e lixeira danificados

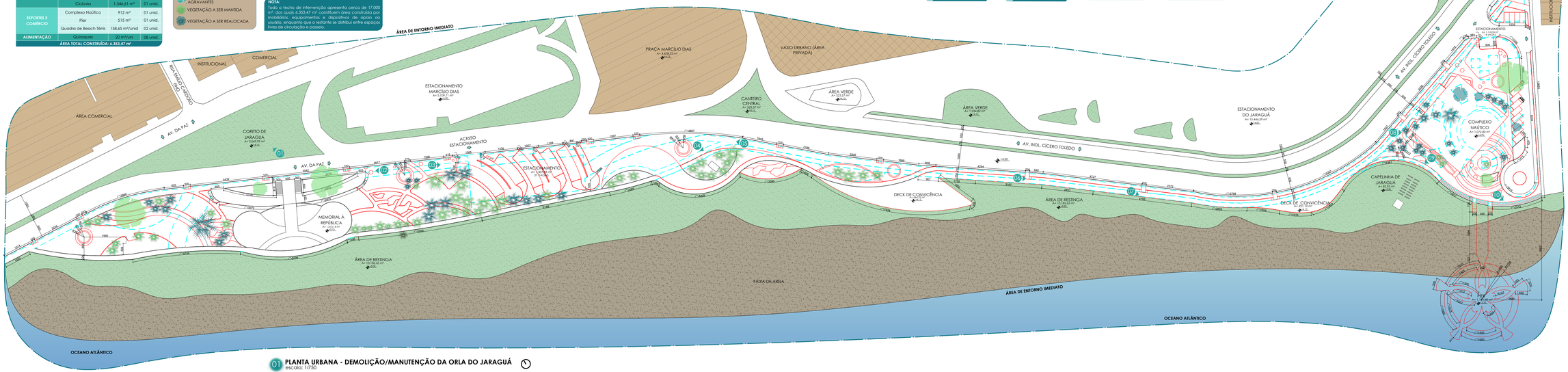

06 Passeio deteriorado


07 Descarte inapropriado de resíduos


08 Atividade social - prática de exercícios


09 Vista da Capelinha


10 Barracas - pessoas em condição de rua



01 PLANTA URBANA - DEMOLIÇÃO/MANUTENÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ
escala: 1/750

NOTA:
Mediante classificação do Código de Urbanismo e Edificações do município, a área de intervenção está inserida na **Zona Especial de Preservação Cultural I (ZEP-1 Jaraguá)** - que é constituída pelo sítio histórico de Jaraguá.

Por se tratar de um Setor de Preservação, são facultadas algumas restrições básicas ao planejamento urbano desta área, sobretudo no que diz respeito às ações que impliquem descaracterização da trama urbana e arquitetônica do conjunto, ficando assim impeditivos obras de demonte, terraplenagem, aterro, desmatamento, derrubada de árvores, bem como qualquer outra que modifique sua paisagem natural.

Diante disso, a proposta de intervenção foi concebida com base no premissa de respeitar e preservar ao máximo a infraestrutura existente, buscando compatibilizar as necessidades funcionais dos usuários qualificadores do município com a manutenção dos elementos patrimoniais e de identidade local. As ações propostas, portanto, buscam como diretriz **o uso racional das estruturas existentes**, priorizando adaptações pontuais e cirúrgicas em áreas específicas onde se constatou a necessidade de requalificação funcional, acessibilidade, segurança e/ou renovação ao novo uso proposto.

As demolições previstas restringem-se a **elementos descaracterizados**, dissonantes com o conjunto arquitetônico original e/ou que apresentem **carência técnica/física** em termos de desempenho e usabilidade. As novas construções, foram posicionadas para não interferir na leitura da paisagem cultural e seguem uma **linguagem integrada ao contexto urbano** e histórico do entorno.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA:
INDICADA

DATA:
AGOSTO DE 2025

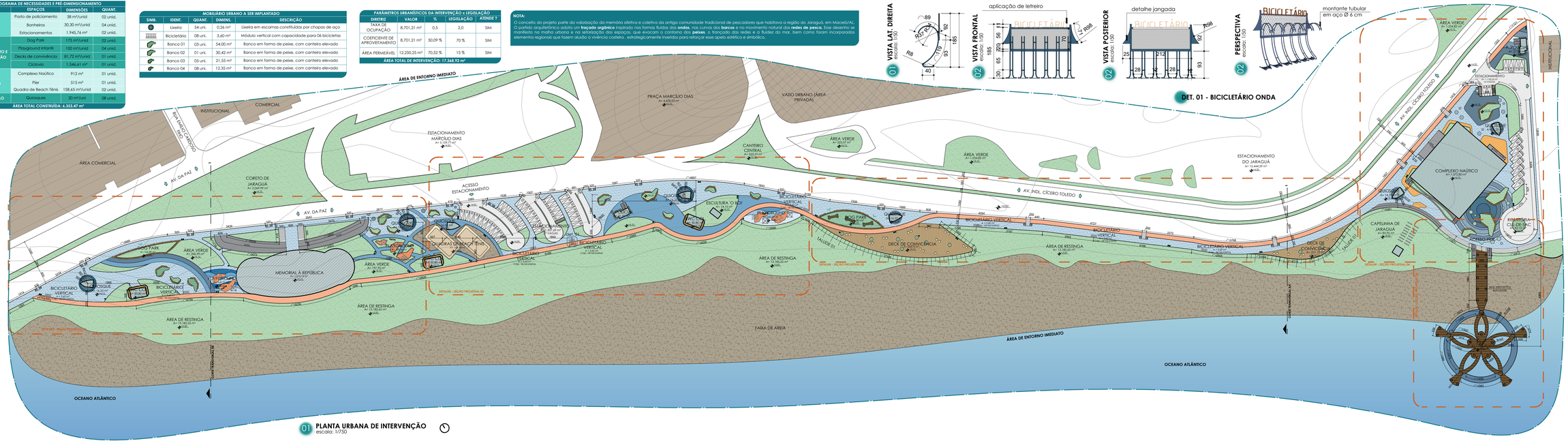
PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO			
FUNÇÃO	ESPAÇOS	DIMENSÕES	QUANT.
SERVIÇO	Posto de policiamento	38 m²/Unid	02 unid.
	Banheiros	30,30 m²/Unid	04 unid.
	Estacionamentos	1.945,74 m²	02 unid.
LAZER, ENTRETENIMENTO E CONTEMPLAÇÃO	Dog Park	175 m²/unid	02 unid.
	Playground Infantil	100 m²/unid	04 unid.
	Decks de convivência	81,72 m²/Unid	01 unid.
	Ciclovia	1.546,61 m²	01 unid.
ESPORTES E COMÉRCIO	Complexo Náutico	912 m²	01 unid.
	Pier	515 m²	01 unid.
	Quadra de Beach Tênis	158,65 m²/Unid	02 unid.
ALIMENTAÇÃO	Quiosques	20 m²/Unid	08 unid.
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA: 6.353,47 m²			

MOBILIÁRIO URBANO A SER IMPLANTADO				
SIMB.	IDENT.	QUANT.	DIMENS.	DESCRIÇÃO
	Lixeira	54 uni.	0,26 m²	Lixeira em escamas constituídas por chapas de aço
	Bicicletário	08 uni.	3,60 m²	Módulo vertical com capacidade para 06 bicicletas
	Banco 01	03 uni.	54,00 m²	Banco em forma de peixe, com canteiro elevado
	Banco 02	01 uni.	30,42 m²	Banco em forma de peixe, com canteiro elevado
	Banco 03	05 uni.	21,55 m²	Banco em forma de peixe, com canteiro elevado
	Banco 04	08 uni.	12,35 m²	Banco em forma de peixe, com canteiro elevado

PARÂMETROS URBANÍSTICOS DA INTERVENÇÃO x LEGISLAÇÃO				
DIRETRIZ	VALOR	%	LEGISLAÇÃO	ATENDE?
TAXA DE OCUPAÇÃO	8.701,21 m²	0,5	2,0	SIM
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	8.701,21 m²	50,09 %	70 %	SIM
ÁREA PERMEÁVEL	12.250,25 m²	70,52 %	15 %	SIM
ÁREA TOTAL DE INTERVENÇÃO: 17.368,92 m²				

NOTA:
O conceito do projeto parte da valorização da memória afetiva e coletiva da antiga comunidade tradicional de pescadores que habitava a região do Jaraguá, em Maceió/AL. O partido arquitetônico adota um **traçado orgânico** inspirado nas formas fluidas das **ondas**, nas curvas das **barcas** e no movimento natural das **redes de pesca**. Esse desenho se manifesta na malha urbana e na setorização dos espaços, que evocam o contorno dos **peixes**, a franjação das redes e a fluidez do mar, bem como foram incorporados elementos regionais que fazem alusão a vivência costeira , estrategicamente inseridos para reforçar esse apelo estético e simbólico.

DET. 01 - BICICLETÁRIO ONDA



01 **PLANTA URBANA DE INTERVENÇÃO**
escala: 1/750

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA: INDICADA

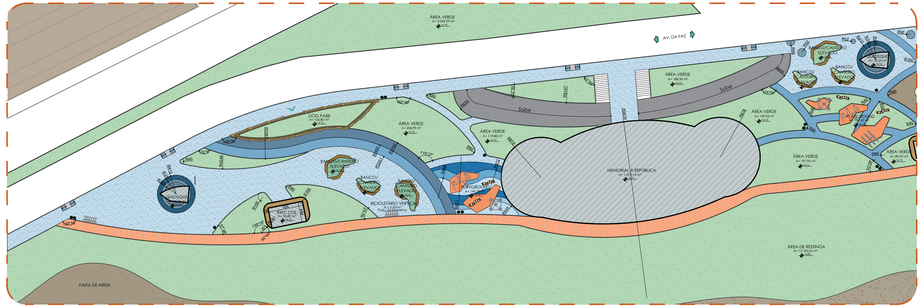
DATA: AGOSTO DE 2025

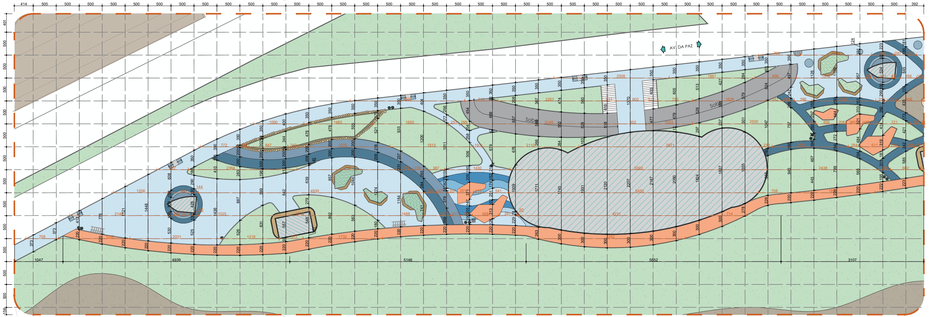
ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL
UFERSA
CAMPUS DE MOSSORÓ

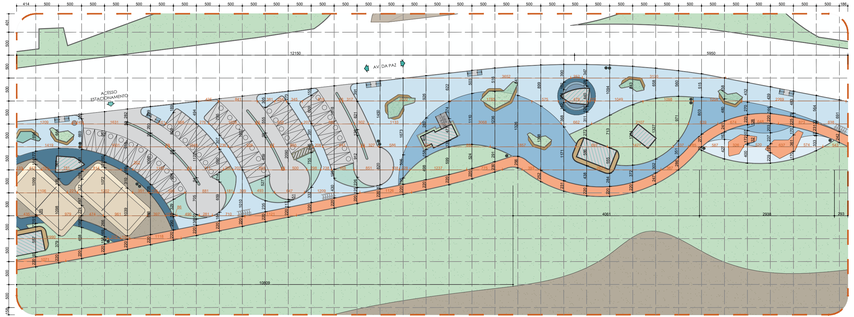
PRANCHA: 07 | 14





01 DETALHAMENTO - SEÇÃO PROJETUAL 01
escala: 1:500



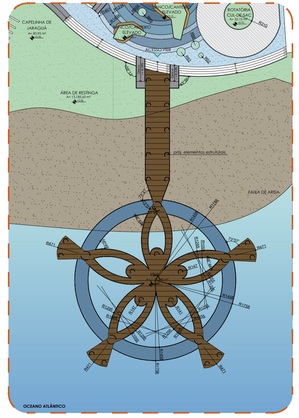


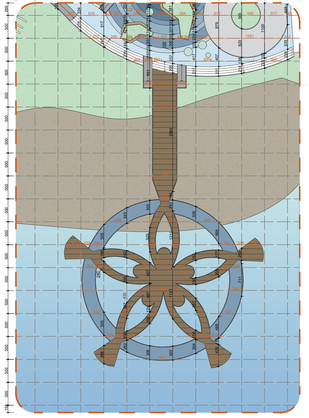
02 DETALHAMENTO - SEÇÃO PROJETUAL 02
escala: 1:500

NOTA:
Devido a amplitude da área de intervenção e do conformação orgânico do projeto, a vetorização foi segmentada em cinco seções projetuais ampliadas, a fim de otimizar a diagramação e favorecer a clareza na apresentação do conjunto.
Dessa forma, cada seção conta com uma ampliação duplicada, onde a primeira ilustra a tracejado geral com todas as informações/anotações pertinentes acerca da infraestrutura implantada e a segunda, por sua vez, conta com o detalhamento construtivo, em malha de cotas de 05 em 05 metros, favorecendo a ornamação tanto no sentido longitudinal quanto transversal.



04 MOCKUP DE SETORIZAÇÃO
escala: 1/4000





03 DETALHAMENTO - SEÇÃO PROJETUAL 05
escala: 1:500

orla jaraguá
ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA:
INDICADA

DATA:
AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO
ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
UFERSA
CAMPUS DE SERRA TALHADA

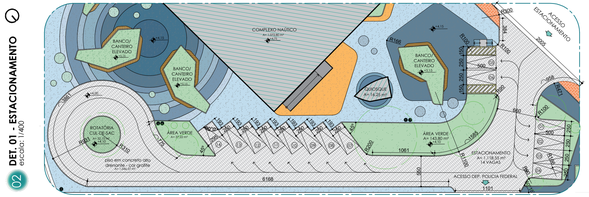
NOTA:

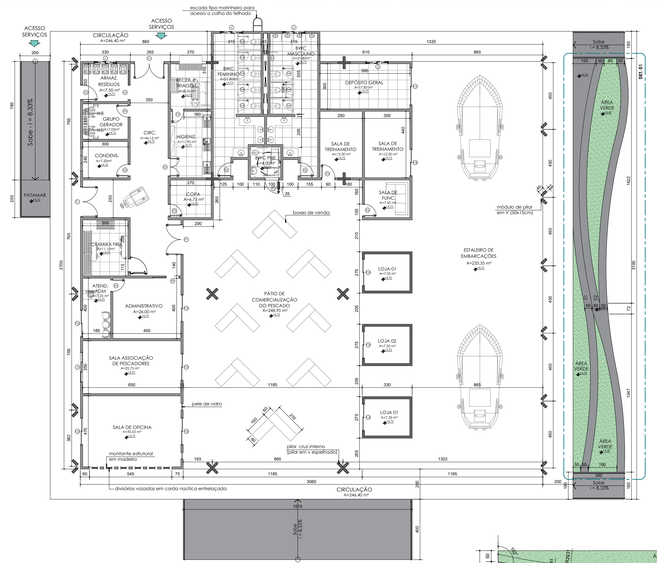
Devido a amplitude da área de intervenção e de sua conformação orgânica do projeto, a setorização foi segmentada em cinco seções projetuais amplidadas, a fim de otimizar a diagramação e favorecer a clareza na representação do conjunto.

Dessa forma, cada seção corta com uma ampliação duplicada, onde a primeira ilustra o traçado geral com todas as informações/anotações pertinentes acerca do mobiliário instalado e a segunda, por sua vez, conta com o detalhamento construtivo em metros de cotas de 05 em 05 metros, favorecendo a amarração, tanto no sentido longitudinal quanto transversal.

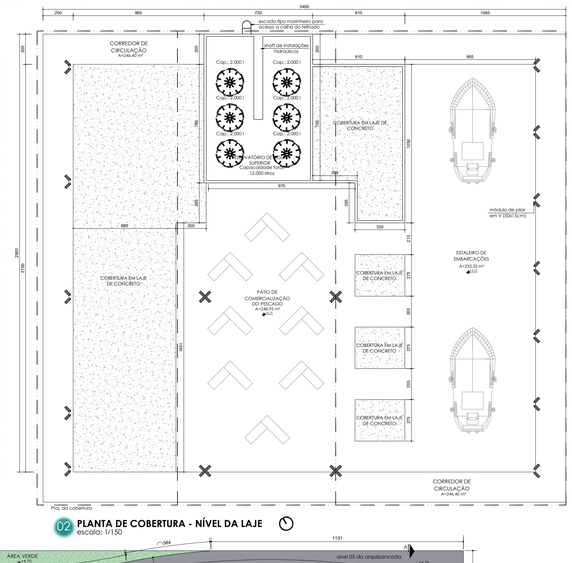


01 **MOCKUP DE SETORIZAÇÃO**
escala: 1/4000

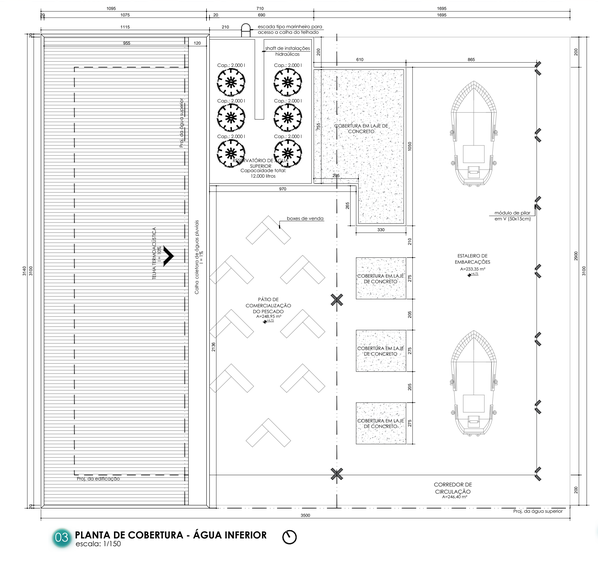

COMPLEXO MAÇÔNICO
BANCO CARIBRÓ ELEVADO
BANCO CARIBRÓ ELEVADO
BANCO CARIBRÓ ELEVAD



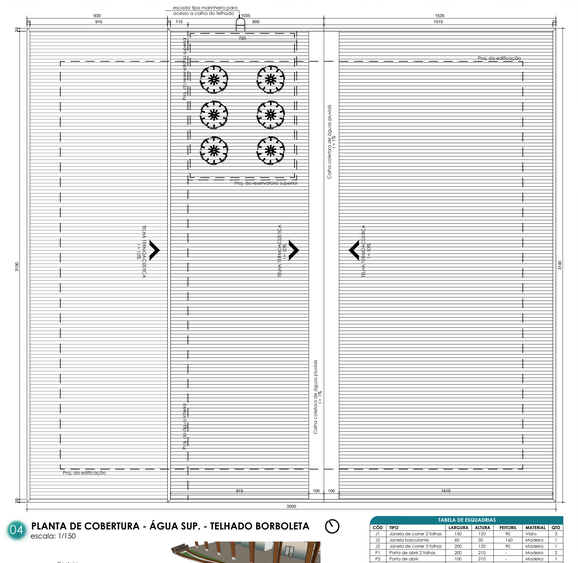
01 PLANTA BAIXA - COMPLEXO NAÚTICO
escala: 1/150



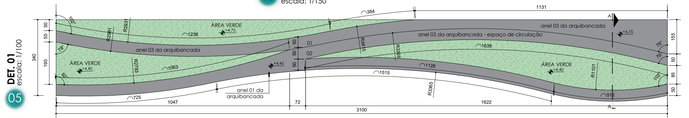
02 PLANTA DE COBERTURA - NÍVEL DA LAJE
escala: 1/150



03 PLANTA DE COBERTURA - ÁGUA INFERIOR
escala: 1/150



04 PLANTA DE COBERTURA - ÁGUA SUP. - TELHADO BORBOLETA
escala: 1/150



05 DET. 01
escala: 1/100



06 VISTA FRONTAL - ARQUIBANCADA
escala: 1/100



07 CORTE AA - ARQUIBANCADA
escala: 1/100



08 PERSPECTIVA
escala: 1/100

TABELA DE ESQUADRIAS

CÓD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	MATERIAL	QTD
J1	Janela de correr 2 folhas	200	120	90	Madeira	2
J2	Janela de correr 3 folhas	300	120	90	Madeira	1
P1	Porta de abrir 2 folhas	200	210	-	Madeira	2
P2	Porta de abrir	100	210	-	Madeira	1
P3	Porta de correr	100	210	-	Madeira	1
P4	Porta de abrir	80	210	-	Madeira	11
P5	Porta de abrir 2 folhas	120	210	-	Madeira	1
P6	Porta de abrir	90	210	-	Madeira	5
P7	Porta de abrir 2 folhas	200	210	-	Vidro	1
P8	Porta de correr	90	210	-	Madeira	3
P9	Porta de abrir	90	210	-	Madeira	3
P10	Porta de correr emb+fixo	80	210	-	Madeira	1
P11	Porta de abrir 2 folhas	150	210	-	Madeira	1
P21	Porta-janela 2 folhas	200	210	-	Madeira	1
P12	Porta-janela 2 folhas	180	210	-	Madeira	4
P13	Porta-janela 2 folhas	180	210	-	Vidro	1

OBS: todas as medidas encontram-se em centímetros

yaraguá
ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

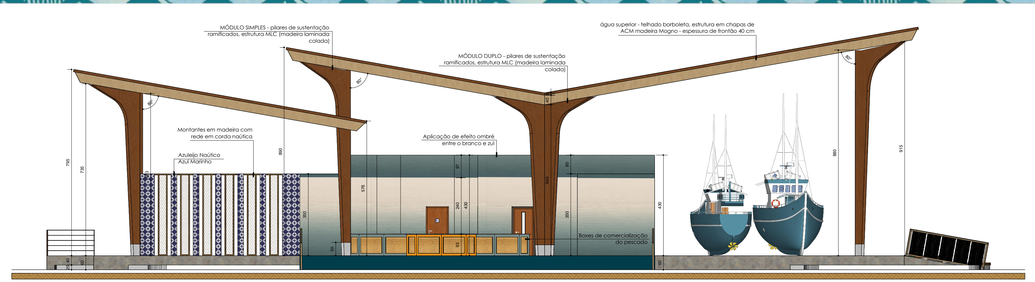
ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA:
INDICADA

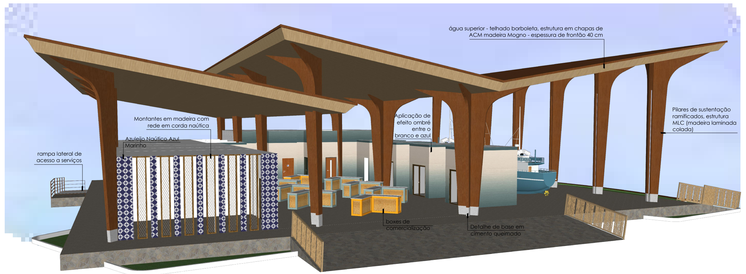
DATA:
AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO
ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

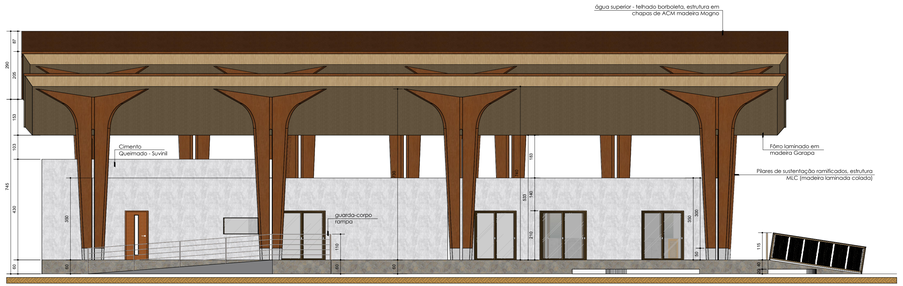
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
UFERSA
CAMPUS DE SOBRAL



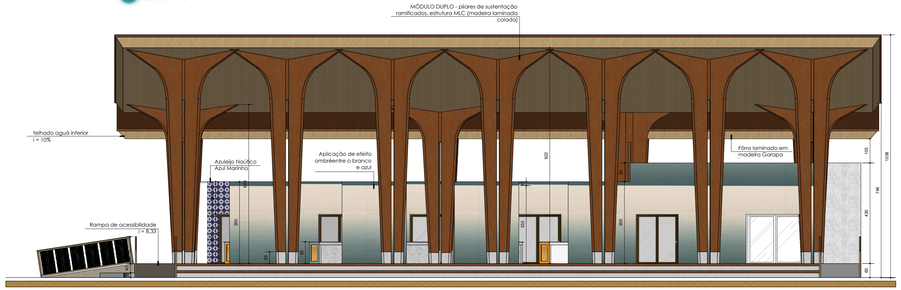
01 FACHADA SUL - COMPLEXO NAÚTICO
escala: 1/100



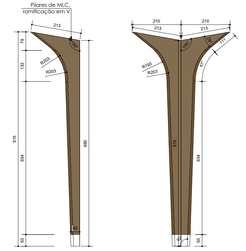
02 PERSPECTIVA DE FACHADA - COMPLEXO NAÚTICO
escala visual



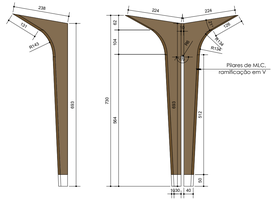
03 FACHADA OESTE - COMPLEXO NAÚTICO
escala: 1/100



04 FACHADA LESTE - COMPLEXO NAÚTICO
escala 1:100



05 DETALHAMENTO - PILAR EM V - MÓDULO DUPLO
escala: 1/100



06 DETALHAMENTO - PILAR EM V - MÓDULO SIMPLES
escala: 1/100

NOTA:
Pilares ramificados em formato de V, cuja estrutura é feita de madeira engenheirada, possui estrutura composta de base única se ramificando em duas hastes que sustentam a cobertura em diferentes pontos. Estruturalmente falando o design ramificado amplia os pontos de apoio da cobertura, criando uma distribuição de carga mais eficiente, além de permitir a criação de pórticos que contribuem com a estabilidade lateral da estrutura.
O ACM atua como revestimento de fechamento, protegendo vigas e elementos estruturais de madeira contra chuva, vento e radiação solar direta nas extremidades.

ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

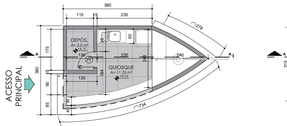
ESCALA:
INDICADA

DATA:
AGOSTO DE 2025

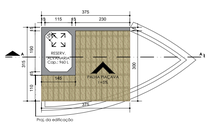
ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

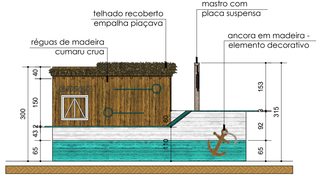
UNIVERSIDADE FEDERAL
UFERSA
CAMPUS DE MOSSORÓ



01 PLANTA BAIXA - QUIOSQUE
escala: 1/100



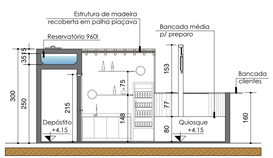
02 PLANTA DE COBERTURA - QUIOSQUE
escala: 1/100



03 FACHADA SUL - QUIOSQUE
escala: 1/100



04 FACHADA OESTE - QUIOSQUE
escala: 1/100



05 CORTE AA - QUIOSQUE
escala: 1/100



06 PERSPECTIVA 01 - QUIOSQUE
escala visual

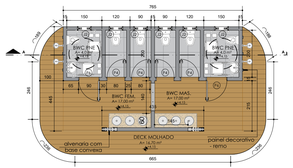


07 PERSPECTIVA 02 - QUIOSQUE
escala visual

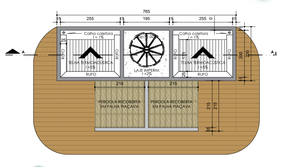
TABELA DE ESQUADRIAS

CÓD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	MATERIAL	QTD
J1	Janela de correr 2 folhas	150	120	90	Vidro	3
J2	Janela basculante	60	30	160	Madeira	1
J3	Janela de correr 3 folhas	200	120	90	Madeira	1
P1	Porta de abrir 2 folhas	200	210	-	Madeira	2
P2	Porta de abrir	100	210	-	Madeira	1
P3	Porta de correr	100	210	-	Madeira	1
P4	Porta de abrir	80	210	-	Madeira	11
P5	Porta de abrir 2 folhas	120	210	-	Madeira	1
P6	Porta de abrir	90	210	-	Madeira	5
P7	Porta de abrir 2 folhas	200	210	-	Vidro	1
P8	Porta de correr	90	210	-	Madeira	1
P9	Porta de abrir	70	210	-	Madeira	1
P10	Porta de correr embutida	80	210	-	Madeira	1
P11	Porta de abrir 2 folhas	150	210	-	Madeira	1
P12	Porta-janela 2 folhas	200	210	-	Madeira	1
P13	Porta-janela 2 folhas	180	210	-	Madeira	4
P14	Porta-janela 2 folhas	180	210	-	Vidro	5

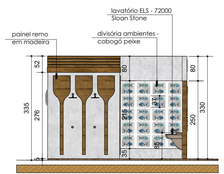
OBS: todas as medidas encontram-se em centímetros



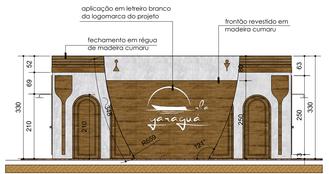
08 PLANTA BAIXA - BWC COLETIVO
escala: 1/100



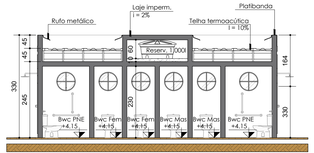
09 PLANTA DE COBERTURA - BWC COLETIVO
escala: 1/100



10 FACHADA LESTE - BWC COLETIVO
escala: 1/100



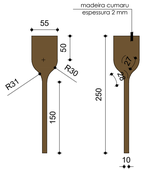
11 FACHADA SUL - BWC COLETIVO
escala: 1/100



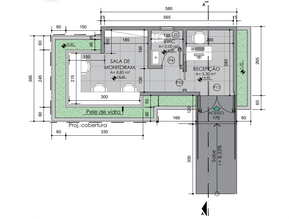
12 CORTE AA - BWC COLETIVO
escala: 1/100



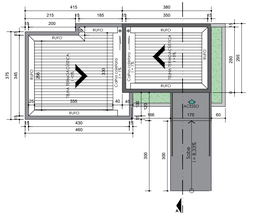
13 PERSPECTIVA 01 - BWC COLETIVO
escala visual



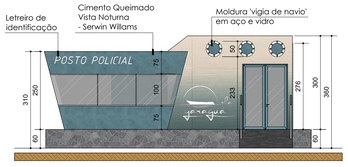
14 DETALHAMENTO - PAINEL REMO
escala: 1/50



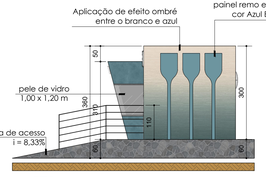
15 PLANTA BAIXA - POSTO POLICIAL
escala: 1/100



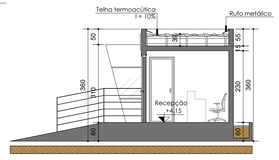
16 PLANTA DE COBERTURA - POSTO POLICIAL
escala: 1/100



17 FACHADA SUL - POSTO POLICIAL
escala: 1/100



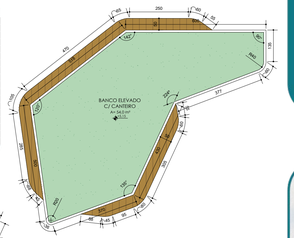
18 FACHADA LESTE - POSTO POLICIAL
escala: 1/100



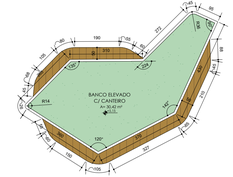
19 CORTE AA - POSTO POLICIAL
escala: 1/100



20 PERSPECTIVA 01 - POSTO POLICIAL
escala visual



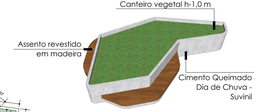
21 PB BANCO 01 - CANTEIRO ELEV.
escala: 1/100



22 PB BANCO 02 - CANTEIRO ELEV.
escala: 1/100



23 DETALHAMENTO - BANCO PEIXE
escala visual





24 PB BANCO 03 - CANTEIRO ELEV.
escala: 1/100



25 PB BANCO 04 - CANTEIRO ELEV.
escala: 1/100

yaraguá
ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA: INDICADA

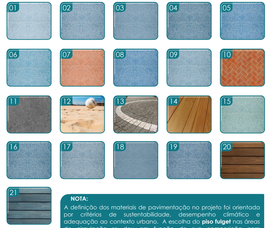
DATA: AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO

ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
UFERSA
CAMPUS DE SERRA TALHADA

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES - PAGINAÇÃO DE PISO		
SIMB.	QUANTIDADE	MATERIAL
P01	5.563,86 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #C0DCED
P02	276,59 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #79A187
P03	100,03 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #5F84A1
P04	128,01 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #23587A
P05	943,13 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #1A72AD
P06	18,31 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #64AACB
P07	26,25 m²	Piso Fulget Laranja - tonalidade #F26722
P08	28,85 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #1A72AD
P09	47,74 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #94B8C7
P10	1.522,52 m²	Bloquete intertravado espinha de peixe
P11	433,87 m²	Piso cimentício cru
P12	405,85 m²	Piso em solo natural de areia lavada e peneirada
P13	1.848,62 m²	Piso em concreto alto desempenho - cor Grafite
P14	885,83 m²	Piso em Deck de Madeira Garapa - acabamento cru
P15	15,31 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #5E8CA4
P16	251,09 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #23587A
P17	25,90 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #618196
P18	32,60 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #7A96AB
P19	26,05 m²	Piso Fulget Azul - tonalidade #115072
P20	524,62 m²	Piso em Deck de Madeira Cumaru Ipê - acabamento cru
P21	263,93 m²	Piso em Deck de Madeira Cumaru Ipê - acabamento ra cor azul
ÁREA REVESTIDA TOTAL - 13.654, 37 m²		



NOTA:
A definição dos materiais de pavimentação no projeto foi orientado por critérios de sustentabilidade, desempenho climático e adequação ao contexto urbano. A escolha do **piso fulget** nas áreas de circulação se deu em função de sua composição com agregados naturais e de sua capacidade térmica atenuada, que proporciona maior conforto ao toque e contribui para a redução da absorção de calor. Para os estacionamentos, optou-se pelo uso do **concreto alto drenante**, material poroso que permite o escoamento natural da água da chuva, auxiliando na recarga do lençol freático e na redução de alagamentos, além de evitar sobrecarga do sistema de drenagem urbana.

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES - ESPÉCIES VEGETAIS DA ORLA JARAGUÁ



IPÊ ROXO / PAU D'ARCO
Nome científico: *Handroanthus impetiginosus*
Quantidade: 23 unidades
Copa: 12 metros
Altura: 15 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Agosto a Setembro*



PATA DE VACA ANÃ
Nome científico: *Bauhinia Variegata*
Quantidade: 39 unidades
Copa: 03 metros
Altura: 10 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Agosto a Outubro*



PAU - BRASIL
Nome científico: *Paubrasilia Echinata*
Quantidade: 11 unidades
Copa: 15 metros
Altura: 30 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Dezembro a Maio*



JASMIN MANGA
Nome científico: *Plumeria Rubra*
Quantidade: 32 unidades
Copa: 04 metros
Altura: 05 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Junho a Dezembro*



PINHA / FRUTA DO CONDE
Nome científico: *Annona squamosa*
Quantidade: 10 unidades
Copa: 02 a 04 metros
Altura: 03 a 06 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Outubro a Janeiro*



DRACENA TRICOLOR
Nome científico: *Dracaena marginata Tricolor*
Quantidade: 75 unidades
Copa: 01 metro
Altura: 02 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Dezembro a Fevereiro*



ARECA BAMBU
Nome científico: *Dypsis Lutescens*
Quantidade: 36 unidades
Copa: 03 metros
Altura: 06 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Dezembro a Março*



PITANGUEIRA
Nome científico: *Eugenia Uniflora*
Quantidade: 15 unidades
Copa: 03 metros
Altura: 06 metros
Realocadas: *Nova espécie*
Período de Floração: *Setembro a Dezembro*



COQUEIRO
Nome científico: *Cocos Nucifera*
Quantidade: 214 unidades
Copa: *04 a 06 metros*
Altura: *10 a 20 metros*
Realocadas: *32 unidades*
Período de Floração: *Floração contínua*



AMENDOEIRA DA PRAIA
Nome científico: *Terminalia Catappa*
Quantidade: 102 unidades
Copa: *06 a 10 metros*
Altura: *08 a 15 metros*
Realocadas: *04 espécies*
Período de Floração: *Março a Junho*



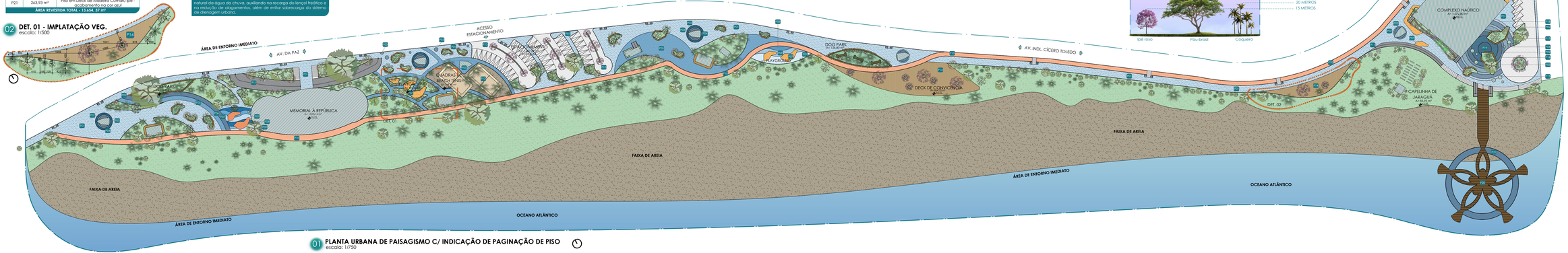
OLEAGNO
Nome científico: *Elaeagnus pungens*
Quantidade: 01 unidade
Copa: *01 metro e meio*
Altura: *01 metro e meio*
Período de Floração: *Abril a Junho*

NOTA:
A seleção das espécies combina exemplares de grande porte (como o coqueiro, o ipê roxo e a amendoeira da praia) posicionados estrategicamente para proporcionar sombreamento, controlar insolação e assegurar o conforto térmico sem obstruir a ventilação natural. Os estratos de médio porte, como a amendoeira da praia, a pata de vaca e a jasmin manga, desempenham um papel de transição entre as áreas abertas e sombreadas, garantindo diversidade cromática e sazonalidade ao paisagismo. Espécies de pequeno porte e arbustivas foram inseridas para enriquecer a composição estética, criando pontos de cor e textura sem comprometer a visualização da paisagem natural do horizonte marítimo. A distribuição das espécies foi realizada de maneira pontual e alternada, evitando maciços excessivos que produzam barreiras físicas ou visuais, assegurando a permeabilidade visual para o mar, aos marcos culturais e a fruição contínua da paisagem da orla e do espaço público do entorno.



GRAMA ESMERALDA
Nome científico: *Zoysia japonica*
Quantidade: 2.566,83 m²
Altura: *15 centímetros metros*
Realocadas: -
Período de Floração: *Dezembro a Março*

02 DET. 01 - IMPLATAÇÃO VEG.
escala: 1/500



01 PLANTA URBANA DE PAISAGISMO C/ INDICAÇÃO DE PAGINAÇÃO DE PISO
escala: 1/750

PERFIL PAISAGÍSTICO - PORTE PEQUENO



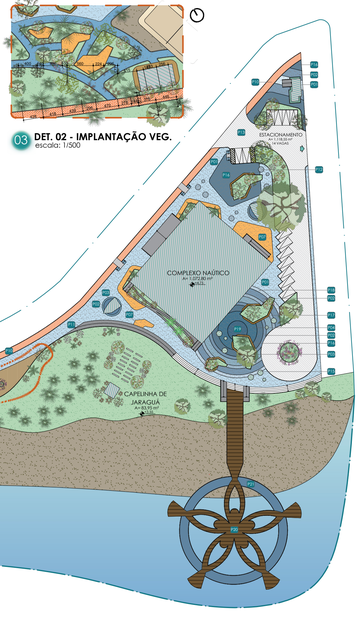
PERFIL PAISAGÍSTICO - PORTE MÉDIO



PERFIL PAISAGÍSTICO - PORTE GRANDE



03 DET. 02 - IMPLANTAÇÃO VEG.
escala: 1/500



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

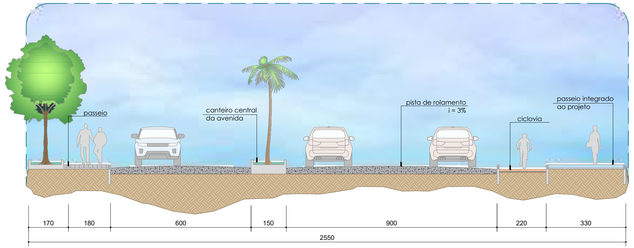
CONTEÚDO:
INDICADO

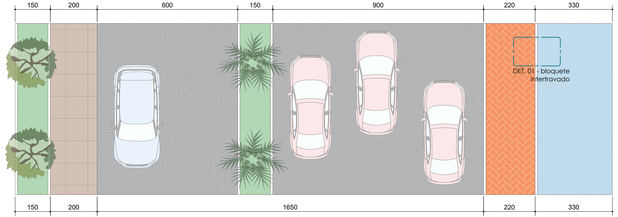
AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

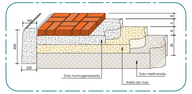
ESCALA: INDICADA
DATA: AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO
ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
UFERSA

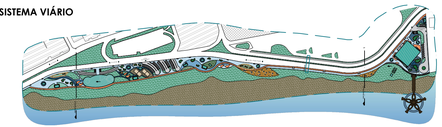




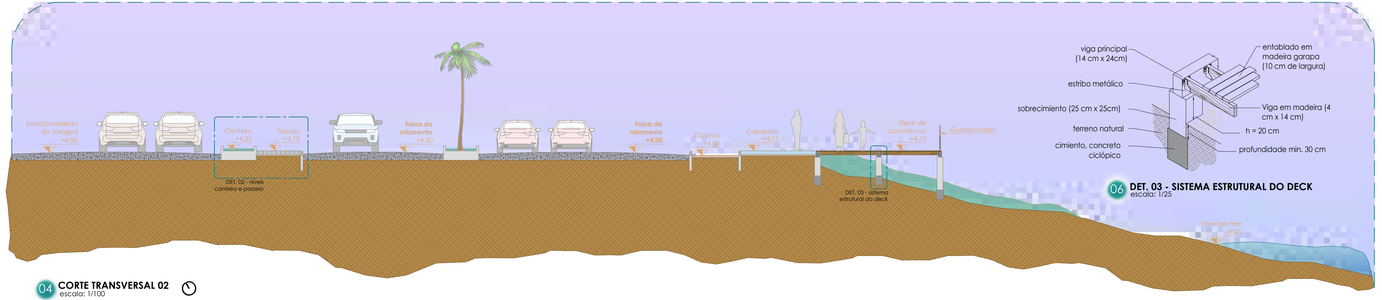
01 PERFIL - TIPOLOGIA DO SISTEMA VIÁRIO
escala: 1/100



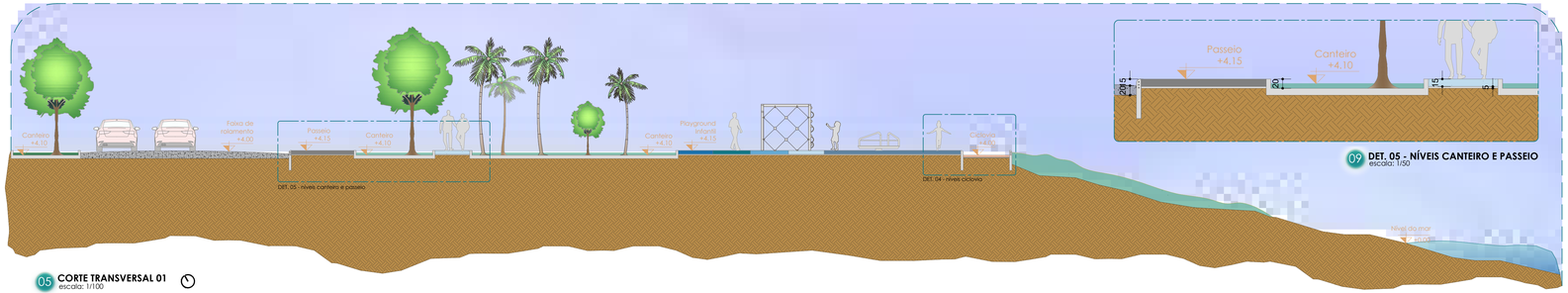
02 DET. 01 - BLOQUETE INTERTRAVADO
escala: 1/200



03 MOCKUP - ELEVAÇÕES URBANAS
escala: 1/4000

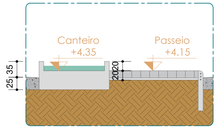


04 CORTE TRANSVERSAL 02
escala: 1/100

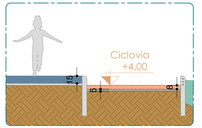


05 CORTE TRANSVERSAL 01
escala: 1/100

06 DET. 03 - SISTEMA ESTRUTURAL DO DECK
escala: 1/25



07 DET. 02 - NÍVEIS CANTEIRO E PASSEIO
escala: 1/50



08 DET. 04 - NÍVEIS CICLOVIA
escala: 1/50

09 DET. 05 - NÍVEIS CANTEIRO E PASSEIO
escala: 1/50

orla yaraguá
ANTEPROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO/TIPOLOGIA:
PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA ORLA DO JARAGUÁ - MACEIÓ/AL

LOCALIZAÇÃO:
AV. INDUSTRIAL CÍCERO TOLEDO
BAIRRO JARAGUÁ, MACEIÓ
ALAGOAS

CONTEÚDO:
INDICADO

AUTOR/DISCENTE:
ISABELLE PEREIRA SOARES

ORIENTADOR:
PROF. DR. ANTONIO CARLOS LEITE BARBOSA

ESCALA:
INDICADA

DATA:
AGOSTO DE 2025

ARQUITETURA E URBANISMO
ISABELLE SOARES
ARQUITETA E URBANISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
UFERSA
CAMPUS DE SOBRAL

yaraguá

CADERNO DE IMAGENS



CAPELINHA



CAPELINHA



POSTO POLICIAL + ESTACIONAMENTO



COMPLEXO NAÚTICO + ESTACIONAMENTO



QUIOSQUE



COMPLEXO NAÚTICO



COMPLEXO NAÚTICO



PASSEIO + DECK



PÍER ELEVADO



BICICLETÁRIO



PASSEIO + DECK



QUIOSQUE



PLAYGROUND



BANCOS ELEVADOS



QUIOSQUE



QUIOSQUE



QUIOSQUE



QUADRAS DE BEACH TÊNIS



BWC COLETIVO



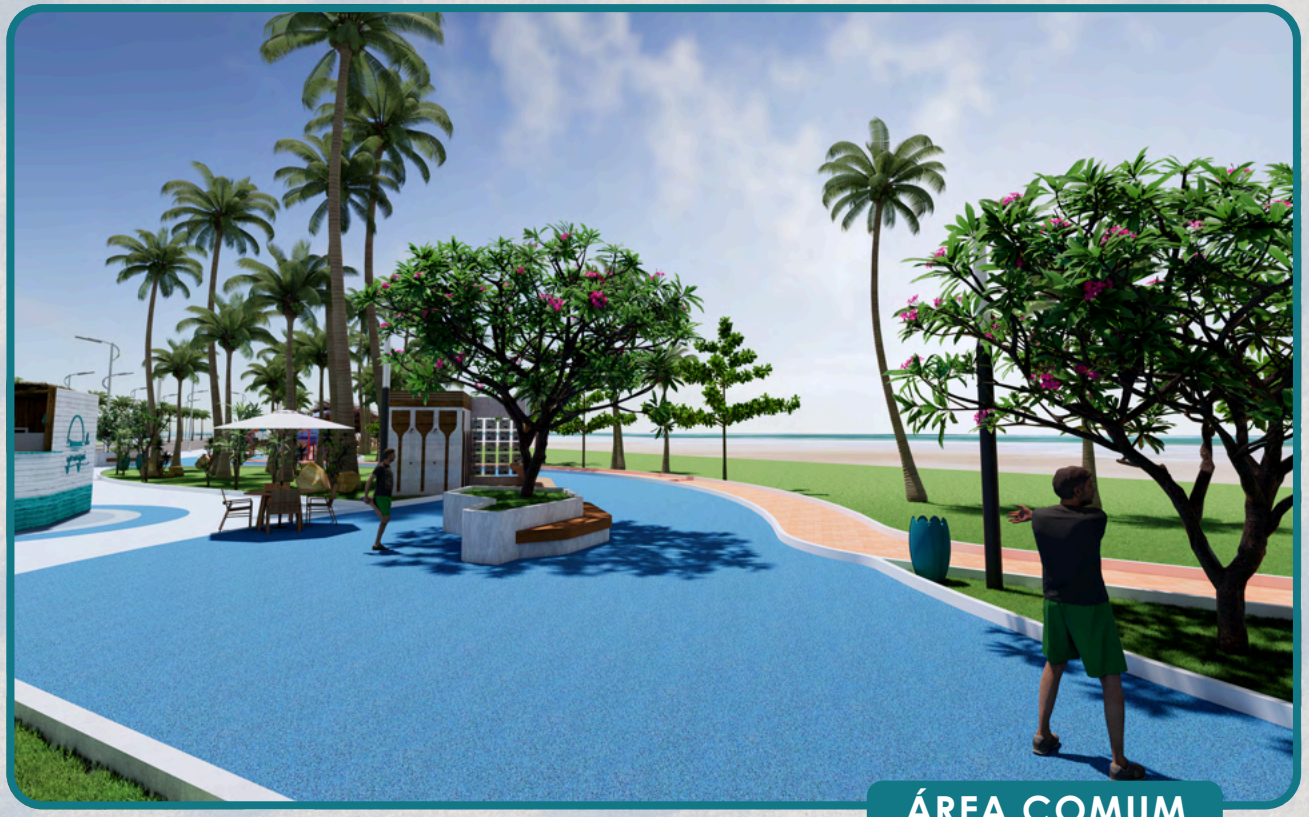
BWC COLETIVO



POSTO POLICIAL



POSTO POLICIAL



ÁREA COMUM



ESTACIONAMENTO



QUIOSQUE



QUIOSQUE



CANTEIROS



PASSEIO



PLAYGROUND



PLAYGROUND



DOG PARK



DOG PARK



DOG PARK



DOG PARK



DECK DE CONVICÊNCIA



DECK DE CONVIVÊNCIA



ISABELLE SOARES

Pau dos Ferros/RN e Maceió/AL
(82) 98226-1847
arq.isabellesoares@gmail.com